

R E V I S T A D O B R A S I L

DIRECTORES: PAULO PRADO E MONTEIRO LOBATO

m %

S U M M A R I O

O VALOR PRAGMATICO DO ESTUDO DO PASSADO . .	Oliveira Vianna	289
AO TRANCO	Vieira Pires	307
A NECESSIDADE DE ESQUE- CER...	Miguel Ozorio de Almeida .	311
A BELLEZA PASSAGEIRA DOS MEUS OLHOS	Rodrigues de Abreu	326
FRAUTA QUE EU PERDI . .	Martins de Almeida	329
P'RA CURAR FEIURA	Odilon Azevedo	331
GOYAZ VERSUS MATTO GROS- SO	Mariz e Barros	342
CONTO DAS RUAS	Brenno Pinheiro	348
DOMINGO DOS SÉCULOS . .	Rênè Thiollier	351

BIBLIOGRAPHIA — BESENHA DO MEZ — DEBATES E PESQUIZAS
— NOTAS DO EXTERIOR — AS CARICATURAS DO MEZ

COMP. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO
PRAÇA DA SÉ, 34 SÃO PAULO



Obras de Contabilidade

DE CARLOS DE CARVALHO

Estudoj i/e Contabilidade, obra em quat'ro volume«, em brochura 40\$000

Tratado Elementar de Contabilidade. Obra adoptada nat principaes escola» de commercio do paiz. Util aoi que desejam adquirir conhecimentos profundos em contabilidade. Em brochura . 10\$000

Explicações Praticas de Escripção Mercantil. Livro indicado aos que desejarem adquirir os primeiros conhecimentos de contabilidade. Em brochura . 6\$000

Arilhmetica Commercial e Financeira. Obra indispensável para se adquirir conhecimentos profundos em mathematica commercial e financeira. Em brochura . 10\$000

Noções de Cálculos Commercias e Financeiros. E' indispensável aos que não tinham conhecimento de mathematica commercial e financeira. Em brochura . 6\$000

Problemas de Escripção. Obra necessaria aos coladores e guarda-livros, pois

trata de todo e qualquer caso de abertura de escriptas e balanços. Em brochura . 20\$000

Contabilidade das Companhias de Segures de Vida. Como indica o titulo do livro, serve para a contabilidade dos seguros de vida. Em brochura 12\$000

DE FRANCISCO D'AURIA

Curso de Contabilidade, em Jez volumes, tendo sido já publicados os seguintes:

Contabilidade Mercantil, em brochura . 10\$000

Contabilidade Dançaria, em brochura . 12\$000

Contabilidade Industrial, em brochura . 10\$000

No prélo: *Contabilidade das Empresas; Contabilidade Publica; Contabilidade Domestica; Contabilidade Theorica; Contabilidade Agricola e Pastoral; Mathematica Commercial; Mathematica Financeira.*

DE D. SANTOS

Contabilidade Agricola, em brochura . 1C\$000

I P e c l i c i o s i á

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato
Praça da Sé, 34 >São Paulo

Kohberg, Berti & Co Ltd

IMPORTADORES E INDUSTRIAES
RUA LIBERO BADARO', 169
S. PAULO

Rio de Janeiro, Stockholm, Hamburg, New-York e Londres

**Papel,
materiaes
para
construcção,
aço,
ferro,
Cimento
"2 Bandeiras"
e "Bandeira
Sueca".**



SDITORBS: RUIZ HFRMANOS, Madrid - FELIX ALCAN, Paris - NICOLA ZANICHELLI,
Bolonha - WILLIAMS NORGATE, Londres - WILLIAMS & WILKINS Co., Baltimore
RENASCENÇA PORTUOUEZA, Porto - THE MARUZEN COMPANY, Tokio.

"SCIENTIA"

Revista Internacional de Synthese Scientifica
Publicação mensal (Cada numero 120 páginis)
Director: EUGENIO RIGNANO

É a única revista que tem verdadeiramente collaboradores em todo o mundo.

É a única revista de circulação mundial.

É a única revista de synthese e de unificação da sciencia que trata de todas as questões fundamentaes: historia das sciencias, mathematica, astronomia, geologia, physica, chiniica, biologia, pscologia e sociologia.

É a única revista que por meio de investigações entre os mais eminentes sábios e escriptores de todas as nações *(sobre os principios philosophicos das differentes sciencias; sobre as mais importantes questões astronômicas e physicas do dia e especialmente sobre a relatividade; sobre a contribuição dos differentes paizes no desenvolvimento dos ramos da sciencia; sobre as maiores questões biologicas e, particularmente, sobre vitalismo; a questão social; as grandes questões excitadas da grande guerra)* estuda todos os problemas fundamentaes que possam interessar aos sábios e aos intellectuaes de todo o mundo e ao mesmo tempo constitue a primeira tentativa de organização internacional do movimento philosophico e scientifico.

É a única revista que conta com a collaboração dos mais illustres sábios do mundo. Todos os fascículos levam o nome de mais de 350 collaboradores.

Os estudos são publicados na lingua nacional de seus autores e cada caderno tem annexo um *supplemento levando a traducção francesa de todos os estudos cujo original não é frances*. Por isto a revista pode ser lida pelos que conhecem unicamente o francez. (Peçam exemplares gratuitos de amostra ao Secretario Geral da "Scientia", Milano, enviando a titulo de reembolso dos gastos do correio e envio, 1 peseta em sellos postaes).

Asaienatura*: 100 liras italianas.

OFFICINAS DA REVISTA: Via A. Bertani, 14, MILANO (26)

Secretario Gerkl da Redacção, Dr. PAOLO BONETTI



VOXOPHONE

(A grande marca brasileira)

Feitos de escolhidas madeiras do paiz e sendo nelles applicados os melhores accessorios, são

**em acabamento melhor
em sonoridade igual**

ao mais caro aparelho extran-yeiro; custam porém, quasi a metade destes, pois não são sujeitos ás grandes despesas de importação, nem á oscillação do cambio.

Venham examinal~os, sem compromisso de compra,

n a C A S A O D E O N

Rua de São Bento N. 62

BIOTONICO FONTOURA

FORTIFICANTE EFFICAZ

PARA

HOMENS, SENHORAS E CRIANÇAS



Consagrado pelas maiores notabilidades medicas em virtude do valor de sua formula e da seriedade de sua fabricação, de accordo com a mais rigorosa technica scientifica, sendo o remedio indicado para todos os organismos enfraquecidos que necessitam de um reconstituente de acção rapida e segura.

O MAIS COMPLETO FORTIFICANTE

Presente de Natal para a creangada

DODÓCA, historia de uma boneca, de d. Dolores Barreto

A CAÇADA DA ONÇA, de Monteiro Lobato

JÉCA TATUZINHO, de Monteiro Lobato

Dosde já acceitam-so pedidos.

Ululado* por Wi«e

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato

PRAÇA DA SÉ, 34 - CAIXA, B — SÃO PAULO



COMPANHIA GRAPHICO - EDITORA

Escrip. Central:
Praça da Sé, 34
1º Andar

MONTEIRO LOBATO
SÃO PAULO

End. Telegraphico:
"EDITORIA"
Caixa 2 - B

Contos Escolhidos DE MONTEIRO LOBATO

PREÇO : **4&000**

Magnifico volume em que o escriptor Monteiro Lobato reuniu, para a juventude, os melhores contos dos livros que já publicou.

Nelle se encontra o "que de melhor se contem em Urupês, Cidades Mortas e Negrinha, como se verifica do seguinte summario.

0 engraçado arrependido	0 "resto da onça"
A colcha de retalhos	Traga de um capão de pintos
A vingança da peroba	Pedro Pichorra
Bucólica	0 22 da "Marajó"
0 comprador de fazendas	A onda verde
0 estafeta	A lua córnea
As fitas da vida	0 despique
0 drama da geada	Veteranos
0 jardineiro Tímotheo	A nuvem de gafanhotos
0 rapto	Triptico indígena

Para recommendar a obra, basta dizer que a direcção do Collegio Mackenzie de S. Paulo já a aprovou para leitura de suas classes secundarias, no que foi acompanhado por vários outros estabelecimentos de ensino do Estado.

A' venda em todas as livrarias do palz e na

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato
Praça da Sé, 34 - S. PAULO - Caixa, 2-B



VIGOGENIO

0 fortificante máximo para todas as edades

Calcifica os ossos e dá phosphoros

Sempre que os MESTRES DA SCIENCIA precisam de aplicar um fortificante recebem o VIGOGENIO.

FRACOS, rachíticos, ANÊMICOS, depauperados, NEURASTHENICOS, usem o VIGOGENIO.

Na fraqueza pulmonar e CONVALESCENÇAS o seu effeito é immediato e positivo.

Cicenciaão pelo D. n. òe S. P. sob. n. 833 em 20-11-919.

* (É. ar t / • - O reinedio das senhoras.
/ *KILXO* - <É)Oil(tulCI Conibate as cólicas uterinas, mesmo as
da gravidez, em duas horas. É o *melhor remédio* para as doenças
do utero, como FLORES BRANCAS, iuflammações, *ufro cahido*,
corrimentos, *calharru do ute.ro*. A FLUXO - SEDATINA é usada
com optimos resultados nos Hospitales e Maternidades.

Cicenciado pelp D. 17. de 5. p. sob n. 67 em 28-6-1915.

$$\wedge X \wedge X \wedge K \wedge X \wedge I K - X K \wedge K - IK \wedge X \wedge X \wedge X \wedge X \wedge X \wedge X \wedge X \wedge X \wedge X K \wedge X'$$



SYPHILIS!!!

Abortos! Chagas! Invalidez!
Rheumatismo! Eczemas!

UM HORROR!!!

Awtyphilis produz Abortos, enche o corpo de Chagas, destrrte as Ge-
rações, faz os filhos Degenerados <• Paralyticos. Produz Placas, Quêda do
Cabello e das unhas, faz as pessoas Repugnantes! Ataca o Coração, o Ilaço,
o Fígado, os Rins, a liocca, a Garganta, produz 'o Rheumatismo, Purgações
dos ouvidos, Eczemas, irrupções da pelle, feridas no corpo todo, a Cegueira,
a Loucura, einflin, ataca todo o organismo. Eliminar a Syphilis de casa
porque não havendo Saude não ha Alegria.

ELIXIR 914

E' o melhor depurativo do sangue. Deve ser
usado em qualquer manifestação da Syphilis
e da Bôba.

AINDA MAIS !

O ELIXIR 914

não <• só um grande Depurativo como um
enérgico preparado contra a Syphilis, porque
(ontem llermophenyl o qual dentróe os mi-
cróbios ilo sangue. E' o único sal que deve ser usado por via gastrica pela
sua acção bactericida e porque não ataca o estômago nem os dentes, não
produz erupções, ao contrario, sécca e faz desaparecer as feridas. Não
contem arsénico nem iodureto," sendo inoffensivo ás crianças.

O que o doente sente com o uso do **ELIXIR 914:**

Appetite, regularidade dos intestinos, melhorando os que soffrêm de
prisão de ventre. Desapparecimcnlo de todas as manifestações syphlliicas
especialmente do Hheumalisino e affecções dos Olhos; finalmente a saúde
em pouco tempo.

ATTESTADOS:

K' o único Depurativo que tem attestados dos llospitacs, de espe-
cialistas dos Olhos e da Dyspepsia Syphllitica.

CASAMENTOS:

Não se case sem primeiro tomar (i vidros de **J^AJXIR 914**

E' o mais barato de todos os Depurativos porque faz effeito desde o t.º vidro.

Não deixe para amanhã, ri IV ÍI? OIA
comece hoje mesmo a tomar o UUi^vii1 «/Al.

Vende-se em todo o Brasil e nas Republicas do Prata.

NOTA: — Enviaremos GRÁTIS um livrinho scientifico sobre a sypliilis e
doenças do sangue, a toda a pessoa que o desejar. Pedidos a
GALVAO & Cia. — CAIXA 2-C. — SAO PAULO.

x-x-x-x?

Ultimas ludições da

Companhia Graphico-Edüora Monteiro Lobato ihTM.

DA COMPRA E VENDA, Dr. Luiz da Cunha Gonçalves, broch. 25\$000, ene.	30\$000
MOLÉSTIAS DOS LACTENTES E SEU TRATAMENTO, dr. Leoneio de Queiroz, broch. 25\$ ene.	30\$000
A CURA DA FEALDADE, dr. Renato Kehl Ene.	20\$000
DA FALLENCIA, Alraachio Diniz, broch.	20\$000
CONCRETO ARMADO — Theoria e Pratica, segundo as prescripções allemães, Dr. Raul Gomes Porto.	20Ç000
CRIMINOLOGIA, Ingenieros, broch.	12\$000
DA POSSE, Conselheiro Justino de Andrade, broch.	8\$000
EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO, F. J. Oliveira Vianna, broch.	8\$000
HISTORIA DAS RIQUEZAS DO CLERO CATOLICO E PROTESTANTE, José Martins, broch.	5\$G00
CONVERSAS AO PÊ DO FOGO, Cornélio Pires, broch.	5\$000
NARRANDO A VERDADE, General Abilio Noronha, broch.	5\$000
CIDADES VIVAS, Brenno Ferraz, broch.	5\$0G0
VOCABULARIO DE RUY BARBOSA, João Leda, broch.	5\$000
A MORENINHA, J. M. Macedo, broch. 2S000, ene.	41000
CONTOS ESCOLHIDOS, Monteiro Lobato, cart.	4\$000
O BRASIL E A DOCTRINA DE MONROE, F. de Leonardo Truda, broch.	4\$000
POEMETOS DE TERNURA E DE MELÂNCOLIA, Ribeiro Couto, broch.	4\$000
MENINA E MOÇA, Bernardini Ribeiro, broch. 1\$500, ene.	3.\$000
O CRIME D'AQUELLA NOITE, Menotti Del Picchia, broch.	3\$500
FRIDA MAYER, Vivaldo Coaracy, broch.	4.\$000
QUINZE NOITES, Yaynha Pereira Gomes, broch.	4\$000
PASTORAL AOS CRENTES DO AMOR E DA MORTE, obra posthuma de Alphonsus de Guimaraens, broch.	3\$000
O DEVER DE MATAR, Oscar Wilde, ene.	2\$000
MANUAL DE GYMNASICA, Victorino Fabiano, broch.	31000
DODÓCA, Dolores Barreto, para crianças, cart.	5\$000

Pedidos á Praça da Sé, 34 - Caixa 2 B - S. PAULO



"REVISTA DE FILOGIA PORTUGUESA"

Fundador : SILVIO DE ALMEIDA

Diretor: MÁRIO BARRETO

PUBLICAÇÃO MENSAL

Colaboração dos maiores filólogos e literatos do Brasil e de Portugal.

Cada número, que tem, em média, cem páginas, traz artigos inéditos, textos arcaicos ou clássicos anotados, bibliografia, etc.

ASSINATURA ANUAL:

CAPITAL	30\$000
INTERIOR E ESTADOS.	32\$000
NUMERO AVULSO.	3\$000

Pedidos à

NOVA ERA, Empresa Editora

PAULINO VIEIRA & CIA.

Rua de S. Bento, 40 - 2.º andar, sala 12

Telefone: Central 1681 — S. PAULO

REVISTA DO BRASIL

Para que não haja interrupção na remessa da REVISTA DO BRASIL, é de toda conveniência que V. S. reforme sua assignatura para o anno de 1925.

O preço da assignatura continua a ser de 20\$000, podendo V. S. dirigir-se aos nossos agentes no interior ou directamente á

Companhia Braphico-Editora Monteiro Lobato

Praça da Sé N. 34 — SÃO PAULO - Caixa 2~B



REVISTA DO BRASIL

ib lg'f'f/Ti>i'βfl o i d ^ q m t sirirj 00a a a p w.

sup Bnnsffmno? 6boJ. i)t à JÍ8AÍÍ5 OQ ATaiVH^î

.c5>? f ab' omTF o s'iβq BTulengigee Bû« «meta .V

• > V? t bui Moo h z u t e a g i - t s Bb O

- - - ' > 50220' • > β .c .V obneiv,000\$02

t ~)lLx)TT"yÍDC "b HO ' • 10'li . OI

BfiSJ m i m f f l P T j β - n u n y f n & m g i n i u s m

z xu ò •• O- i A < i • « - K , M < > , r b o v i - ^



REVISTA

DO

BRASIL

O VALOR PRAGMATICO DO ESTUDO DO PASSADO

Em sua 5.^a sessão ordinário, do 68.º anuo, realizada a 11 de Outubro ultimo, o Instituto Histórico e Geographico Brasileiro recebeu o illustre sociologo patricio Oliveira Vianna, eleito socio effectivo a 18 de Junho. Por essa occasião, o conhecido autor de "Populações Meridionaes do Brasil" pronunciou o seguinte discurso:

I

MEUS senhores:

Numa das suas orações magistraes, que são o encanto frequente desta companhia, o vosso insigne orador, mestre insuperável das nossas letras classicas e não menos das nossas letras históricas, disse uma vez, compendiando, numa formosa synthese, a complexidade, sinão a universalidade da missão cultural do Instituto:

— "E' bem sabido que neste cenáculo fulguram os cultores de todas as especialidades, porque a Historia, a Geographia e a Ethnographia são hoje campos vastíssimos, em que se exercitam o talento e a cultura universal para escrever o grande livro da Patria. Na ampla accepção, em que tomamos a Historia, ella envolve questões múltiplas, que entendem com os mais variados ra-



mos do saber humano. Ella é a mestra e todos nós lhe prestamos reverencia e subsidio."

Bellas palavras estas, senhores! Elias bem exprimem e resumem a complexidade, a vastidão, a grandiosidade da obra, que constitue a razão de ser desta gloriosa instituição, e a que emprestaes os brilhos do vosso espirito e as excellencias do vosso saber.

Realmente, este Instituto é um centro cultural por excellencia, o nosso maior centro cultural por certo, ou, como já disse um dos espiritos mais subteis desta companhia, "a mais austera e venerável instituição sabia do nosso paiz."

Ha, certamente, outras instituições sabias no paiz; mas esta, não só é a mais venerável e mais austera, como mesmo a mais comprehensiva e menos especializada — pois o estudo da Historia, abrangendo hoje todas as especialidades, pede a collaboração de todas as sciencias: as sciencias da natureza, as sciencias do homem, as sciencias da sociedade.

Os phenomenos historicos, senhores, já não se apresentam mais aos olhos dos modernos historiadores com aquella singela composição com qe appareciam aos olhos dos velhos historiadores. Para estes os acontecimentos historicos, o desenvolvimento das nacionalidades, a grandeza e a queda dos impérios, a evolução geral das sociedades eram consequências da actuação de um numero limitado de causas e, ás vezes, de uma causa única. Hoje, ao contrario do que presumiam estes espiritos simplistas, os phenomenos historicos se mostram taes como realmente são e como deveriam ser: extremamente complexos, resultantes, que são, da collaboração de uma infinidade de causas, tão variados e múltiplos que, embora utilizando as luzes de todas as sciencias e aparelhada com incomparáveis methodos de pesquisas, a critica histórica não consegue discernir e isolar sinão uma certa parte delias, que nem sempre, aliás, é a maior parte.

Esta complexidade do phenomeno historico impoz aos trabalhos da synthese histórica um aparelhamento cultural prodigioso. Como observa sabiamente o illustre Henri Berr, "a complexidade das cousas implica a diversidade do saber" — e o historiador de hoje, para realizar plenamente a sua missão, teria que possuir, em sua cultura, o encyclopedismo de Aristóteles. Por isso mesmo, as grandes syntheses ultrapassam modernamente as possibilidades de um só individuo e só as grandes associações culturais serão capazes de realizal-as. Ha pouco ainda, bem o sentistes isto mesmo, quando, para organizardes o vosso monumental *Diccionrio*, tivestes que appellar para as mais variadas copipetencias — e todos que ahi collaboram, com excepção apenas de um, deixaram nas suas paginas as provas tñais luminosas das suas altas capacidades. Em França, na grande obra de synthese col-



lectiva, que Henri Berr preside com tamanha audacia e tanto brilho, empenham-se as mais variadas competências: só na primeira parte, que comprehende apenas a Prehistoria e a Antiguidade, colaboram cerca de trinta especialistas, todos representando as maiores summidades da cultura franceza contemporânea. O mesmo acontece com a grande synthese sobre Historia Moderna, realizada sob a inspiração da velha universidade de Cambridge.

E' que todas as sciencias e todas as culturas concorrem com o seu contingente para estas complexas edificações do espirito critico. Os factores que determinam a evolução de cada povo, sendo incontáveis na sua multiplicidade, para isolal-os, fixal-os e definil-os, o historiador tem que recorrer aos princípios e aos dados de todos os systemas de conhecimentos. O mais simples phenomeno historico — porque se realiza dentro de um determinado meio physico — está dependendo naturalmente das condições deste meio physico; — porque se opera dentro de um determinado meio social, está subordinado, nas suas causas e nos seus effeitos, ás contingências desse meio social; — porque se resolve afinal, em actos humanos, está dependendo das leis profundas que regulam a genese de todos os actos humanos. Isto equivale dizer que o mais simples phenomeno historico exige para a sua exacta comprehensão os subsídios de todas as sciencias naturaes, de todas as sciencias anthropologicas, de todas as sciencias sociaes.

II

Estas principalmente, senhores. Elias trazem uma contribuição de valor incomparável para a elucidação dos phenomenos historicos. Não é possivel hoje realizar nenhum trabalho de interpretação do passado sem recorrer ás diversas sciencias sociaes, aos seus princípios, aos seus methods, aos seus dados objectivos. Dentre as varias sciencias auxiliares da historia, estas são as mais essenciaes á comprehensão das realidades do passado. Não conseguiu ainda a sciencia determinar as leis geraes, que regulam a evolução das sociedades humanas; mas, o que é certo é que estas leis existem, embora ainda não reveladas, e ao conjuncto das diversas evoluções particulares, deve corresponder uma evolução geral, dentro da qual se enquadrem todas essas evoluções particulares; o que equivale dizer que a obra do historiador deve ser precedida pela obra do sociologo e que toda explicação da vida das sociedades passadas implica necessariamente o conhecimento das leis que regulam a vida das sociedades actuaes. Dahi, senhores, aquelle formoso conceito de Emile Waxweiller, o grande mestre do Instituto de Sociologia Solvay, da Bélgica: "Não foi com o auxilio dos fosseis que conseguimos crear as sciencias da vida,



mas foi justamente com o auxilio das sciencias da vida, que conseguimos resuscitar os fosseis." E isto, senhores, é tão exacto nos domínios da paleontologia, como nos domínios da Historia — a bella sciencia, que é o objecto das nossas mais caras preoccupações.

Esta collaboração das sciencias sociaes é indispensável á critica histórica — porque a documentação dos archivos só por si não basta para o perfeito conhecimento do passado. Os documentos não dizem tudo, não fixam tudo, não apanham todos os aspectos dos acontecimentos; dizem apenas alguma cousa, fixam apenas alguns detalhes, apanham apenas alguns aspectos — e, ás vezes, esses aspectos, que elles revelam, nem sempre são essenciaes, esses detalhes, que elles fixam, nem sempre são necessários, essa alguma cousa, que elles dizem, nem sempre contém o sentido intimo e substancial da realidade. Ha sempre, por mais numerozo e minudente, por mais preciso e exacto que seja o testemunho dos archivos, certos pontos que escapam á determinação testemunhal — e muitas vezes, esses pontos, não fixados pelo testemunho, encerriam qualquer cousa capital para a comprehensão do phenomeno historico; representam qualquer cousa mais ou menos analoga áquelles "caracteres dominantes" de Cuvier, por meio dos quaes nos seria possível reconstituir, na sua integridade, a estrutura dos acontecimentos.

Essas insufficiencias "inevitáveis do testemunho dos archivos tornam indispensável, na elaboração ou synthese histórica, o appello aos subsidios da indução conjectural. E' tão frequente e mesmo tão necessário esse recurso ao elemento conjectural da parte dos historiadores, que muitos delles não vêem na sciencia histórica senão conjectura, e apenas conjectura. E todos vós sabeis que para um delles, e um dos maiores, Ernesto Renan, a grande sciencia da historia não era outra cousa sinão "uma pequena sciencia conjectural".

Esta contingência da Historia em ter de recorrer frequentemente, sinão obrigatoriamente, á indução conjectural, em nada a diminue na sua dignidade de sciencia — porque a verdade é que nenhuma das outras sciencias foge á fatalidade desta contingência: e vós bem o sabeis como a Physica e a Chimica ainda taceiam na penumbra mais ou menos illuminada das suas conjecturas sob a constituição da matéria, como a Biologia, na confissão recente de Cuenot, ainda vacilla dentro do seu pequeno mundo de conjecturas, já não direi sobre as origens da vida, mas mesmo sobre o funcionamento intimo do mechanismo da selecção.

Este coefficiente de conjecturalidade em nada influe sobre o caracter scientifico da Historia e é tão insito á natureza das suas investigações que já um grande mestre contemporâneo, Alfredo Croiset, — tão conhecido de todos vós e principalmente do emi-



nente orador desta casa — porque é príncipe dos hellenistas francezes contemporâneos, — dizia que querer supprimir da Historia esse elemento conjectural seria supprimir a própria Historia: — "Retirar da Historia toda esta parte de intuição, de indução rápida e conjecturavel, seria, não fazer da Historia uma sciencia rigorosa, o que é impossível, mas realmente supprimil-a."

Ha, porém, senhores, que distinguir, neste trabalho de intuição e indução, de que fala o mestre francez, duas modalidades de conjecturas. Ha a conjectura arbitraria, pura obra de imaginação sem ponto de pega nas realidades da vida, e ha a conjectura disciplinada, apoiada e orientada no conhecimento das leis que presidem á estrutura e á physiologia das sociedades humanas.

Os velhos historiadores, os que historiaram antes da constituição das sciencias sociaes, quando forçados diante dos elementos archivaes, a supprir as lacunas dos seus conhecimentos com o appello á indução conjectural, faziam-no naturalmente de um modo arbitrario — porque não possuíam nenhum principio realmente scientifico, nenhum dado realmente objectivo, capaz de corrigir ou rectificar as illusões da sua visão critica, Oll soffrear os vãos e as ousadias da sua imaginação evocadora. E a elaboração histórica era então a fantasia e o arbitrio, que refugiam do prosaismo e da seccura das ephemerides para asylarem-se na alta poesia e na imaginosa exuberancia dos animadores de visões, á maneira de Michelet.

Hoje, senhores, os historiadores estão magnificamente apparelhados com incomparáveis elementos de informação, não só para rectificar as illusões da sua visão critica, não só para restringir os surtos da sua fantasia evocadora, mas mesmo para poder reconstituir, com o possível rigor scientifico, na sua estrutura e na sua vida, as velhas sociedades mortas. Em vez daquella indução conjectural, mēra obra de imaginação, reflectindo exclusivamente as condições subjectivas de cada historiador, as idiosyncrasias do seu temperamento e quasi sempre as inclinações das suas sympathias ou antagonismos; o que vemos, hoje, dominar crescentemente o campo das pesquisas históricas é essa outra especie de indução conjectural, que chamaremos de objectiva — porque inteiramente inspirada nas condições objectivas da realidade.

E, realmente, todo o progresso da critica histórica tem consistido, não na eliminação da conjectura em si mesma, porque isto, como já vimos, importaria em supprimir a própria critica histórica; mas, sim, na redução progressiva do coëfficiente subjectivo da conjectura, ou mais exactamente, na substituição crescente da conjectura subjectiva por essa conjectura objectiva, que tem para ponto de partida os princípios e os dados da sciencia. <

Esta nova modalidade da indução conjectural assim •orien-



tada pela sciencia, é que suppre o historiador moderno com este contingente das realidades, que não puderam ser fixadas pelos textos escriptos ou guardados pelos testemunhos oraes; ella é que lhe permite fazer da Historia realmente uma resurreição, isto é, uma bella obra d arte que nem por ser uma bella obra d'arte, deixa de ser uma verdadeira obra de sciencia.

E' assim, com auxilio dessa conjectura objectiva, que a critica histórica tem conseguido desvendar o mysterio de certos enigmas, que apenas com os elementos archivaes lhe seria impossível esclarecer. Todos vós sabeis como ainda agora, o eminente Moret conseguiu explicar a geriese do poder politico no velho Egypto pharaonico — facto historico sobre o qual silenciam inteiramente os archivos paleographicos. Não foi a archeologia, nem a pre-historia que lhe forneceram elementos para a solução desse obscuro problema: foi a ethnographia comparada, foi a observação da vida actual dos pequenos grupos selvagens da America Septentrional, foi o estudo da genese e das transformações do poder politico nos clans totemicos da Oceania e da Africa.

Entre nós mesmos, senhores, é-nos possível esclarecer muita obscuridade da nossa historia, supprir muita lacuna dos nossos archivos, corrigir muita conjectura temeraria dos nossos historiadores, com a observação attenta da nossa realidade presente. Do velho feudalismo guerreiro, que encheu com o rumor das suas algaras todo o vasto e brilhante cyclo do bandeirismo, nós ainda podemos encontrar muitas analogias explicadoras na observação da sociedade actual dos nossos altos sertões septentrionaes, onde ainda remanescem muito daquelle humor bellicoso e muita daquelle tempera anarchica, que eram tão distinctivos dos nossos heroicos conquistadores do sul. Uma viagem aos longínquos sertões do Brasil Central nos porá igualmente diante dos pequenos núcleos de aventureiros que exploram o diamante no Rio das Garças. Ora, senhores, diante destas pequenas communidades de "faiscadores", vendo-as e observando-as hoje, no seu tumulto, na sua anarchia, nos desmandos da sua cobiça, o nosso espirito, recuando duzentos annos, como que reconstitue, nos seus mínimos detalhes, toda a vida, e o espirito, e a historia dos nossos antigos núcleos mineradores — e os textos dos nossos archivos, á luz desses elementos extrahidos da observação, á luz dessas "experiencias complementares", para empregar uma expressão feliz de Davy, adquirirão uma vida nova e uma nova claridade!

Como a sociologia e a ethnographia, outras sciencias de observação, outras sciencias experimentaes trazem á sciencia histórica uma contribuição inestimável. E' assim a anthropologia, principalmente quando estuda a morphologia ethnica das diversas camadas sociaes. Ella tem permittido aos historiadores esclare-



cer certos problemas do passado que a luz exclusiva dos archivos não conseguira illuminar. Certo, a hereditariedade ethnica não basta, só por si, como pensam Lapouge e os da sua escola, para explicar esse phenomeno extremamente complexo, que é a evolução de uma sociedade, mas, <i também fóra de duvida que é impossível comprehender e explicar scientificamente a historia de qualquer povo sem levar em conta essa poderosa determinante da conducta humana. Pelo menos, não sei como será possível explicar certas particularidades da nossa historia colonial, especialmente o movimento bandeirante e o seu alto idealismo sem fazer intervir o factor ethnologico, sem recorrer aos subsídios da analyse ethnica operada sobre as massas brasileiras da actualidade, sem appellar para os elementos que forçosamente hão de trazer as pesquisas sobre a anthropologia das classes sociaes no Brasil de hoje.

Como vedes, senhores, o conhecimento da realidade actual, da realidade presente, da realidade circumstante, dado pelas sciencias da natureza e pelas sciencias da sociedade — a biologia, a anthropologia, a ethnographia, a geographia, a sociologia — é indispensável á comprehensão do passado, á reconstituição das sociedades extinctas, á synthese histórica, em summa. Sem esse conhecimento preliminar, sem as luzes de todas essas sciencias das realidades vivas, é impossível a sciencia das realidades mortas, reveladas pelo testemunho dos archivos. São essas sciencias das realidades actuaes, que estudam o Solo, o Clima e o Homem, e nos revelam cada dia novos segredos da vida organica e superorganica, são essas sciencias que insuflam aos textos paleographicos o hálito de uma vida nova e dão aos depoimentos, fixados nas paginas mortas dos nossos archivos, uma tal vibração e uma sonoridade tal, que, lendo-as, é como se estivessemos a ouvir a voz dos nossos próprios contemporâneos.

Esta tão intima interdependencia entre sciencia histórica e as demais sciencias impõe ao historiador moderno uma profunda identificação com o espirito do seu tempo. Estamos hoje muito longe do velho typo do historiador, alheio ás correntes de cultura e ás aspirações da sua época, e resumindo todo o vasto horizonte do mundo no pequeno espaço occupado pelos pergaminhos e alfarrabios dos seus archivos. Hoje, elle tem que estar attento a todas as idéas, prompto a acolher as grandes e pequenas verdades, que lhe venham dos quatro cantos do horizonte. Os naturalistas e anthropologos nos seus laboratorios, os ethnologos e geographos nas suas viagens, os sociologos e philosophos nos seus gabinetes: do labor de todos elle se utiliza, da sciencia de todos elle se aproveita, e é á luz dessas revelações que elle prepara e realiza o prodígio das suas syntheses e o milagre das suas lesurreições.



III

Esta, senhores, a grande sciencia da Historia. Mas a Historia não é apenas uma grande sciencia; é também e magnificamente, uma grande arte — e esta condição de grande arte ainda torna mais complexo o labor da synthese histórica.

Chego aqui a um ponto dos mais delicados da sciencia, que faz o objecto das vossas grandes preocupações. Justamente por ser uma grande arte é que muitos espiritos se recusam a ver na Historia a grande sciencia, que ella é. De mim confesso, senhores, que ainda não pude perceber bem esta incompatibilidade entre a sciencia e a arte, porque para isso seria preciso que houvesse incompatibilidade entre a verdade e a belleza.

Nesse preconceito eu vejo apenas uma reminiscência do que era a Historia antes da constituição das sciencias sociaes. Então o historiador, sem os subsídios dos dados scientificos e dos methodos positivos de investigação, fazia da Historia, antes de tudo, uma obra artística. Este é o aspecto que nos parece revestir a Historia entre os historiadores clássicos. Nas paginas de Xenophonte ou de Tito Livio, nas paginas de Thucydides ou de Tácito, a Historia não é sinão realmente uma grande arte — a arte da narração, a arte da evocação, a arte da resurreição, para fallar como Michelet. Hoje ainda, apesar da severidade dos seus methodos objectivos, ella guarda, nas paginas a um tempo coloridas e eloquentes de um Taine, de um Carlyle, de um Vandal ou de um Michelt, a lembrança ainda vivaz dessas bellas tradições artísticas desses períodos iniciaes. E não foi sem grande razão que um inglez paradoxal, Thomas Seccombe, chegou a dizer que nenhum historiador podia considerar-se verdadeiramente grande, si não possiuisse a capacidade verbal e o talento descriptivo de dois ou tres grandes romancistas.

Esta condição de grande arte parece ser o traço mais distinctivo da sciencia histórica, o traço que a singulariza no conjuncto das demais sciencias, mesmo daquellas que são mais estritamente auxiliares — como a anthropologia, a geographia, a ethnologia, a sociologia. Estas podem dispensar, e em regra dispensam, quando desenvolvem os seus princípios, quando expõem as suas leis, quando formulam as suas conclusões, o auxilio das artes da ficção; mas, a Historia, não. Esta, pela natureza justamente do seu objectivo, justamente por ser uma sciencia de evocação, versando matéria a que falta o encanto das cousas vivas, não pôde dispensar o auxilio das artes da ficção. São estas artes que emprestam á obra do historiador esse interesse, essa seducção, que suscita a



curiosidade de todos os espíritos pelas velhas épocas passadas. Sem o encanto e poesia, que ellas derramam, o passado interessaria apenas um circulo limitado de estudiosos — e a Historia seria, como a Geographia, a Ethnographia e a Anthropologia, um dominio limitado, um campo circumscripto e privativo, onde somente penetraria um certo numero de curiosidades especializadas, isto é, os proprios historiadores. O que vemos, porém, não é nada disto; é justamente o contrario disto: o que vemos é que a Historia é um dominio commum, procurado por todos os espiritos, dos mais variados feitios, das mais variadas tendencias, das mais variadas especialidades. Homens de sciencia, homens de arte, homens de letras, homens de guerra, homens de Estado, todos encontram nas obras históricas um interesse, uma seducção, um fascínio. Ora, esta curiosidade tão universal pelas obras da Historia tem a sua razão de ser neste caracter inevitavelmente artístico de toda resurreição histórica.

Senhores, eu vos peço perdão de estar repetindo, perante mestres tão consummados da grande sciencia, estes conceitos sabidos de todos vós. Fazendo-o, porém, o meu intuito é accentuar que, pela própria complexidade, de que se reveste hoje a synthese histórica, este Instituto não pôde ser indifferente a nenhuma das manifestações da actividade espiritual da vida brasileira, nas letras, nas artes, nas sciencias, na legislação ou na politica. Dahi neste grêmio assentarem-se, desde 1838, scientistas de todas as sciencias, letrados de todas as letras, estadistas de todas as escolas. Chamando-os, o Instituto se tem mostrado perfeitamente consciente da importancia da sua alta finalidade scientifica e da universalidade da sua missão cultural! Elie é, por isso mesmo, "o centro espiritual da própria nacionalidade".

IV

Um ambiente destes, senhores, saturado de tão alto intellectualismo e onde as sciencias sociaes e politicas occupam um tão grande espaço, era realmente um ambiente extremamente favoravel á actividade de um espirito do feitio e da elevação de Aurelino Eal. Trazendo-o para o vosso seio, tivestes o sentimento muito justo do valor que essa aquisição representaria para o êxito e a fecundidade da vossa grande obra cultural.

Tendo ingressado nesta illustre companhia em 1915, não teve tempo de dar ao Instituto tudo o que podíamos esperar da sua poderosa intelligencia. Os altos cargos politicos e administrativos, que exerceu, occuparam a maior parte do seu tempo e da sua actividade: mas, si as nossas letras históricas e jurídicas muito



perderam com isto, não o perderam o paiz, o seu Estado, esta Capital e o meu Estado, onde, nos cargos representativos ou nos cargos de administração, a superioridade da sua intelligencia, a superioridade da sua cultura, a superioridade do seu character culminaram sempre com relevo inconfundivel. Na sua passagem pela alta administração do meu Estado, em momento, aliás, dos mais delicados e graves, posso dar testemunho da sagacidade do seu tacto politico e das suas robustas capacidades de administrador, como também da serenidade perfeita, da nobreza e da rectidão com que se houve no desempenho da sua difficil magistratura.

Elie era, para mim, um dos typos mais fortemente representativos da mentalidade brasileira em geral, mas muito especialmente da mentalidade bahiana. Como esta, a sua intelligencia tinha esta malleabilidade e extensibilidade, esta rapidez e agilidade, que lhe permittiam uma adaptação immediata e instantanea ás situações mentaes mais variadas e lhe ciavam esta faculdade peregrina de mover-se com presteza, com facilidade, com segurança no meio das mais intrincadas difficuldades de ordem pratica ou de ordem especulativa. E foi assim que elle ponde ser, sempre brilhantemente, sempre efficientemente e quasi simultaneamente, politico, administrador, parlamentar, magistrado, jornalista, jurisconsulto e historiador.

Das suas aptidões de historiador podem dizer com eloquência, não apenas a bella synthese sobre a *Historia do poder judiciário no Brasil*, obra de rara excellencia pelo pensamento, pela erudição e pela fôrma; mas, as paginas mesmas dos vossos annaes, onde o seu grande espirito deixou as provas mais luminosas da sua capacidade e cultura, especialmente nesse pequeno ensaio sobre o movimento da maioridade e o golpe de Estado de 40, ensaio que pôde ser considerado verdadeiramente modelar — porque nelle encontramos, como num resumo, todas as fortes qualidades que eram caracteristicas do seu bello temperamento de historiador.

Nada mais justo, pois, que um espirito como este, tão multiplo nas suas aptidões e tão polymathico na sua cultura, tivesse acolhida grata entre vós nesse alto centro de intellectualismo e saber, que tanto honra a nossa civilização.

De mim, senhores, é que não sei como justificar a generosidade da vossa escolha, nem atino como corresponder á magnanimidade desta distincção immerecida. No parecer, com que me dêste entrada nesta Casa; nas palavras generosas com que o redigiu o grande jurisconsulto e homem de Estado, que hoje está honrando a nossa cultura na maior assembléa do mundo, depois de tel-a honrado nas mais altas magistraturas da nossa terra; no applauso, que lhe dêstes, subscrevendo o seu julgamento e aprovando a sua indicação; em tudo isto, eminentes jnestres, eu



vejo apenas as expressões carinhosas da vossa magnanimidade, com que quizestes encobrir e dissimular a enorme desproporção entre o mesquinho merecimento meu e a incomparável grandeza da distincção conferida. Desvanecido pela honra que me fizestes, exaltando-me em tanta maneira acima da minha natural mediocridade, eu aqui estarei para aprender convosco, nas lições do vosso saber e no vosso exemplo, o amor ao passado e convosco cooperar, nos limites da minha obscuridade, na obra patriótica, que é o supremo objectivo desta sábia e gloriosa corporação.

Esta obra, que estaes ha quasi um século realizando, tão austera e fecundamente, é realmente, senhores, uma obra do mais alto valor patriótico. O estudo do passado, a analyse do passado, a evocação do passado, não têm apenas o valor de uma simples satisfação da nossa curiosidade de conhecer, comparavel á curiosidade das viagens — como querem alguns espiritos levianos; não tem apenas um mero valor especulativo — como querem outros espiritos, demasiadamente philosophicos; tem também um alto valor pragmatico.

Desculpae-me, senhores, si insisto sobre o valor pragmatico da sciencia histórica; mas é justamente elle que me parece dar a razão da admiravel vitalidade e do incomparável prestigio desta sábia instituição. Lembro-me sempre daquellas palavras de Seeley, ao estudar as origens e a evolução do imperialismo britannico, quando o grande mestre de Cambridge recorda e accentua o character essencialmente pratico de toda synthese histórica. Vale a pena ouvirmos as suas palavras magistraes:

"Tenho como uma das minhas máximas favoritas que a Historia, embora scientifica nos seus methodos, deve sempre ter em vista a prosecução de um fim pratico. Quero dizer, a Historia não deve restringir-se simplesmente á satisfação da curiosidade dos leitores pelo passado, deve também procurar corrigir a concepção que elles tenham do presente, e o seu modo de considerar o futuro. Ora, si esta maxima é verdadeira, a Historia da Inglaterra não pôde deixar de terminar com alguma cousa que bem se poderia chamar uma moral. Ella deve chegar a alguma grande conclusão e mostrar a tendencia geral dos interesses britannicos, de modo tal que tenhamos uma base segura para julgarmos o futuro e prevermos o destino que nos está reservado. Compreliende-se, e é justificável mesmo, que algumas nações, como a Suécia e a Hollanda, considerem a sua historia como encerrada. Elias já foram grandes, mas as condições da sua grandeza passaram, e agora o lugar que occupam no mundo é secundário. O interesse que ellas teem pelo seu passado é, ou de natureza sentimental, ou então puramente scientifico: dahi a única lição pratica que a sua historia lhes pôde dar é uma lição de resignação.



Mas, a Inglaterra, não: o seu desenvolvimento continua — e ella é cada vez maior. E' muito maior no século 19 que no século 18, muito maior no século 18 que no século 17; muito maior no século 17 que no século 16. Dada a prodigiosa grandeza por ella attingida, o problema do seu futuro se torna, por isso mesmo, infinitamente importante, e, ao mesmo tempo, mais angustioso: porque é claro que, justamente pela sua grande extensão teritorial, o Império fica exposto a perigos, de que elle estava livre, quando ainda limitado á insignificância das suas ilhas. De modo que o interesse, que a historia ingleza offerece, deve se ir tornando cada vez mais profundo, á medida que ella se approxima do seu fim — e, si é o passado que dá origem ao futuro, a historia do passado da nacionalidade ingleza nos deve levar a uma prophecia concernente ao seu futuro."

Estas palavras, de tão alta sabedoria, do grande historiador contemporâneo, como que parecem escriptas especialmente para o nosso caso. Também nós, senhores, somos maiores hoje do que éramos no III século; maiores no III século do que éramos no II; maiores no II do que éramos no I século, quando ainda arranhavamos como caranguejos, na phrase do nosso primeiro historiador, as ribas do nosso littoral immensuravel. Nossa historia não é, como a do pequeno Portugal, uma historia que terminou; é, ao contrario, uma historia em começo, uma historia em marcha, que accentua cada vez mais o seu interesse. Neila não vamos buscar uma lição de resignação, para repetir a phrase de Seeley, mas uma lição de enthusiasmo e de fê, um maior sentimento de nós mesmos e do nosso proprio presente, uma consciência mais illuminada e mais robusta do nosso proprio futuro.

Já dizia, neste mesmo recinto, o cidadão eminente por tantos titulos e que tamanho lustre dá á presidencia desta Casa: — "Augmenta-se a energia nacional quando se dá ao povo o orgulho da sua historia."

E' esta, senhores, a primeira utilidade pratica do estudo do passado, da admiração pelo passado. Ella dilata, ella robustece, ella intensifica, ella esclarece a consciência do patriotismo em cada um de nós, augmenta em cada um de nós o sentimento do respeito para com os nossos maiores, para com o patrimonio das grandezas Moraes e materiaes que elles nos transmittiram, e que elles formaram, accumularam e defenderam com o esforço do seu braço na iavra dos campos, com o esforço da sua intelligencia na elaboração da cultura, com o esforço da sua vontade na organização da ordem e da legalidade, com o esforço da sua espada e com a sua bravura, nas batalhas dentro das fronteiras, para repellir a insolência de invasores audazes, ou fóra delias, pela fidelidade aos



seus ideaes de liberdade e justiça, nas batalhas pela redempção de outros povos.

Dizia Michelet que a historia é uma resurreição. Senhores, eu peço licença para accrescentar que, muitas vezes, para o historiador, sensível ás emoções da belleza ou do heroísmo, a Historia é mais que uma resurreição, a Historia é uma reencarnação. O historiador, devotado integralmente á sua tarefa, escrevendo com o coração e com o cerebro, como é dever de todos que se votam a uma obra de verdade ou de justiça, ao evocar os episodios heroicos que dramatizam o passado, tem qualquer cousa do actor, entre os scenarios do seu palco: como este, "vive" os seus heroes, encarna-os, infunda-se da alma de todos elles e partilha assim, por um momento, do frêmito das suas emoções heróicas. Por isso mesmo, senhores, confesso que não sei de nenhum verdadeiro historiador que seja um mau patriota.

Este é um dos mais bellos aspectos da utilidade pragmatica do estudo do passado: elle é uma das mais nobres, sinão a mais nobre escola de patriotismo e de dignidade civica.

Ha, certo, os que blasonam patriotismo e, ao mesmo tempo, sacodem deante dos nossos olhos espantados o manto theatral do seu desdem pelo passado, da sua guerra ao passado e, mais do que isto, da sua nenhuma relação com o passado. Eu é que não comprehendo de que maneira é feito o patriotismo deste genero de patriotas. Patriotismo implica a idéa da patria — e a patria é a terra dos nossos paes, logo o mundo em que viveram os nossos antepassados, e esse mundo não é apenas o solo na sua materialidade, é também o solo na sua espiritualidade, centro larario da" grey, com as tradições que crearam, com a civilização que fundaram, com as dores que soffreram, com as alegrias que tiveram, com as glorias e triumphos que alcançaram. Aias, si o novo patriotismo renega o passado, renega tudo isto: logo, renega a patria — e será preciso forjar, com os materiaes da nossa lingua, um novo vocábulo para exprimir o patriotismo desses patriotas sem patria.

Senhores, essa admiração pelo passado não significa, nem pôde significar, uma idéa de retorno ao passado, nem também nenhum desdem pelo presente, menos ainda nenhuma indiferença pelo futuro. Essa admiração pelo passado, que é a religião desta casa, é apenas gratidão por aquelles que, vindos antes de nós, prepararam as condições da paz, civilização, riqueza e justiça, dentro das quaes nós, os de agora, estamos vivendo e prosperando, e, por nossa vez, preparando uma grandeza maior para a nossa humanidade fiitura.

Como vêdes, senhores, o conhecimento do passado não é ape-



nas uma preocupação do mero interesse paleontologico, de que pretende sorrir a fácil ironia dos gedeões de avenida; é uma maravilhosa escola de educação civica, é um factor de eficiencia incomparável no desenvolvimento do nosso sentimento patriotico e da nossa própria consciência collectiva. Nesse estudo encontramos, não apenas as melhores emulações do nosso civismo, mas as inspirações mesmas dos nossos grandes problemas nacionaetf. E' justamente o ponto que para Seeley constitue a verdadeira "moral" da Historia.

Realmente, senhores, os grupos sociaes são como os individuos, não porque sejam unidades superorganicas, á maneira da velha concepção spenceriana; mas, porque, como os individuos, elles se desenvolvem segundo certas linhas invariaveis, que constituem o que poderíamos chamar — pedindo á technologia weismanniana uma expressão — os "determinantes" da sua personalidade collectiva. Gomo as fôrmas, que constituem o typo de uma arvore, estão contidas nas virtualidades do seu germen, os elementos estructuraes de um povo, as condições intimas do seu viver, as particularidades fundamentaes da sua mentalidade, da sua sensibilidade, da sua reactividade especifica ao meio ambiente mostra um *quid immutabile*, qualquer cousa de estável e permanente, em todas as phases da sua evolução, — desde o obscuro momento das actividades do seu plasma germinativo até o grande momento do seu climax da maturidade e expansão.

Estes "determinantes" de cada povo são invioláveis e irreductiveis — e todas as vezes que legisladores ou estadistas, reformadores políticos ou elaboradores de codigos os desconhecem, o esforço de todos elles resulta inútil e vão — como o esforço do individuo que quizesse, pela simples magia de alguns esconjuros, regular o rythmo das ondas no oceano ou deter a marcha dos astros no firmamento. O conhecimento desses "determinantes" nacionaes é, pois, essencial á acção de todos que exercem uma função dirigente na sociedade, principalmente os que teem o encargo da direcção politica. Ha cem annos — já eu o disse alhures — o idealismo utopico dos nossos legisladores e dos nossos estadistas insiste em desconhecer estas verdades fundamentaes; mas, ha cem annos também o fracasso das suas constituições, das suas legislações e dos seus programmas reformadores tem sido a replica invariavel da nacionalidade aos que não a querem estudar nas leis essenciaes da sua formação e não a querem respeitar nas linhas estructuraes do seu caracter.

Entre os factores que determinam a marcha das sociedades, o papel reservado á acção da vontade consciente é modestíssimo, é insignificante mesmo. Para além desse raio limitadissimo dos nossos esforços, subsiste e palpita todo um vasto mundo de for-



ças organizadas, de tendencias, de instinctos, de impulsões mysteriosas, que formam o systema das correntes subterrâneas que circulam no subconsciente das nacionalidades. — "Na rotina da vida — diz Ribot — uma massa enorme de hábitos nos conduz como autômatos. Si descontamos o que deve ser levado a cargo do automatismo, do habito, das paixões e sobretudo da imitação, veremos que o numero de actos verdadeiramente voluntários é bem pequeno."

Eis, senhores, como o passado exerce sobre nós o seu ascendente subtil e poderoso. Vivemos envolvidos de todos os lados pela atmospha impalpavel e imponderável das suas suggestões, e inconscientes quasi sempre da sua influencia invisível e profunda. Eis também, senhores, porque o estudo do passado, o conhecimento do passado, a experiencia do passado, apurada e recolhida pela Historia, tem para nós um valor precioso e inestimável, não apenas de natureza sentimental, não apenas de natureza especulativa, mas também de natureza pragmatica. Desse passado, do seu estudo, da sua critica, da sua larga e intelligente comprehensão, é que poderemos obter a revelação desses "determinantes" da nossa personalidade nacional, sorte de *proprium quid*, a cujo império não podemos fugir e cujo conhecimento é essencial ao êxito de qualquer movimento renovador. O estudo exclusivo do presente, o estudo isolado da actualidade não nos poderá trazer esta revelação, só possível pela comparação das diversas etapas da marcha da nacionalidade ao longo dos caminhos da sua historia.

V

Senhores, o que a observação assignala em todos os povos que entram em phase de revivescencia patriótica e que dilatam o seu sentimento nacional no orgulho da própria grandeza presente e na consciência da própria grandeza futura, não é nunca o repudio do passado, não é nunca o abandono das suas tradições, não é nunca a quebra da cadeia da sua continuidade histórica. O que a observação assignala é precisamente o contrario dessa attitude negativa: todo grande movimento de revivescencia patriótica é assinalado sempre por um retorno ao passado; toda marcha impetuosa para o futuro busca sempre as razões do seu rythmo na admiração das grandezas ancestraes. Nunca, como agora, o sentimento nacional dos grandes e pequenos povos se mostrou mais robusto e militante; mas, nunca, como agora, o culto do passado, o orgulho do passado, o sentimento do passado se mostrou também mais ardente, mais vivaz, mais consciente, mais profundo. Todos os povos como que se voltam sobre si mesmos, procurando,



nas suas tradições e na sua historia, o segredo da sua força, o sentimento da sua unidade, a revelação do seu futuro.

O Japão, senhores, nos dá o mais bello exemplo dessa fidelidade á sua consciência histórica, da permanencia do seu espirito nacional no meio das mais audaciosas transformações. Ha pouco ainda — num livro, que, pela sua harmoniosa belleza, pela graça, pela pureza, pela luminosidade da sua arte, pela serenidade e força da sua eloquencia, é uma das poucas obras primas da literatura contemporânea — um historiador, um philosopho, um artista subtil e perfeito, Kakuzo Okakura, accentuava esta característica do nacionalismo nipponico — como sendo justamente um retorno consciente ás velhas tradições millenarias, base de todo sentimento nacional e fonte de toda inspiração patriótica:

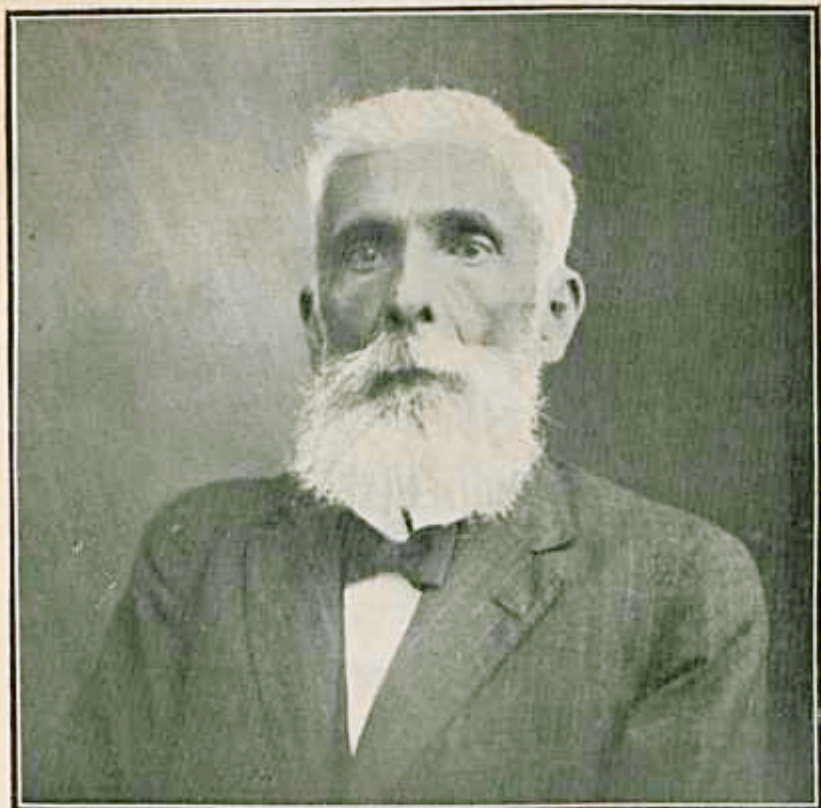
— "Conservar-se fiel a si mesmo — diz elle, formosamente — apesar da coloração nova que a sua vida de nação moderna o obriga a tomar, é para o Japão o imperativo categorico que lhe foi inculcado pelos seus antepassados. Nossa missão não consiste apenas em retornar ao nosso^velho ideal nacionalista, mas também sentir e reanimar, da sua vida hibernante, a velha unidade asiatica. A tarefa actual da Asia consiste em proteger e restaurar as tradições asiaticas: mas, para isto, é preciso que a Asia se reconheça a si mesma e intensifique a consciência das suas próprias tradições ; — pois nas sombras do passado estão contidas as promessas do futuro. E' ao longo dos antigos caminhos da raça que a grande voz se fará ouvir."

Esta fidelidade ao passado, senhores, não é o sentimento apenas dos povos tradicionaes do Oriente; é o sentimento dominante de todos os grandes povos actuaes. E o da Inglaterra, fiel como sempre ás suas velhas tradições. E' o da França, cada vez mais orgulhosa e consciente das suas glorias antigas. E' o da Italia, revivendo esplendidamente as grandes tradições cesaristas. E' o de todos os povos conscientes, robustos e progressivos. E' o nosso também, senhores: o nacionalismo brasileiro não pôde ter outra feição sentimental, não pôde buscar outra fonte de inspiração, não pôde tomar outra directriz, senão esta, que lhe está indicando não só o exemplo dos outros povos, mas a voz mesma da sua própria razão. O seu ponto de partida ha de ser o culto do passado, não para retornar a elle — porque seria uma aspiração insensata; mas, para buscar nelle as inspirações do nosso heroísmo e essa plethora de orgulho confiante, que é, nos povos como nos individuos, a condição do proprio êxito.

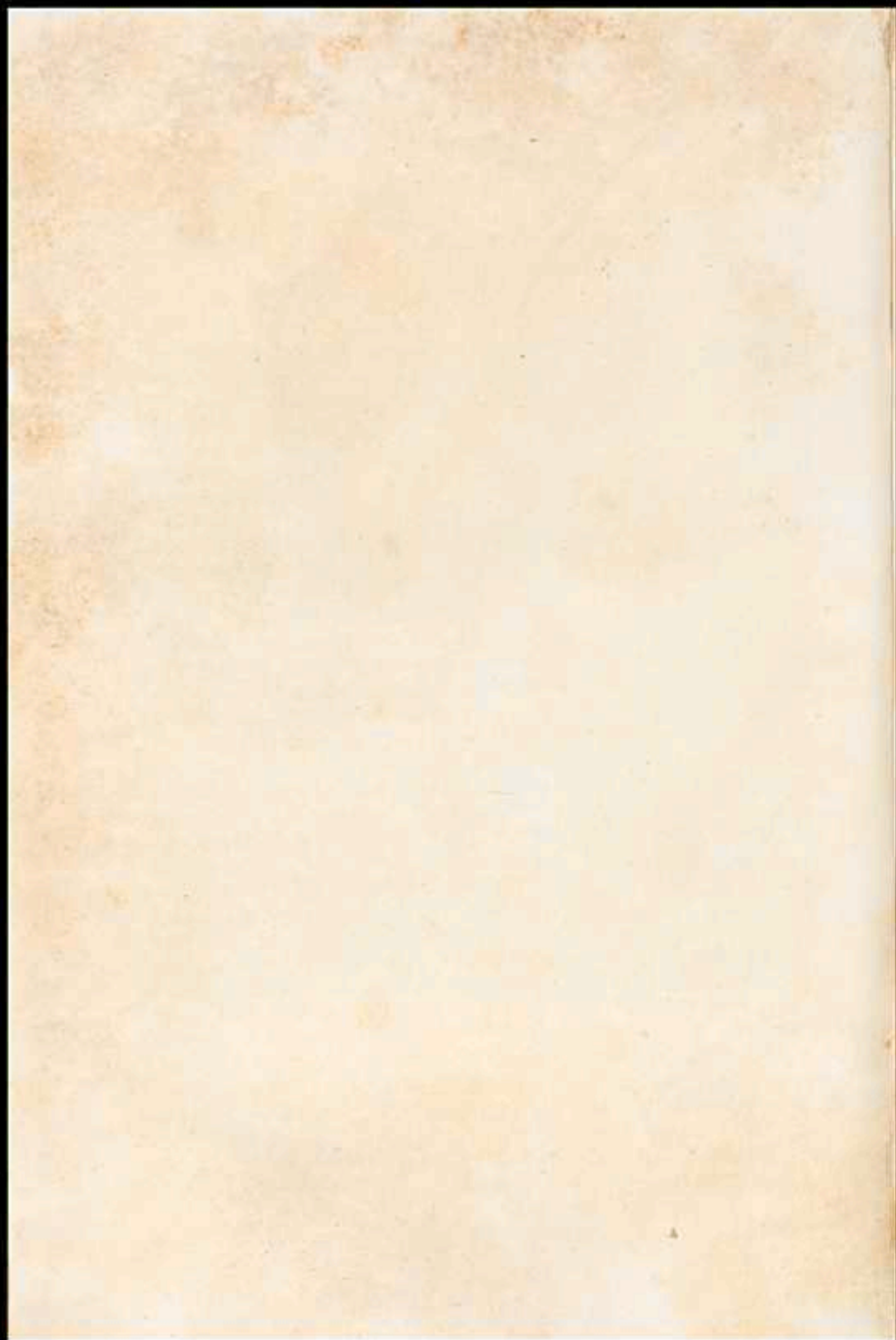
Esse novo surto nacionalista que se esboça em nosso paiz, senhores, é o vosso Instituto — direi melhor: é o nosso Instituto, já que me destes a honra de partilhar um pouco da sua gloria — o órgão mais autorizado para inspiral-o e conduzi-lo.



GALERIA DOS EDITADOS



RODOLPHO THEOPHILO,
autor d' "*A sedição do Joazeiro*",
e d' "*O reino de Kiato*".



Na vida quasi secular da vossa instituição, tendes, senhores, sempre estado á altura dessa missão admiravel. Termino agora mesmo de reler, com uma emoção de encanto, essas bellas *Paginas de Historia*, tão densas de erudição e saber, com que o illustre secretario perpetuo, de quem já se disse que era a providencia omnipresente e omnisciente desta casa, acaba de accrescentar ao patrimonio das suas benemerencias mais uma formosa benemerencia — e, através dessas paginas, pude conhecer melhor a historia dessa venerável instituição e medir melhor a majestosa grandeza da sua obra.

Senhores, pela extensão do vosso passado, tendes por assim dizer, crescido com a própria nacionalidade. Comvosco conviviam os heróes que haviam feito, pela penna, pela palavra ou pelas armas, a independencia nacional — e aqui os tivestes na familiaridade do seu convívio, ainda illuminados do divino erithusiasmo do seu triumpho. Ouvistes, ainda recentes e vivos, os ecos das grandes lutas regenciaes e assististes o seu epilogo glorioso, que havia de reintegrar a nação na sua unidade e preparar o advento do reinado de Augusto e a *Pax brasílica*. Desta, senhores, partilhastes muito intimamente das suas doçuras e muito intimamente collaborastes na sua grandeza: pois do varão magnânimo, que a encarnou e realizou, o ambiente desta Casa parece resoar ainda o rumor delicado dos seus passos e clarear-se ainda das radiações do seu espirito. Nos vossos archivos, guardaes a historia do Brasil colonial; mas do Brasil autonomo, do Brasil-Tmperio e do Brasil-Republica, sois a testemunha viva e presencial.

Nada vos tem sido indifferente em nossa historia contemporânea: tendes tido uma sensibilidade de sismographo a todos os estremecimentos da nossa consciencia collectiva. Todas as vibrações da alma nacional aqui têm encontrado uma resonancia discreta e grave, como convém á feição da vossa austeridade — e aqui se têm reflectido todas as grandes aspirações da nossa raça: as do passado, as do futuro, as do presente. Nos códices da vossa hibüotheca; nos manuscriptos dos vossos archivos; nas paginas da vossa *Revista*: cada um dos obreiros da nossa historia, cada um dos edificadores da nossa nacionalidade, cada um dos seus heróes, anonymos ou gloriosos, escreveu um testemunho, fixou uma memoria, preparou uma revelação; de cada uma alma palpita nesta casa, dentro desta cidade de livros, cheia do grande silencio do mundo, mas rumorosa das grandes vozes do passado.

Esta, senhores, a razão do grande e justificado prestigio do vosso Instituto em nosso paiz e fóra deite. Elie não é apenas um dos maiores centros de cultura da nossa terra, e o mais austero e venerável; elle tem também suscitado, pela estimulação do seu exemplo, a appareição de novos centros de cultura por todo o paiz e



— e cjuasi vinte Institutos estaduaes crescem e laboram á sua sombra! Em vez de diminuir e apoucar-se, como é tão commum neste paiz de cousas mutáveis e perecíveis, essa grande instituição, á medida que avança em sua historia, cresce, frondeja, expande-se e, á maneira daquella arvore bemfeitora da legenda indiana, cada dia que passa cria úma nova fronde para abrigar uma humanidade nova.

VI

Quizestes, senhores, chamando-me para o vosso seio, dar-me também um pouco do agasalho desta sombra generosa. Eu vos agradeço, certo de que, entrando para esta Casa, não preciso abdicar das minhas convicções na grandeza do nosso presente, nem renunciar as minhas crenças nas grandes virtualidades contidas no nosso futuro. Não tem sido esta a vossa lição: vejo-vos sempre muito presos á admiração do passado.; mas, vejo-vos também muito attentos a todos os problemas do presente, e vejo-vos muito sensíveis a todos os ideaes do futuro.

E' que tendes muito ampla, senhores, a noção desse continuo *devenir*, que é a evolução de uma nacionalidade, muito profundo o sentimento da solidariedade das gerações, muito viva a consciência da nossa continuidade histórica. O passado e o futuro são ambos, por isso mesmo, sagrados para vós; ambos formam os poios das vossas affeições. Para saudardes o clarão dos novos tempos, não julgaes necessário apedrejar as sombras do nosso passado heroico: vós, senhores do Instituto, não praticaes o abysinismo em historia. E, deixae-me que vos diga, todos vós pareceis repetir aquellas palavras memoráveis de Ernesto Lavisse, quando, nas paginas commovidas dos seus *Souvenirs*, celebrou uma vez a brevidade do passado:

— Descobri que o passado é curto. Fiz este calculo. O pae do meu tio-avô, que nasceu em. 1764, quando reinava Euiz XV, conheceu, ainda moço, os contemporâneos de Luiz XIV. Os mais velhos destes tinham sido governados pelo cardeal de Richelieu; e não seria preciso uma grande serie de homens, não mais do que uns trinta octogenários, para attingir o tempo, em que Jesus Christo veio ao mundo. Esta brevidade do passado deu-me um respeito pelo futuro immenso. Encontrei-me numa disposição de espirito, que mais tarde se fixou em mim. A hora presente não vale para mim sinão uma hora. Porque se encontra no correr da minha vida não é razão para que eu julgue de um valor maior do que as passadas e as futuras."

OLIVEIRA ViANNA



AO TRANCO...

(Conto gaúcho)

— Foi aqui mesmo. E, quando me lembro, corre até uma friagem pelo fio do lombo. E olhe que não é p'ra menos.

Falava assim o Manecão, olhando fixamente para um al-tinho saliente á beira da Sanga do Salso que iam os vadear no passo, em rumo á estancia do Cel. Pereira. O Manecão, caboclo soturno e guapo, era seu capanga de confiança; por isto, elle o mandara buscar-me á estação próxima, com um pingão de lei.

— Foi alli naquella cocuruto, continuou. Ha quinze annos e me parece que foi agora mesmo, "indagorinha", patrão. Cuei putcha! Eu. lê conto.

Fomos descendo a rampa ligeira que declina para o passo. Enquanto abeberavamos os cavallos, o Manecão traçou a perna direita sobre a cabeça do lombilho, empurrou o chapéo á corôa e poz-se a desfiar lentamente, gostosamente uma picada de fumo na mão espalmada. E, meio tremulo, reatou o assumpto, gottendo as palavras em uma dolorosa narração empacada:

— Foi no tempo da revolução. O patrão, de certo, era criança nesse tempo. Nós éramos vinte e quatro dum pique-tinho de bombeiros. Tinha-se recebido aviso que a castelhanada nos ia sahir nos encontros mais ou menos alli pelas alturas daquelle cochilhão que ficou p'ra traz. Elles tinham o plano de nos tentear e rebentar de repente lá de cima em riba de nós com uma descarga de clavina, cahindo logo numa carga de lanceiros — e eram de fama os delles — sobre a rectaguarda algariada com a surpresa. E' o que eu pensava. E lê garanto que era um mundeó de nos deixar olhando p'r'o o céo ou nos maneadores p'ra

ser gravateado, no mais! Pois era como eu lê contava. E, olhe, não vá pensar que eu estou queimando campo.

O Manecão fungou uma densa baforada e desatou a narrativa:

— Nós éramos vinte e quatro, seu, caboclada coronilha, de fama por esses pago[^]. Viemos fazer uma reconhecida por aquelle mattinho. Lembra-se? Aquelle mattinho, nas cabeças dos banha-dos... Viemos folheritos, no mais! A cavallhada atirava o freio e nós, de chapéo quebrado, chalravamos. Tinha chovido e, no claro do matto, corria uma aguasinha limpa de se ver o fundo, que a cavallhada apeteceu beber. Vinha batida e varada. Seis léguas de tocada não são brincado.

Quando estavamos no melhor: — a cavallhada bebendo e nós bebendo também — até por signa!, foi na ocasião em que o nosso commandante, o alferes Amaro, mocito guapo — havia de ver com elle — ia levar á bocca a guampa cheia d'agua, rebentou em riba de nós uma descarga medonha. Parecia chuva de pedra. O alferes Amaro cahiu primeiro com mais de metade da gente. Os bichos tinham dormido no ponto. Também não esperamos pela volta. Cerramos perna e batemos na marca, estonteados, descarregando atoa os revolveres. Mas logo sahiu em cima de nós uma ponta de lanceiros que nos tirou campo fôra que nem borregada louca. Não tive animo de pelear. Era barbaridade! Sahi ponteiro no meu picaço salgo — pingo bueno, como aspa, era uma pata de primeira — junto com o Lucas Beriba, um serrano destorcido. Corremos longe delles até aquelle repecho brabo. Allí os cavallo afrouxaram o garrão. Dor d'alma senti então, patrãosinho!

Boleámos perna e nos preparamos p'ra pelear. Elles logo se acarrancharam p'ra riba de nós. Mas um delles, que pelos modos me pareceu o commandante, lês gritou: — Maneador com elles.

Caramba! Quando ouvi isto, senti um baque por dentro e me botei neües para morrer mesmo, porque sabia a sorte que me esperava, si fosse agarrado vivo. Mas, num repente, me laçaram de meio corpo e me puxaram de arrasto, campo fôra. Quando dei tento de mim estava reatado mais o Beriba e tocados por deante. O tal sujeito que tinha falado no maneador, ordenou: — Toquem os borregos p'r'o banho.

Eu vinha de cabeça gacha, assumptando. Qual! Nem accudia assumpto! O lenço até me fazia uma "cosquinha" no pescoço e eu pensava logo no que ia acontecer dahi a pouco. Chegamos enfim á beira da sanga, naquelle cocurutosinho mesmo. Formaram um circo e nos nietteram no meio, enchiqueirados, que nem matungos matreiros.

Manecão fez uma pausa. Alliviou a lugubre recordação num largo suspiro e proseguiu, agora com vehemencia e fortes gestos significativos.



— Ah! O tal commandante, um nanico mal encarado, foi dizendo logo que nos desatassem p'ra tirar a roupa. Quem vae ao banho, vae em pello mesmo, gracejava elle.

O Beriba, pobre Beriba — serrano "relinchão", mas bom amigo e guapo até alli, desvestiu-se logo. Eu fui embromando, recalçado, a ver no que parava aquillo. Fui tirando o pala, o casaco. Levei um mundão de tempo p'ra sacar a camisa. Nunca na minha vida custei tanto a sacar uma camisa. E as botas? Que botas apertadas aquellas, patriosinho! Nem junta de bois as puxava. Enfim, lá sahiu uma e comecei a forcejar por sacar a outra, mui d'espassito, a bombear as cousas, a ver no mais. Que um vivente não deve deixal-as irem assim "de valde".

Quando o Beriba estava como nasceu, achegou-se p'ra elle um castelhano retaco e lê perguntou nas buxas, como queria a gravata — si de meia viagem ou de viagem inteira. E logo gritaram: — *Vá, cliê, de viaje inteira.* O Lucas olhava apatetado e caleado. O castelhano "de sopeto" metteu-lhe dois dedos da canhota nas ventas e lê passou a gravata de viagem inteira, correu-lhe o ferro de orelha a orelha, seu! Também não cochilhei! Cuei putcha! Sangue quer vida, sangue quer corpo! Olhei de relancjna, balanceei o corpo p'ra direita e preendi a bota com a chilena nas fuças do lanceiro que estava deante de mim. Elie tastavelhou; os outros estavam então entretidos a ver o pobre do Beriba estrebuchar, degollado como cordeiro que morre sem dar um berro. Algariaram-se com esse meu repente. Houve um entrevero. Atirei-me pelo meio das pernas da negrada e me lelei n'agua, como capincho acossado. Bala choveu logo em cima de mim. A sanga estava campo fóra e corria como uma bala. Mergulha aqui, mergulha alli, mal botando o focinho de fóra p'ra tomar folego, me fui por aqui abaixo, braceando p'ro outro lado. Elles me perseguiram por algum tempo, mas, quando me perderam de vista, me largaram. Nadei, como lontra nesse dia! Fui sahir lá em baixo. Está vendo aquelles sarandís? Foi lá que sahi, nos fundos da estancia do coronel Pereira que era dos nossos. Cheguei nú nas casas, mais morto que vivo. Quando me vi salvo até me pareceu mentira. Deus é grande e a vontade de viver é maior.

Suspirou de novo, num amplo hausto satisfeito de cara salvação.

— O coronel mandou me chamar. Conte-lhe o que me acontecera. Elie gostou da façanha e me tomou p'ra sua ordenança. O sr. vae p'ra fazenda. Pois lê pergunte. Bom patrão o coronel, homem ás direitas até alli, rematou o Manecão, sacudindo a cabeça.

Tínhamos vadeado a sanga e subido o repecho opposto. Parámos um instante. O vaqueano voltou-se nos arreios e olhou ap-



prehensivo e agitado para o cocuruto lugubre. Seu rosto, até então tranqüillo, traía agora uma viva emoção.

— Foi alli mesmo, accentuou, apontando com o grande dedo caloso. Até me parece um sonho. Tempo brabo! Si era! A vida não era da gente...

E quasi para si mesmo, murmurando, exclamou:

— Hein? Gravata de meia viagem ou de viagem inteira?

E, dando de repente um grito rouco, como de capivara acuada, quando se lança n'agua, o Manecão entesou-se nos arreios e cerrou as esporas.

Abalou a toda a redea, num arranco violento, bradando-me atfoadoramente, apavorado pelas horrendas visualidades daquelle passado tristissimo:

— Toque, patrão, o bicharedo ahi vem! Barbaridade!

E o Manecão sumiu-se envolto numa nuvem de poeira.

VIEIRA PIRES

Dezembro de 1907.





A NECESSIDADE DE ESQUECER

HA muitos annos, quando era eu ainda estudante dos primeiros annos da Faculdade de Medicina, assisti um dia a uma palestra entre homens de estudo, e ouvi alguém exprimir o »eu ideal intimo; esse ideal produziu em mim uma impressão forte e inesquecível. Em um momento de phantasia, havia sido apresentado um problema difficil de resolver: si inopinadamente nos apparecesse um gênio bemfazejo e generoso, disposto a conceder-nos um grande bem, fosse qual fosse, á nossa escolha, como fariamos essa escolha? A felicidade é sempre tão difficil de imaginar que todos ficaram mais ou menos perplexos; nenhuma idéa aproveitável appareceu até ser apresentada uma que alcançou aprovação geral: seria pedida para cada um de nós memoria perfeita, completa, integral, capaz de guardar fielmente tudo que fosse lido, ouvido, ou sentido.

Essa aspiração de homens de estudo foi para mim, muitas vezes, objecto de meditação e pareceu-me n'aquella época traduzir bem o desejo de todo aquelle que dedica sua vida á sciencia. Sendo a memoria o meio de conservação dos conhecimentos, dar ao homem de sciencia uma memoria perfeita, seria provel-o de um instrumento perfeito. Entretanto, hoje, felicito-me por não ter apparecido nesse momento nenhum gênio bemfazejo para tomar ao pé da letra os nossos desejos. Eonje de nos proporcionar um bem, elle nos teria feito um grande mal e talvez houvesse atirado a todos nós, com o seu dom maravilhoso, ao marasmo irrerrjediavel. Com esse dom nos tornaríamos todos incapazes de agir, e o que é peor, incapazes de saber, no verdadeiro sentido do termo.

São as razões dessa opinião, que eu desejaria desenvolver neste



artigo. Essas razões são baseadas nos resultados acumulados do estudo científico da memória. Decompondo a memória em seus elementos, acompanhando sua evolução, estudando suas deformações e suas doenças, mostrando suas relações com outras faculdades, a Psychologia permite hoje chegar a algumas conclusões sobre o seu valor pratico, sobre os limites a lhe serem dados, e principalmente sobre as suas formas utilisaveis.

* * *

Alguns daquelles que pela natureza foram dotados da memória, não perfeita como nós pediríamos ao gênio, mas approximando-se dessa perfeição, sempre amaldiçoaram essa faculdade. Themistocles queixava-se de sua memória implacavel e exaltava a arte de esquecer. Chateaubriand soube de cór as taboas de logarithmos e, quando menino, poude repetir um longo sermão cuja significação ia além de seu entendimento. Essa faculdade, porem, se lhe afigurava humilhante. Alfred de Vigny irritava-se contra sua capacidade de retenção que o levava a guardar a conversação mais insignificante e inútil. Um caso clássico é o do Dr. Leyden, capaz de repetir após uma única leitura um longo discurso do parlamento; entretanto nunca acceitava felicitações por esse dom. Longe de consideral-a uma vantagem, tinha sua memória por um inconveniente, pois só podia lembrar-se de um ponto determinado do que havia lido, repetindo o trecho desde o principio.

A grande memória tem sido encontrada em imbecis e em de-beis mentaes; capazes de guardar de cór um livro inteiro, ou uma tabella de cálculos, mostram-se entretanto incapazes do menor raciocinio. O dom da memória é para elles uma inutilidade, e applica-se a coisas insignificantes, ou indifferentes e inúteis. Ha nesses casos um divorcio completo entre a memória e a intelligencia.

Muitos homens, dos maiores entre os creadores em sciencias e em arte, eram por natureza ou em consequência de doenças, dotados de memórias fragilissimas. N/ewton é um caso clássico. O physico inglez Faraday, um dos espíritos mais originaes da sciencia no século XIX, soffria de uma fraqueza de memória tal, que o levava a tomar nota immediatamente de tudo que para elle tivesse um interesse qualquer, sob pena de esquecer. Alguns dos homens que impressionaram pela massa de seus trabalhos, fazendo acreditar serem possuidores de memórias perfectas, quando quizeram deixar suas confidencias, destruíram essa illusão. Darwin confessou um dia possuir uma memória deficientissima. Da maior parte de suas leituras, elle guardava uma vaga reminiscência, permittindo-lhe reconhecer uma noção, isto é, ter a idéa de já ter visto ou lido alguma coisa de semelhante. Para realizar seus estudos» foi sempre

obrigado a organizar um systema especial de notas bem catalogadas.

Ha casos pois, em que a memoria desenvolvida ao máximo coincide com uma intelligencia rudimentar ou nulla; ha outros em que a grande intelligencia é servida por nina memoria deficiente. Tanto basta, para mostrar a independencia das duas faculdades. Isso não bastaria para mostrar a sua incompatibilidade, e é esse o problema interessante pelo momento. E' possível a coexistência de uma intelligencia superior com uma memoria perfeita?

Para muitos, essa coexistência não somente é possível, como é indispensável aos typos superiores de humanidade. William James, com o seu estylo vivo e original exprimiu claramente uma opinião dessa ordem. "Reter tudo que se aprende", escreve, "é uma condição indispensável para ir adeante sem cessar e emprender sem receios, tanto na vida intellectual como na vida pratica. Ao contrario, si á medida que aprendemos, esquecemos, só poderemos perder o tempo em reaprender indefinidamente, felizes já quando chegamos a entreter e manter nossas aquisições. Ficae certos que os Carlos Magno, os Luther, os Leibnitz e os Walter Scott tiveram cerebros maravilhosamente aptos a tudo guardar. Tanto era necessário para tornarem-se o que elles são para nós, verdadeiros *in-folios de humanidade*. As pequenas *laquettes* em 32 como o somos nós, nunca poderiam conter tanto texto mesmo que possam conter coisas excellentes. Em summa, sem uma memoria physiologica extraordinaria, podemos ainda pretender tornarmo-nos especialistas, mas é necessário renunciarmos ao papel e á influencia dos grandes encyclopedistas e dos poderosos conductores de homens."

Não seria difficil citar alguns casos de grandes homens nos quaes a memoria não prejudicava á intelligencia. Berthelot foi um delles. Em seu tempo, aliás ainda muito proximo de nós, passava por condensar em si toda a Chimica. Elie proprio o dizia: quando desaparecesse ninguém mais no mundo saberia Chimica.

Além disso sua memoria era de uma precisão notável para tudo quanto lia ou via, e aos seus Íntimos dava a impressão de saber tudo. Metchnikoff, no Instituto Pasteur de Paris era uma especie de bibliotheca viva. Eendo todos os trabalhos publicados sobre sciencias naturaes, para o seu laboratorio se dirigiam aquelles que, sem tempo de ler um grande artigo ou um volume inteiro, queriam delles ter uma idéa sucinta e certa. Sarah Bernhardt em suas memorias ha pouco publicadas conta-nos da capacidade de retenção que dispunha Léon Gambetta, prompto a recitar certas tragedias classicas de deante para traz, e de traz para deante. Riccardo Wagner diz-nos, no historico de sua vida ter conhecido em 1861 em Paris o jovem Saint-Saens, tocando de cór todas as par-



tituras dos dramas wagnerianos então existentes, inclusive a de Tristão e Isolda. E Wagner nota que essa retentividade anormal parecia prejudicar Saint-Saens na sua originalidade de compositor. Ao tempo em que Wagner escreveu isso ainda não se tinha desenvolvido a carreira gloriosa do compositor francez, mas agora cabe aos musicistas decidir em ultima instancia quanto de razão tinha Wagner...

Em todos esses casos ha, porém, um elemento ainda não determinado. Esses homens impressionaram pelo que foram aptos a guardar, e isso é muito. Mas elles não nos disseram quanto esqueceram e sobretudo quanto trataram de esquecer. A massa de conhecimentos por elles apresentados não deixava ver a massa talvez ainda maior das coisas que elles eliminaram pelas vias do esquecimento. A arte de guardar é inseparavel da arte de esquecer, e aquelles que melhor sabem guardar são os que melhor sabem esquecer. Naturalmente é raro encontrar-se alguém exaltando como uma virtude aquillo que pensa ser um defeito. Nem todos querem ter o snobismo de Montaigne exhibindo uma erudição só compatível com uma memoria de primeira ordem, mas não perdendo occasião de declarar ser completamente desprovido da capacidade de retenção. "C'est un util et merueilleux service que la memoire, et sans lequel le jugement faict bien à peine son office; elle me manque du tout". E mais adeante, era um trecho celebre, escreve o auctor dos Essais: "C'est le receptacle et l'estuy de la science, que la mémoire: l'ayant si défailante, je n'ay pas fort à me plaindre si je ne sçais gueres. Je sçais en general le nom des arts, et ce de quoy ils traictent; mais rien au de là. Je feuillette les livres; je ne les étudie pas: ce qui m'en demeure, c'est chose que je ne recognois" plus estre d'aultruy, c'est cela seulement de quoy mon jugement a faict son proufit, les discours et les imaginations de quoy il s'est imbu; l'auteur, le lien, les mots, et aultres circonstances, je les oublie incontinent: et suis si excellent en l'oubliance, que mes escripts mesmes et compositions, je ne les oublie pas moins que le reste; on m'allègue toutes les coups à moy mesme, sans que je le sente". (1) Montaigne comprazia-se em fazer pouco de sua memoria e não ligava importancia aos que armazenam conhecimentos sobre conhecimentos, textos, sem entretanto assimi-

(1) O esquecimento de suas proprias obras, que Montaigne cita como a maior prova da fraqueza de sua memoria, apparece hoje aos psychologos como um phenomeno frequente e quasi normal. Não entram como prova disso os casos pathologicos, como o de Walter Scott, esquecendo por completo o seu Ivanhoé, mas os casos de escriptores que continuam a gozar de boa saúde, attestada pelos seus nevos trabalhos. A expressão *dar um livro*, pôde ser tomada ao pé da letra. Escrevendo-o e publicando-o, um auctor priva-se, por assim dizer, daquillo que creou.



l-os por completo. Deixemos de lado, porém, o caso de Montaigne e verifiquemos o facto da coexistência de grandes memórias com grandes intelligencias.

As grandes memorias em homens de primeira ordem não são as memorias infalliveis, exactas e completas. Elias nada têm a ver com a memoria perfeita, capaz de registrar tudo que fere a attenção. As suas bases e a sua estrutura são inteiramente diferentes.

Alguns psychologos, e entre elles Dugas, foram conduzidos a admittir a existencia de duas formas de memoria. Uma é a *memoria bruta*, a outra a *memoria organizada*. A primeira registra e guarda as palavras, as formas, os sons, as sensações, no estado bruto, sem selecção, sem discernimento, e as reproduz quando se apresentam solicitações adequadas. Entretanto esses elementos guardados podem ficar aquém do limiar da intelligencia. O individuo recebe as impressões e as conserva por assim dizer por uma plasticidade perfeita, mas não as assimila e não lhes dá um caracter novo decorrente de sua elaboração própria. A memoria organizada é a que se baseia' em um trabalho intellectual prévio. Na massa informe dos factos e das idéas que se nos deparam, ella escolhe os mais importantes, os mais interessantes, e os retém, eliminando inexoravelmente os outros como inúteis, tratando-os como verdadeiros *detricks* inutilisaveis. A impressão de importancia ou de interesse de uma noção depende evidentemente dos conhecimentos anteriores do individuo. A analogia ou o contraste com alguma noção anteriormente adquirida, desperta a attenção fixando-a e levando o espirito a um trabalho minucioso de analyse. Em alguns casos, mais raros, o elemento de interesse é justamente a impressão de absoluta novidade, a ausência de relações com todo o conjuncto de noções já existentes. Seja como fôr, o interesse envolve um julgamento, um trabalho de associações e de evocações activas, isto é, elementos intellectuaes, acompanhados em grão maior ou menor de tons affectivos. Cada individuo capta no mundo exterior, selectivamente, noções apropriadas, e estas vão enriquecer ou modificar o seu fundo de conhecimentos, creando e desenvolvendo sua personalidade.

A memoria bruta lembraria um explorador a percorrer um paiz, recolhendo indifferentemente tudo que se lhe depara no caminho : pedras, fragmentos de madeira, folhas seccas, cadaveres de animaes, ossos e assim por deante. A memoria organizada responderia, em uma imagem dessas, ao explorador intelligente e esclarecido, guardando em seu sacco de viagem só o que tem valor, de accordo com o seu ponto de vista ou o seu fim. O primeiro apanharia sem maior attenção uma coisa imprevista e nova, sem distinguil-a das outras. O segundo a separaria immediatamente, conservando-a melhor e dando-lhe um lugar de destaque.



A memoria organizada é o resultado da cultura da memoria pela intelligencia. Essa cultura, fazendo-se por uma verdadeira selecção, implica o desenvolvimento de certos elementos e a atrophia e eliminacção de outros. A eliminacção só dispõe de um processo : o esquecimento.

Assim chegaram os psychologos a estabelecer o principio, surprehendente a um primeiro exame, segundo o qual o esquecimento é um factor essencial da memoria. Seja-me permittido transcrever alguns trechos que exprimem essa idéa em toda sua clareza.

Em seu livro clássico sobre as doenças da memoria escreve Th. Ribot: "Chegamos, pois, a esse resultado paradoxal que uma das condições da memoria é o esquecimento. Sem o esquecimento total de um numero prodigioso de estados de consciência e o esquecimento momentâneo de um grande numero delles, não nos poderíamos recordar. O esquecimento, a não ser em certos casos, não é pois uma doença da memoria, mas uma condição de sua saúde e de sua vida."

H. Piéron diz em seu livro sobre a evolução da memoria: "Uma memoria por demais perfeita, que faria da vida do espirito um écho exacto dos phenomenos exteriores mais frequentes, parece assim eminentemente perigosa". E mais adiante: "A memoria, para ser utilisavel pelo homem, deve ser malleavel, e, com esse fim, os encadeamentos rigorosos devem ser quebrados; é necessário diminuir a intensidade dessas consecucções persistentes, é preciso provocar o seu esquecimento, e só com essa condição os elementos encadeados poderão adquirir uma certa individualidade e tornar-se manejavéis: é sobretudo nessa malleabilidade que a memoria humana pode adquirir toda sua superioridade e pode-se dizer assim que nesse sentido é o esquecimento que a torna superior permittindo uma evocacção mais livre e mais complexa."

H. Bergson acha indispensável para a acção a faculdade de esquecer. "O que caracteriza o homem de acção é a presteza com que elle chama em auxilio de uma situação dada todas as recordações que com ella se relacionam; mas é também a barreira intransponível que nelle encontram, apresentando-se ao limiar da consciência, as recordações inúteis ou indifferentes."

Em seu livro sobre o futuro da sciencia, livro de mocidade, mas cheio de idéas e de pontos de vista fecundos, Ernesto Renan já escrevera: "O esquecimento occupa um largo logar na educação scientifica do individuo. Uma multidão de dados especiaes, aprendidos mais ou menos penosamente, cahem por si mesmos da memoria; é preciso não pensar que por isso elles sejam perdidos. Porque a cultura intellectual que resultou desse trabalho, a marcha que o espirito fez por esses estudos, permanecem; e só isso tem valor."



Esse principio foi sempre admittido por todos que meditaram sobre os meios de chegar á verdade. Entre auctores muito mais antigos não seria difficil escolher trechos que o exprimem de modo definido. Em 1672 Sir Thomas Browne escreveu: "...o conhecimento é feito pelo esquecimento, e para obter um corpo de verdade, claro e legitimo, devemos esquecer e abandonar muito do que sabemos".

* * *

Sob todos os pontos de vista a memoria bruta por si nada vale. A memoria necessita ser amoldada e trabalhada pela intelligencia, submettida aos côrtes que a razão pratica, operando impiedosamente as amputações necessarias. Todos os grandes homens que impressionaram pela memoria a tinham organizada e disciplinada. Os que possuíam a memoria bruta desenvolvida, e todos nós a temos em um grão maior ou menor como uma matéria prima a ser utilizada, educaram-na enxertando sobre ella o esquecimento, e aquelles que não puderam dar a este um desenvolvimento adequado, nunca se consolaram desse fracasso. Assim foram Themistocles. Chateaubriand e Alf. de Vigny.

Quando se esmiuça a biographia desses exemplares superiores de homens, desses infolios de humanidade para empregar a expressão pittoresca de William James, encontra-se o trabalho constante de organização e de estudo. Os mais ricos em dons mostram-nos a sua deficiencia natural. H. Poincaré, o grande mathematico, cuja memoria parecia extraordinaria, informou ao psychologo Toulouse que o estudou como um dos typos tomados para uma enquête sobre os elementos da superioridade intellectual, nunca se lembrar ao certo qual o pólo positivo de uma pilha. E explicava essa difficuldade pela ausência de uma razão immediata para que o pólo positivo seja um ou outro. Elie guardava bem o que tem uma razão lógica de ser, isto é, sua memoria era toda baseada sobre elementos intellectuaes, e quando entregue a si propria, desamparada da intelligencia directriz, fallia. Anatole France, cuja memoria era admirada por seus leitores e mais ainda pelos seus Íntimos (V. o livro de Paul Gsell "Propos d'Anatole France") declara em sua "Vie en fleur" ser ella caprichosa; "je me souvins sans ordre ni suite" diz elle. Napoleão orientava sua attenção toda para os factos e as coisas relativas a seus exercitos e á sua administração. Essas coisas elle as guardava com uma absoluta fidelidade e as evocava quando queria. O general de Ségur, encarregado de fazer um inventario das peças de artilharia existentes na França, ao apresentar o seu relatório teve a grande surpresa de ouvir de Bonaparte a observação acerca da falta de duas peças que se encontravam em uma determinada praça. No entre-



tanto, Bonaparte disse um dia: "Não tenho bastante memoria para reter um verso alexandrino", acrescentando porem: "mas, não esqueço uma syllaba de meus estados de situação".

A memoria dirigida pela intelligencia e estando sempre ao seu serviço, as recordações necessarias apparecendo no momento preciso, a evocação fácil e segura mas disciplinada e dócil, eis o ideal. O dom da memoria espontanea é necessário como um elemento a ser utilizado. Mas se essa memoria é por demais exuberante, se a cada momento fornece muito mais do que se lhe pede, transforma-se em um mal. Abafada sob o peso das recordações que sobrevêm desordenadamente, ou em uma ordem que nenhuma ralação tem com a necessidade presente, a intelligencia paralysa-se, ou age de modo incoordenado. Os espíritos bem organizados têm um instrumento precioso para a evocação das recordações: a associação de idéas.

Um facto ou uma idéa, em um momento, provocam novas idéas por um jogo livre de associações. Dá-se um verdadeiro trabalho de criação, fecundo, novo, original. Entre essas associações podem apparecer algumas combinações já realizadas e das quaes já se teve um dia, no passado, o conhecimento. E' fácil então identifical-as, o acto de reconhecer sendo mais simples do que o de lembrar. Podemos, ás vezes, não nos lembrar de uma determinada coisa, mas posta ella sob nossos olhos a reconhecemos logo. Assim a memoria que havia guardado de uma coisa um traço fugitivo, quasi de todo apagado, dará aos que não acompanham esse trabalho surdo e invisível, a impressão de uma memoria segura e precisa. Ella veste-se com as galas da intelligencia que na realidade deveria ser o elemento a ser apreciado.

Nem sempre o caminho a ser seguido para a evocação é tão complexo e tão interessante. Innumeras vezes a associação faz-se immediatamente entre o elemento actual e a recordação, que se achava bem conservada. Mesmo assim, porem, o mecanismo da evocação é muito diverso da evocação verificada na memoria bruta. Para esta é necessaria uma ordem directa, concreta, em que se declara exactamente o que se quer; e então, ella desenrola automaticamente, inconscientemente o novello inteiro das recordações. Se esse trabalho for interrompido no meio, será necessário voltar ao principio, ou a um ponto bem marcado, verdadeiro ponto de referencia.

Não é difficil comprehender agora porque a memoria excessiva pode prejudicar á intelligencia. No trabalho de criação é necessário que esta tenha a primazia. As associações precisam encontrar o campo livre, e se ellas já possuem elementos preestabelecidos promptos a serem utilizados, a intelligencia repousa sobre elles, acceita-os e adapta-os, feitos e acabados. A criação



nova deixa de se fazer por uma verdadeira economia de esforço. Se porém, não existem ligações fortes entre a necessidade presente e os estados de consciência passados, ligações que nos levariam fatalmente, por caminhos certos, do estado actual ás noções anteriores, a intelligencia tem tudo a fazer desde o principio. Do passado só fica uma vaga reminiscência que não tem a força para embaraçar os movimentos, mas ao contrario os facilita e excita.

E' essa a razão do modo de trabalho dos grandes homens de sciencia. De sua educação, de suas leituras e de seus estudos, elles têm um conhecimento sufficiente do estado da sciencia para poderem estabelecer os problemas. Mas elles evitam ter um conhecimento por demais minucioso das soluções ou das theorias existentes. A verdadeira solução de um problema depende muita vez da descoberta de um caminho novo, e se os caminhos antigos são bem conhecidos e estão bem presentes á memoria, nós insensivelmente os tomaremos, indo encontrar as mesmas coisas já encontradas. Ninguém pensa, quando se aconselha a não tomar muito em consideração os trabalhos anteriores, em recommendar um estado total de ignorancia como o melhor para fazer alguma coisa de fecundo. E' esse um mal-entendido muito frequente. E' necessário que os conhecimentos anteriores tenham passado pelo campo da consciência, mas que já se tenham parte esbatido, dissipado, em uma palavra já tenham sido esquecidos ao ponto de não se tornarem importunos. Mas elles devem lá existir de modo a renascerem rapidamente, ao primeiro appello, para virem se agrupar em torno da idéa nova, quando esta surgir, tomando assim um aspecto differente e formando uma ordem inesperada. Elles virão, revigorados pelo conhecimento novo, reclamar o que lhes pertence, mostrar o que a elles cabe dentre as coisas novas, e mesmo reduzir um pouco as pretensões excessivas que têm todos os sêres novos, e uma idéa nova é em summa um sêr novo.

Em tudo entra, pois, a faculdade mestra da inibição momentânea da memoria, a capacidade de esquecer impedindo a intromissão importuna do passado. Mas, na vida intellectual ha uma continuidade inilludível. O presente sempre tem muitos de seus germens no passado.

Elie acrescenta-se ao passado, modificando-o, mas raramente ha destruição completa e absoluta do que existia. Sempre permanecem alguns elementos que são retomados com uma physionomia nova, que se apresentam modificados, reactivados e rejuvenescidos, mas duram, e á memoria individual ou collectiva cabe o papel de pôl-os em evidencia. E' á Historia, quer a Historia geral, no caso das transformações sociaes, quer a Historia das sciencias e das artes, no caso mais particular que nos occupa, que incumbe ressuscitar esses elementos do passado. E d'ahi a desillusão de



muitos que exagerando a semelhança entre o passado e o presente exclamam : nada de novo sob o sol, *nihil novum sub sole*. Mas dahi também o optimismo de outros que em uma attitude inversa, ao verificarem que uma coisa antiga pode nos apparecer tão inopinadamente que assume o aspecto de coisa inteiramente nova, exclamam: nada de velho sob o sol.

O esquecimento nos apparece assim como uma condição essencial para a renovação do interesse. Uma memoria que guardasse tudo e tudo conservasse, mesmo que pudesse depois tudo utilizar de modo intelligente, abafaria por completo a capacidade de sentir, e seccaria a fonte principal de prazer na ordem intellectual. Raramente se apresentaria a um espirito assim formado uma idéa revestida desse aspecto de frescura e de espontaneidade que tem a idéa nova ou que julgamos nova.

* * *

A arte de estudar e a arte de ensinar muito teriam a lucrar com a generalização e diffusão dos resultados da analyse da memoria assim comprehendida. Em geral se conta suficientemente com o esquecimento. Em tudo se age como se o esquecimento não existisse e a memoria fosse uma guardiã fiel do que a ella é confiado. Procura-se entre a multidão dos conhecimentos que formam uma disciplina, aquelles que apresentam um caracter de necessidade ou pela sua applicação pratica futura, ou como noção essencial para o entendimento de outras disciplinas mais adeantadas. Outrora sobrecarregava-se a memoria com um excesso de noções. Hoje em uma reacção contra um mal real, procura-se reduzir a matéria a estudar ao que é util e aproveitável. Deante de uma noção qualquer a pergunta feita de todos os lados é a seguinte : de que vae isto servir na vida futura do estudante? No fundo, os que reclamam um caracter essencialmente pratico para os estudos, têm, grande numero de vezes, como *arrière-pensée*, a limitação forçada dos conhecimentos ás noções úteis, alliviando assim o esforço do estudante. A luta em torno dos methodos de ensino talvez seja em grande parte oriunda desse mal-entendido aliás difficil de dissipar. Homens esclarecidos na vida pratica, ao chegarem ao fim da vida reconhecem com uma certa tristeza que de seus grandes estudos feitos na mocidade, o que foi realmente util formaria a matéria de um pequeno volume. Uma tal attitude lembraria a de um homem que ao chegar ao fim da vida fizesse um inventario de tudo que comera : e ao ver o verdadeiro deposito de viveres que tudo reunido formaria, lastimasse, considerando seu proprio peso, que tudo fosse tão mal aproveitado.

à



GALERIA DOS EDITADOS



FRANCISCO D' AURIA,
autor do "*Curso de Contabilidade*".



O lucro essencial a tirar do ensino, ou do estudo é o desenvolvimento da intelligencia, o exercício da capacidade de estudar e de agir, orientada em um determinado sentido. As noções diversas valem mais pela transformação que ellas imprimem ao espirito, do que pelo seu valor proprio. O ensino corrente pecca pelo modo de apresentar os conhecimentos como coisas em si, acabadas, que devem ser adoptadas para um emprego futuro. Despreza-se o trabalho fecundo de analysal-as, de decompol-as e principalmente de mostrar como nasceram ellas e se desenvolveram em uma evolução que continúa, que não terminou ainda. Esse mal foi de todos os tempos e Montaigne já dizia: "Nous ne travaillons qu'à rempli) la memoire, et laissons l'entendement et la conscience vuides. Tout ainsi que les oyseaux vont quelque-fois à la queste du grain, et le portent au bec sans le taster, pour en faire bechée à leurs petits: ainsi nos pédants vont pillotants la science dans les livres, et ne la logent qu'au bout de leurs lèvres pour la degorger seulement et la mettre au vent. "Montaigne havia visto com uma clareza admiravel nessas coisas e exigia que o conhecimento fosse inteiramente assimilado. "Or, il ne fault pas attacher le sçavoir à l'ame, il l'y fault incorporer."

Ensinar como um bloco o conjuncto dos conhecimentos necessários para o futuro do estudante é fazer um trabalho quasi inutil. O essencial é obrigar o aprendiz a um esforço constante, é leval-o a pôr em pratica todas as suas faculdades no trabalho da descoberta da verdade. Esse trabalho deixal-o-á melhorado, augmentará o seu poder de discernimento, desenvolverá sua capacidade de acção e despertará suas iniciativas intellectuaes. Mas para ser bem realizado elle terá que lançar mão de innumerous conhecimentos aparentemente inúteis, que serão esquecidos mais tarde, mas que nem por isso deixaram de ser essenciaes em um momento dado. Exigir a collaboração do alumno é a grande vantagem do ensino experimental bem comprehendido.

Em geral, o aspecto material de grande numero de experiencias nada tem de essencialmente interessánte para quem não as comprehende em sua verdadeira significação. Mas o encanto que çe lhes descobre quando os seus fins, as suas bases, os meios postos em acção para executal-as são comprehendidos, é real e deixa uma marca indelevel. O estudante se habitua a ver, no meio das minúcias inextricáveis da technica o que ha de primordial, o que deve ser guardado, e quaes os pontos, variaveis com as condições, susceptíveis de serem esquecidos ou mesmo que poderão ser esquecidos sem grandes prejuízos, porque elle saberá achal-os novamente quando delles necessitar.

Infelizmente não é possível desenvolver neste ensaio todas as consequências que para o ensino teria a maneira de entender o es-



quecimento, que procurámos expôr. Resumiria porém, os resultados da analyse moderna dessas questões, dizendo: o ensino que não dá ao esquecimento o papel que lhe cabe, que o desconhece ou finge desconhecel-o, não tirando d'elle todo o partido possível, é falho e incompleto.

* * *

A Psychologia talvez pudesse trazer alguma luz sobre questões importantes, que apaixonam violentamente as opiniões. Todos nós assistimos á luta desencadeada pela manifestação das idéas futuristas em litteratura. O culto pelo passado sentiu-se seriamente ameaçado deante das atitudes livres de um grupo, considerado logo como de iconolastas, que pede um movimento organizado em uma direcção nova, aliás não ainda bem definida e nitidamente traçada. Os futuristas preconisariam o esquecimento do passado, defendido ciosamente pelos antigos, que o consideram como uma riqueza adquirida, definitiva, não sujeita a desvalorisações. A isso se opporia a queixa dos primeiros opinando ser o passado um peso morto, nocivo, que abafa as fontes de criação nova e inibe com os seus moldes gastos e anachronicos os movimentos fecundos e generosos da intelligencia actual.

Longe de mim intervir em um debate para o qual não me sinto preparado. Mas a questão liga-se directamente aos problemas por mim agitados neste artigo. Cultivar constantemente a litteratura e as artes do passado é dar á memoria um papel preponderante. " Não seria assim descabido examinar por momentos o que, para o problema litterario, seria possível tirar da analyse da memoria.

Pode parecer logico que a minha opinião seja logo antipassadista, pois acabo de mostrar como se deve esquecer e como o esquecimento é necessário. Mas uma conclusão dessas, assim tirada em bloco seria um tanto apressada. A questão é complexa e obscura.

O que é a litteratura?

Já por si a impossibilidade de definil-a mostra a multiplicidade de pontos de vista dos quaes podemos encaral-a. Considere-mol-a porem, para limitar o problema, pelo seu aspecto mais comum: uma representação artistica do homem, da vida, do universo; ou ainda: a imagem do universo reflectida em uma personalidade consciente e activa. Para exprimir e nos transmittir essa imagem, com todos os seus caracteres, provenientes da estrutura da personalidade considerada, o artista dispõe de um meio de expressão: a linguagem escripta ou fallada.

A situação do artista contemporâneo é, á primeira vista, difficil: deante de um universo muito explorado pelos seus anteces-



sores e dispondo de um instrumento muitas vezes manejado e portanto talvez um tanto gasto, procura elle fazer alguma coisa de novo, de original. O passado representa para elle lima obsessão, J perigo a fugir. E' preciso achar, custe o que custar, alguma coisa que nunca tenha sido dita, e exprimi-la em forma nunca anteriormente empregada. Guiado por esses princípios, elle não recua deante de aberrações extremas, dos absurdos de idéas e de estylo, passa os limites do gosto e da belleza, crêa monstros, mas dá-se por satisfeito, pois escreve o que nunca foi escripto, diz o que nunca foi dito.

O homem de letras que emprega desses processos, em nome de uma escola que elle sitúa no futuro e que portanto não sabe qual é, paga-se com uma illusão, e é no fundo destituído de toda e qualquer originalidade. As suas bizarrrias nada mais representam que o esforço improficuo para escapar da prisão do já feito, do já visto. Os futuristas mais extremados são assim os mais ligados e mais escravizados ao passado, que elles não conseguem afastar, não eliminam de seu espirito, e cuja acção sentem sempre presente e insophismavel. As suas creações não affirmam nem se destinam a affirmar; ellas negam, e, negando, attestam sempre a existência de alguma coisa, realidade 011 phantasma, que pesa sobre ellas e reduzem o seu alcance. A intensidade do esforço para a liberdade indica o gráo de oppressão intima'sentida pelo espirito, a natureza- da influencia soffrida. O espirito livre não se revolta porque nada tem contra que se revoltar. A violência da reacção do futurista mostra até que ponto elle se acha tolhido em sua liberdade, e como essa coacção não é exercida por ninguém, mas por uma sombra, por uma abstracção, em uma palavra pelo Passado intangível, impessoal e inacessível, pode-se concluir que o maior futurista, declaradamente futurista, é o maior passadista, inconscientemente, constitucionalmente passadista.

Maior originalidade não possui o passadista, officialmente passadista. Para elle as coisas já tiveram a sua expressão definitiva atravez dos escriptos dos mestres extinctos. Passam-se os tempos e elle não vê coisas diversas a serem relatadas, e sobretudo não sabe como relatal-as de lllll modo diverso. Só lhe resta a imitação, a copia, a reproducção com ligeiros retoques e estas elle faz consciente do que está fazendo, mas submisso, resignado e mesmo contente. O jugo a que se submete é acceito de bom frado e julgado commodo, pois dá uma sensação repoisante de bem-estar e de segurança. O futurista ao menos, tem a altivez e a sobranzeria da revolta. O passadista sujeita-se sem lllll protesto intimo. Aquelle pede uma atmosphera livre e desembaraçada, este contenta-se com o ar já viciado e anemisante onde vive, e sente-se bem ahi. O primeiro quer receber directamente a luz pura e



estimulante, este não quer sahir da sombra á qual se abriga e que protege e esconde sua fraqueza.

Em resumo, pois, passadistas e futuristas são igualmente estereis «e igualmente falhos.

Que resta, então? Resta e restarão sempre os que não são nem uma nem outra coisa; os que são elles proprios, homens conscientes de si mesmos, espíritos livres, completamente livres, de uma liberdade levada a tal ponto que possam acceitar a restricção representada por uma regra, por um preceito, ou por uma lei, quando essa restricção é reconhecida legitima e necessaria.

Esses espíritos não admittem nenhuma escola, qualquer que seja o seu rotulo. Nem passadistas, nem futuristas. Elles procuram em esforço penoso descobrir-se a si proprios, e descobrir o seu universo, o mundo que lhes é proprio. Esse mundo lhes pertence porque é uma criação sua, feita com os elementos do mundo exterior filtrados atravez dos seus sentidos e dispostos pelos factores innatos de sua personalidade. Como a personalidade de cada um é differente da de todos os outros, ser original é saber pô-la em evidencia, simplesmente, sinceramente, sem mascarar-a com artificios.

A formação dessa personalidade é certamente lenta, pois, sobre os elementos innatos se sobrepõem as aquisições novas, realizadas durante a evolução continua da vida. Entre essas aquisições sobresaem sem duvida, as influencias dos predecessores, dos que também viram, sentiram e disseram suas impressões. Estas enriquecem a personalidade em formação, por vezes corrigem-na, ou excitam-na despertando a vontade de verificá-las, confirmando-as ou regeitando-as. Mas no momento de vêr, e sobretudo no momento de interpretar e de exprimir, a mentalidade livre sabe esquecer-as, sabe afastá-las, para não perturbar a sua visão própria.

O mundo nunca é tão velho nem tão novo como possa parecer: Um espirito suficientemente livre sempre descobre aspectos ainda não explorados. Do passado elle esquece o que poderia prejudicar a visão do presente, mas também guarda o que prepara e amplifica essa visão. Elie não olha o presente como um estado isolado sem ligações de especie alguma, podendo ser á vontade projectado 110 tempo e localisado no futuro. Mas por outro lado, não desloca o passado para com elle obstruir o presente. Elie sabe que as coisas seguem uma marcha continua, mas caprichosa e variavel, e que o caminho já percorrido, pelo menos levou-as ao ponto de partida de sua avançada para o futuro. Se elle pode dar a essa curva inflexão brusca, nova e inesperada, sua acção é de primeira ordem, mas se isso não é possível, já é muito que não lhe passem despercebidas as mil pequenas coisas que certamente virão se collocar sob seus olhos.



Em arte, como em tudo, o passado não pode ser nem desprezado, nem afastado, e quando isso se procura fazer, eile reclama seus direitos com uma força invencível e uma energia indomável. Mas eile pode ser esquecido, envolvido nos véos nunca inteiramente opacos do sábio esquecimento, do esquecimento educado, que annula as exuberancias nocivas mas não asphyxia as sementes vivas e ferteis. Estas renascem em formas novas e mais ricas, quando encontram as condições adequadas para o seu desenvolvimento, reunidas na alma nova das personalidades, raras mas sempre existentes, que sabem vêr e sentir.

MIGUEL OZORIO DE ALMEIDA





A BELLEZA PASSEIRA DOS MEUS OLHOS

i

*TOMAS, entre as mãos finas, o meu rosto
côr de cera, tão triste e desgastado. . .
E examinas, com dor, o meu perfil chupado,
obra acabada da tristeza e do desgosto.*

*Ficas a olhal-o, attenta; depois, numa
enervante caricia, o apalpas, desolada. . .
Sinto, como um velludo, as tuas mãos franzinas,
querendo desfazer-me as rugas, uma a uma,
e tirar-me a expressão romântico e angustiada!*

Lutam, em vão, as tuas mãos divinas...

*Não mudarás, Querida, a expressão do meu rosto,
d'onde, ha muito, fugiu o alto sol da alegria:
não tentes colorir, sendo o sol posto,
a torturada pallides de uma tarde sombria.. .*

*Mas, tuas mãos franzinas e esmoleres
passam peio meu rosto, com bondade:
e têm, passando, tanta suavidade,
como se desfolhassem mal-me-queres. •*

II

*NISTO, olhas-me bem nos olhos, longamente.
Já nem ouves as coisas que te digo...*



O teu olhar é tão molhado e persistente,
que, julgando-o talvez a expressão de um desejo,
aproximo-te mais, puxo-te brandamente
e fico á espera da doçura do teu beijo!

Mas, teu beijo não vem... Estás completamente
alheia ás *phrases* suaves que eu te digo;
tens olhos só para os meus olhos...

De repente
batendo as palmas, dizes, rindo alegremente:

— "Os teus olhos são lindos, meu amigo!
Que importa a pallidez do teu rosto, que importa
o anguloso perfil do teu rosto de poeta,
desgastado talvez por angustia secreta?
Também, ás vezes, no livor da tarde morta,
qualquer coisa convida a alma ao deslumbramento,
qualquer coisa que eleva o coração á prece:
na tarde triste, no silencio, è que apparece
a cstrella bôa que embelleza o firmamento.

Só agora comprchendo, jubilosa,
todo o exquisito encanto que eu sentia,
frente a frente, ao fitar o teu rosto de cera:
tão ingênua que eu fui: não percebera
que na tristeza do teu rosto havia
uma belleza bôa e silenciosa,
e que uma fada alegre e mysteriosa
de dentro dos teus olhos me sorria. ..

Os teus sonhos estão nos teus olhos brilhando:
teus olhos riem no teu rosto triste!
Um dia, cu sei, largaste a linda frota
dos teus ideaes num mar de leite, brando:
ias partir para região ignota,
buscar, como os antigos mareantes,
os immensos thesouros deslumbrantes
que nos teus sonhos vias rebrilhando. . .
Dançaram sobre as ondas cem mil velas;
a Esperança cantava em todas ellas. . .
Tu quizeste partir e não partiste:
e ficaste, entre os mais, na praia triste,
triste, acenando para as caravellas,
até que no alto mar todas sumiram!



*Tu quiseste partir, mas não partiste:
mas, os teus olhos, sim, esses partiram...*

*Porisso, nos teus olhos de velludo,
estão chispando pedrarias e ouro velho.
E ha tanto brilho e tal fulgor em tudo,
que eu penso até serem teus olhos um espelho,
que andou pelos palacios encantados:
vivem a reflectir continuamente,
pomposamente, tudo o que elles viram:
— os thesouros em sonhos encontrados,
armas de heroes fulgindo ao sol ardente,
e torneios feudaes a que assistiram...
Como são lindos os teus olhos, meu amigo!"*

*E nisto, tomas entre as mãos meu rosto doente,
e alegre beijas os meus olhos, suavemente...*

III

*OH minha doce amada, eu concordo contigo:
os meus olhos são lindos, mas, somente,
quando elles têm, cunor, a alta ventura
de ver nelles brilhando, alegremente,
o encanto bom da tua formosura!*

*Era tua a belleza, era tua a alegria
que notaste cm meus olhos, doce amada:
pois a fada que nelles te sorria,
eras tu mesma, inspiradora fada!*

RODRIGUES DE ABREU





FRAUTA QUE EU PERDI

A reforma esthetica tornou a poesia mais poética. As transposições no dominio dessa arte decahiram, proveitosamente. Até aqui temos visto que o poeta é menos poeta do que pintor, musico, escultor ou architecto. Tudo na arte poética está tão perfeitamente renovado, tem sido a applicação exaggeracia de attributos de outros generos artisticos. Desviou-se cada vez mais a poesia do seu destino primitivo. O romantismo se fez excessivamente pinturesco e imaginoso. O parnasianismo trouxe a escultura e a architectura. Moldava-se em linhas solidas, esculpia-se, polia-se a matéria poética. O poeta se transformou em artista plástico. A tortura das palavras, os hemistichios, as rimas ricas. Obedecia-se aos moldes de uma construção architectonica. Tintas vivas, tons crús, esmaltes brilhantes. Modelavam-se relevos fortes, delineavam-se contornos, nitidos. Descreviam-se scénarios magníficos, pintavam-se decorações riquíssimas, esculpiam-se corpos nós. O verso tomava fôrma de um desenho rebuscado ou de lllll camapheu de raro lavor. A substancia pura da poesia desapareceu sob o golpe penetrante dos camartellos, dos cinzéis, dos buris.

O symbolismo reagiu contra a ourivesaria glacial do parnasianismo. Maior largueza do rythmo. A poesia se fez inteiramente musical. O pensamento hesitou. Os versos tornaram-se simples phrases melódicas. A juxtaposição das palavras valia apenas pela concomitância de seus sons. A noção rigida da fôrma e da côr foi substituída pela noção absorvente da symphonia. A poesia, perdendo inteiramente a clareza das linhas, tornou-se excessivamente vaga e indefinida. Falta de idéas. Pobreza de côr. Excesso de subjectivismo. Não podia continuar o nevoeiro melancolico de sons do symbolismo. Veiu a remodelação artística. A poesia torna-se

um fio de agua pura que corre livremente sem se canalizar, sem sophismar o menor accidente do terreno por onde passa.

Faz-se mais poética do que pinturesca, escultorica ou musical. E' integrada em si própria. Começa-se a buscar nella mesma o seu fim e a sua justificação. Os sons, as cores, as linhas completam as idéas poéticas sem absorvel-as. Applicam-se as outras artes com a discreção sufficiente para não perturbar a harmonia typica da poesia. Não se substitue o principal pelos accessorios. Poesia tem de ser, ella mesma, antes de tudo.

Basta lermos "Frauta que eu perdi" para nos convencer-mos da pureza da arte poética em nossos dias. Benefícios da reforma esthetica. Guilherme de Almeida soube aproveitá-los com perfeição. Canções gregas? A Grécia possuiu fôrmas superiores da belleza. Verdade indiscutível. Para negal-a totalmente seria preciso negar todo o passado. Tempo das negações já passou... O momento é constructivo. Affirmação integral. Possuímos moldes novos, deixemos que corra nelles o metal puro dos outros tempos. Renovação é creação. As cousas mudam incessantemente mas são sempre as mesmas. Não se pôde tolerar a formalidade pedantesca do hellenismo acadêmico. Mas também não se admite o modernismo dogmático da critica negativista. Não se imita a velha Grécia, cria-se uma Grécia moderna. Ella constitue um dos bons elementos culturaes do passado. Pode-se aproveitar pela transfiguração pessoal o que ha de humano na arte hellenica que a pedanteria renaniana congelou na rigidez olympica dos mármores frios. Guilherme de Almeida imprimiu admiravelmente na matéria emotiva que a Hellade lhe forneceu os feítios novos de expressão. Transformou-a. Renovou-a. Criou-a, portanto. Suas bellas canções são actuaes.

* * *

"Frauta que eu perdi" é fructo de uma longa disciplina. Guilherme de Almeida attingiu á plena virilidade na sua arte. A divina saúde de suas canções! Em "Nós", elle moldou em fôrma singelississima um romantismo delicioso. Pagou em versos commovidos o tributo sentimental que pesa sobre todo o brasileiro. Melancolia que não chega a se fazer dolorosa, sentimentalismo que não chega a se fazer doentio — eis o seu primeiro livro. O romance intimo que o poeta paulistano traduz parece ter deixado resíduos até "Era uma vez".

Um abalo no fundo do seu temperamento artistico teve ressonancias prolongadas. No "Dança das horas" a sua sensibilidade enferma-se dolorosamente. E a sua phase symbolista. Meias tintas, tons velados, musica triste, traduzem—"o claro-escuro de sua



emoção. O poeta sofre "o mal du soir". Ha leves toques de uma perversão intellectuál. Sob um certo artificialismo descobre-se a côr quente de sua verdade sentimental. Sensualismo morbido. Nervosismo feminino. Visão imprecisa das cousas.

Parnasiano nos "Poemas de Aço", Guilherme de Almeida fez a crucificação de suas idéas na tortura rimada de um soneto alexandrino. Musicalidade bizarra. Relevos e sculpturaes. Perfeição de linha. A mate i emotiva foi ajustada impecavelmente no convencionalismo rígido do molde feito. O poeta rebuscou palavras raras, martellou ou hemistichios, musicou rimas ricas. Em "Suave colheita" e "Era uma vez" o romantismo de "Nós"reflore em novas fôrmas. A bellissima poesia do "Sorôr dolorosa" é um refinamento mystico do sensualismo doentio e perverso do "Dança das horas".

"Frauta que eu perdi" revela a cura da sensibilidade do poeta. Guilherme de Almeida chegou á plenitude viril de sua arte atravez das melancolias romanticas, dos sonhos morbidos, das corrupções sentimentaes, dos languores physicos da adolescência. Deixa de exprimir o enervamento doloroso das sensações, a lassidão morna do pensamento, a crise nervosa da carne, o erotismo mystico do espirito. "Canções gregas"* attrahem, sobretudo, pela surpresa da sua beleza sã. A hora melancólica da tarde que se fazia sentir nos outros livros passou.-.

Agora, elle diz : "eu canto um canto matinal". E a alegria rythmica desse canto se faz ouvir em todo o livro. Os versos parecem banhados daquela "luz húmida" da manhã. O poeta gosa a animalidade da paysagem matutina. Certos pedaços do mundo physico despertam-lhe um amor sensual. As vegetações orvalhadas lhe offerecem voluptuosidades de coxins macios e mornos. A carne robusta da terra o attrae como um corpo virgem. Sorve com inebriamento a pureza do ar claro. O orvalho embriaga-o como um licor forte.

Um retalho claro de céu frio, o recorte longinquo de um pinheiro, vultos de mulheres suaves poem surpresas physicas nos seus olhos. De todos os seus versos nos vem a mesma impressão deliciosa de uma sensualidade sem traço de perversão. O auctor de "Frauta que eu perdi" representa em fôrmas animaes e voluptuosas todas as cousas que ferem a sua retina. Fala-nos "no rio que corre como uma serpente molle" ou mais adeante, "na pelle sensível das arvores nuas". Canta admiravelmente um vaso de "haste flexuosa" de curvas sensuaes:

" Quando o homem de lábios lívidos
beber pelo vaso coroado
de rosas, pensará que o vaso alado



é uma bocca. E os beijos líquidos
de vinho roxo
cantarão longamente no seu bojo"

A pequena Myromeris vende:

" Rosas brancas
que parecem boccas
porque se abriram de noite e estão húmidas de amor"

Uma labareda no alto da montanha toma fôrma estranha de uma bailarina dançando "uma dança de véos furiosos pelos ares".

A sensibilidade do poeta acceita a conhecida definição de Stendhal: "La beauté? cést une promesse du bonheur". Como artista qe é, Guilherme de Almeida tem o seu espirito sempre perto da sensação. O seu sensualismo se traduz na bella poesia "Felicidade". Ao nascimento de um fauno presidem duas fadas, uma delias "bôa como um bom pensamento", a outra "má como uma duvida". Depois, como ambas as duas satisfazem a exaltação violenta dos seus sentidos, o pequeno fauno as confunde e as gosa num amor sem preferencia. Nesse livro o poeta vive a realidade das fôrmas. Ama a belleza sensível das cousas e foge, com horror, á sua belleza abstracta. E' um artista, antes de tudo. Não perde nunca o sentimento quente da vida. Detesta o vago e indefinido. Não vê brumas nem nevoeiros. Contempla o mundo exterior atravez da transparência fluidica da atmosphaera. O seu aparelho visual recorta nitidamente os contornos sensíveis da paisagem. Todas as cousas lhe apparecem na puresa natural de suas linhas. Os olhos do poeta falam admiravelmente a linguagem pura das imagens.

* * *

Guilherme de Almeida disciplinou e virilizou o seu espirito. Curou a sua sensibilidade. Venceu o seu romantismo inicial. Formou uma concepção mais sã da vida. Fez um jogo mais regular da sua imaginação. A sua naturalidade "voulou" lhe custou um grande esforço. Os tempos são outros. Não nos movemos na puresa daquelle ar ligeiro e claro a que Aristophanes attribuia toda vivacidade inventiva e feliz do gênio grego. A nossa atmosphaera é entrecortada pelos ventos mais oppostos e violentos. O "riem de trop" do detestável tradicionalismo hellenico nos parece absurdo. Não podemos mais imprimir no nosso espirito a face immovel e tranquilla de um mármore appolineo. O século XX está no nosso sangue impedindo a impassibilidade olympica e a quietude interior. A nossa serenidade tem de ser uma as fôrmas da nossa inquieta-



ção. Para compor as suas canções gregas, o poeta teve de vencer serias dificuldades. O seu trabalho mais bello foi o da lingua que não é muito proprio para exprimir imagens imprevistas e novas. Luctou contra a sua falta de transparência. A obscuridade do portuguez como de quasi todas as linguas modernas vem das suas raizes e de suas importações. Formado com destroços da antiguidade classica, com os fragmentos da emmaranhada literatura medieva, accrescido com todo o vocabulario moderno, elle tem de ser naturalmente sem clareza. Nossos termos, feitos de metal impuro," são pesados, sem docilidade, sem flexibilidade. Têm a rigidez de uma attitude académica. Nessas expressões são cançadas e nossas palavras são gastas. Qualquer renovação nesse sentido é custosa. Guilherme de Almeida fel-o admiravelmente. Fabricou elle mesmo o seu instrumento verbal. Não empregou o palavreado poético do patrimônio commum. Hoje em que a technica poética é absolutamente pessoal, nada mais logico que a linguagem também o seja. Em "Frauta que eu perdi" o poeta rythma "ar polido" "cantiga acida" "fogo frio" "canções que tiniam como as taças nas luzes de uma orgia". Pla uma bella surpresa para o ouvido no som claro de prata dessas palavras versificadas. Incontestavelmente "Frauta que eu perdi" é um dos mais bellos livros de poesia que se têm publicado entre nós.

Bello Horizonte.

MARTINS DE ALMEIDA





P'RA CURAR FEIURA...

ERA coisa de sempre, agora, que aggregados quaesquer da Fazenda da Figueira, mal dêssem de testa uns com os outros, fossem da gente de saia ou da de barba, logo batessem com o assumpto:

— E o Berchió, liein? Ninguém sabe por via de que elle revirou a vida daquelle geito!... Eu tenho pena é da Didinha, coitada! Quem havia de dizer... que o Berchió, que sempre foi bom moço, desmerecesse tanto! Aquilio está como coisa que é arte de mandinga... Dizem que vive afogado na camoêca, e bate na pobre da Didinha, que é um inferno.

"Au! au! au!"

— Sae "Pombinho"! Sae droga!

A estrada, recheiada de uma areia branca e secca, depois que se estreitava naquella cova funda, perto da casa do Jeremias, depois que atravessava uma porteira desmantelada e roufenha no mover-se, e se mergulhava naquella agua espraçada e clara, povoada de lambarys vadios, emplumada aqui, ali, de tufos gordos de angélica, dava de torcer-se sempre para a esquerda, como um animal que seguisse a principio rumo certo e embirrasse de repente em virar o queixo para o lado da fazenda do Cel. Cyrino, lá para as bandas do rio Cachoeira...

Pois bem. Logo que essa estrada começava de curvar-se para a canhota, deixava partir de si um carreiro tortuoso, que, cortando a macega, ia parar depois de um pedaço de chão, na porta de uma casinha baixa, não mal feita, mas com a feição de essas pessoas que, apreciando em tempos usar boas roupas, desgostaram-se ao depois, por qualquer motivo, e continuaram a usar essas roupas, sujas, empoeiradas, rôta do desmazelo...

Via-se bem, a habitação fôra construída com capricho. O telhado itida se conservava mais ou menos, comquanto as telhas estivessem ennegrecidas, e, neste e naquella, quebradas; o rebôco andava a despregar-se, a modo de desanimado da vida; cal, já pão mais havia, que se cobrira de um lôdo esverdinhado, com manchas pardacentas e barras côr de terra... desilusão...

Dos lados da casa, meio tombada, havia uma cerca, em antanho altiva, agora como que cançada de defender a horta contra a entrança do gado abelhudo... (1)

— Desgraçada de vida! rugiu o Berchió num tom de asco de dentro da casinha desleixada.

"Au! au!"..., como sempre, lá saiu o cachorrinho branquicento e magricela a latir... rumo da estrada tórta, xingando qualquer gente que, a cavallo ou a pé, ali passava agora e acabava de receber aquella saudação do "Pombinho", ouvindo outrosim, como outros não raro, gritos e imprecações que voavam ao ar, sahidas de dentro das paredes da casinha do Berchió.

— Você é'besta, mulher ruim?! Não me amole... que eu te enfio o porrete!...

Desde um anno e tanto pr'aquella éra, o Berchió andava tal e qual um homem de juizo atrapalhado.

E quem havia de pensar?!...

Fôra, em tempos, o rapaz mais querido e admirado de toda aquella re-dondeza, pegando desde a fazenda do Cel. Juca Mattos, passando pela da Figueira, e indo parar até a do Cel. Cyrino, sem deixar de incluir os serrados do Sr. Veríssimo. Terço, cateretê, samba que houvesse naquelle meio mundo, e sempre animada que era festa de qualquer natureza, em que ajuntava gente como terra, abi apparecia o Berchió, alegre, bonito e bon-doso que nem um São Geraldo, para receber de todos boas vindas e trata-mento superior, sem parelha pra outras pessoas, inda de não menor valia que elle.

Em taes pagodes quasi nunca deixava de ir. Porém, quando uma vez que outra, isso acontecia, todo pessoal se queixava, não havendo quem não dissesse, no entremeio das dama, e cantorias, que, sem o Berchió, até não convinha fazer festança que fôsse. As moças, então..., ao terem noticias de sua falta, sentiam aborrecimento enorme e até precisavam de forçar o rosto pra se alegrarem no correr da funeção.

Berchió era, esse tempo, um caboclo desempenado, bem talhado de fei-ções, bom cortador de eito e não pior riscador de viola, com uma voz macia que nem pello de lontra, de entristecer e agradar, quando pegava de gemer qualquer moda de cateretê.

Valente, sem ser valentão; conversado, sem ser prosa. Quem quer que indagasse naquelles lados com respeito ao Berchió, á gente solteira ou casada, não tirante também a viuva, ouviria, de todas as bocas, falas de um geito ou doutro, mas chegando tudo na mesma:

— Berchió?! Aquilio é um trem (2) acabado de superior!

E as moças casadeiras, então... não se fala.

Tinham um luxo com o Berchió!, até de trazer desconfiança. Cada qual queria mais lhe agradar. Adivinhavam de como gostava que ellas aranjassem o penteado, qual a côr que mais elle apreciava para vestido... Um deus pequeno o Berchió!

Dava-se, porém, que as casadeiras viviam atarantadas constantemente, ao matutar, cada uma pra si, qual seria a felizarda, a quem, num dia não tardante, o Berchió escolheria para ser sua cara metade delle. "Casar com c Berchió! Que coisa gostosa! Que presente de Deus! A gente morreria até de satisfação!", pensavam.

Esse dia, que tanto preocupava as moçoilas da fazenda da Figueira e arredores, chegou afinal. Foi num samba que houve na casa do Barnabé, por

(1) Abelhudo = ousado.

(2) trem = coisa.



via de um mutirão arranjado pelo dito Bernabé, com o fito de arrancar em tempo e hora sua roça de milho de mattaria grossa e feia.

E' preciso notar que, com respeito a esse negocio de moça, Berchió fôra sempre um cabôclo muito exigente de verdade. Não se podia dizer que qualquer câra dessa gente de saia lhe fosse logo arrancando admiração, e, em seguida, se lhe grudando dentro do cofre do peito, sem mais nem menos, e lhe mexendo os dedos nas cordas da viola, a lingua no céu da bôea, a entoar modas doidas de noite, té deshóras... Não. Berchió pregava os olhos em qualquer morena, examinava-lhe os traços, as feições, como quem olha as partes de um animal que vae comprar, e conhecia mesmo o que podia ser chamado uma cabôcla bem feita, de poder adorar.

Ali naquellas bandas, apesar de ir tratando com delicadeza todas as moças, nenhuma lhe tinha ainda feito sentir diferença nos gorgomilos do coração, que a todas elle achava sem bôas feições, sem um geito que lhe atrahisse as vistas e lhe dêsse gosto em estar juntinho delias. A mais assim-assim não deixava de ser sem duvida a Chiquinha da siá Tita, bem formada de corpo e de rosto, com o cabelo e os companheiros de feição capazes de agradar a qualquer gente que entendesse do bom e do melhor. Mas, quando abria a bôea e dava de prosear, era, mal comparando, como vacca pachola (3) com leite postemado. Que descrença trazia! Chiquinha só tinha cacos de dentes e um bafo de bôea, que era mesmo que catinga de gambá!

Pois foi essa falada Chiquinha que, uma ocasião, quando ainda Berchió ali estava chegado de pouco na fazenda da Figueira, lhe trouxe a *Ile, ao primeiro repasso de vista, até vontade de casar com ella. Mas, foi' a mesma Chiquinha que, dias depois, ao dançar e conversar com elle no primeiro samba, espantou o dito Berchió com a cacaria de dentes e o tal mau cheiro, bom até de aproveitar pra derrubar valentão de corpo fechado...

A Chiquinha era a mais assim-assim em fermosura, que todas as outras não atrahiam cabôclo de bom gosto, por via de suas formas deformadas, desengonçadas, sem graça nenhuma.

No entanto, a essas todas, que era muito delicado e recebia delias carradas de agradós, o Berchió tratava tão bem, que, muitas e muitas vezes no acabar de uma festa, dava-se que muita gente sahia pensando! que daquella feita o Berchió se havia desencantado e estava de olho vendido para esta ou p'raquella...

Que o que! Embora tivesse nascido e se houvesse criado no meio das mattarias e campos, e nunca batido os pés em outra cidade que não fosse G Sapesal — assim mesmo pra comprar trens de precisão; embora mal solletrasse o seu nome e o traçasse em garranchos no papel, com tudo isso, dentro daquella figura bem feita do Berchió havia a caixa do bom gosto, que só pegava de se impressionar, quando pendia para a banda em que se dêsse de mostrar trem feito mesmo pelas mãos da belleza, e de geito de encantar de verdade.

Com esse aparelho de interior, vivia ali o Berchió, sem poder amar senão aquelle céu de setim azul, de noite cravejado de brilhantes, e aquellas mattarias verdes que elle roçagava com os braços e com doçura, nas vaquejadas bravias, entremeiadas de cantigas suas...

Vae senão quando, uma tarde em que voltava de levar certo gado a um pasto, deu de encontro com um carro de bois atochado de trastes de mudança.. Porém, Berchió não viu só isso.

E' que em riba dos ditos trastes estava sentada uma velha, e do lado da velha uma morena que pareceu tão linda ao Berchió, a ponto de arran-

(3) pachola = bonita.

GALERIA DOS EDITADOS



HOMERO PRATES,
autor de "Orpheu".



car de dentro delle um "bôa tarde" já sentido e magoado, como a vóz duma viola...

— Quem será esse povo? foi a pergunta que Berchió fez logo em segredo ao ouvido do "Guerreiro", seu Cavallo de confiança.

E nem chegou a escurecer, nessa tarde, antes que o vaqueiro soubesse com satisfação que aquillo era uma familia de um tal João Felix, empregado, que acabava de chegar de mudança ali para a "Figueira".

Dahi, não demourou muito, veio o catira do Barnabé. João Felix foi com a familia: a mulher, por nome Sá Geralda, e a filha, Didinha.

Berchió também não faltou.

E, não se sabe por que vias, que isso são coisas brotadas dum'hora pr'outra, no fim do cateretê do Bernabé já o Berchió contava a este e áquelle ser noivo da de pouco chegada Didinha; isso, com grande desapontamento para as outras moças, que, se não fosse a vergonha, como observou o Berto Caçador, rogariam praga bem gritado, e virariam aquella vargem do Bernabé num mar de agua de choro.

Nessa noite, não era de admirar que Berchió cantasse e acariciasse sua viola de fita azul, como nunca ninguém inda tinha visto. E' que no seu coração elle havia sentido differença com o encontro daquella pessoa que esperava do céu, e lhe tinha vindo com a sua feitura de belleza...

*

* *

Do casamento do Berchió com a Didinha, na opinião da gente dali, um dos mais bonitos que havia tido a fazenda da Figueira; da vida alegre e feliz de um anno, que os casados de novo levaram naquella casinha de conforto e-até luxo que o Berchió levantára na beira da estrada que n\pr as margens do rio Cachoeira; da paixão sem parelha com que se u\çavam, sentindo, em noites de lua gôrda, um facho de luz branca despençar pela graganta escancarada da janella, como se fosse uma fonte de aroma perfumando Didinha e Berchió aconchegados; de nada de tal não adianta falar, que até traz falta de geito pensar, inda que seja, nisso que passou tão depressa, como coisa que nunca houvera existido...

A gente da fazenda da Figueira, falava, sim de coisa mais de vêr, que chama muito mais a atenção, e que, de junctura, traz motivo de pena e lastima, devêras. Pois era o facto que, depois algum tempo que Didinha dera á luz uma menina, primeiro filho do casal, e pegára de adoecer da garganta, como diziam, o Berchió começára a beber pinga, que nem o André Carreiro, e a bater na pobre da Didinha, como quem bate em cachorro sem preceito...

Sabendo do caso, todo mundo fugiu da casa do Berchió. E quem podia ir lá, mesmo a experimentar fornecer um remedio praquillo — o pae ou a mãe de Didinha — não apparecia, que, tendo tido João Felix uma richa com o patrão, já não mais morava ali.

Deforma que... o povo da fazenda da Figueira não fazia mais que lastimar o caso, e commentar: "quem havia de dizer que um moço como o Berchió desmerecesse tanto!..."

Agora — esse "agora" vinha beirando um anno — ninguém não via, quasi, nem um nem outro. Isto é, Berchió apparecia esta ou aquella, meio tombado de pinga, barba grande, roupa suja a.mais não poder, e bem... esfarrapada; pouco conversava; trazia sempre uma cára de réo, dura e macillenta. Quanto á Didinha, lá uma pessoa ou outra a enxergava de esguelha, no terreiro da casa, sempre com um panno amarrado no pescoço,



a modo como quem está com dôr de garganta. Afirmavam que ella estava um esqueleto: magra e feia cômô nunca...

*
* *

Noite. Negrura... Ventania desenfreiada...

Didinha, ás costas um chalesinho. preto e ralo, o corpo vergado sobre o peitoril da janella, encarava atôa para o escuro... Magra, as feições desfeitas, encaveiradas, o corpo desengonçado... não era outra, no 'em-tanto, que não aquella Didinha que ali chegara, dois annos antes linda e adorada!

Começou a chuveisar...

Didinha fechou a janella do quarto e seguiu, silenciosa, até a sala de fóra.

Berchió, estirado ahi num banco comprido, roncava, bafejando pinga...

Didinha. como quem toma uma resolução, caminhou de pés emmudecidos, cuidadosamente, a achegar-se delle... Deu-lhe uma terna beijoca na cára...

Sobresaltado!... O bêbado pregou na mulher os olhos molles e empapuçados:

— O que é que você está fazendo aqui?!

— Nada... Berchió: porque você continua ruim assim pra mim?! E desleixado... Os mantimentos que você colheu o anno passado já estão acabando... Você não trabalha mais... e estamos quasi passando fome. Não tem dó de sua mulher e de sua filhinha?!...

— Não me amole, indecente... Vá embora...

— Não me amole, indecente... Vá embora...

— Ah!... Sempre assim? Ah! E' verdade! Estou errada! Não foi você que ha dois annos me dizia: que gostaria de mim até a morte... que eu era tudo, a vida pra você...

— Vá pra o inferno, mulher indecente!...

E, com um rugido surdo, Berchió levantou-se cambaleando, deu um tapa forte na mulher... que cahiu de costas a um canto da sala...

Didinha não pode levantar-se. Os soluços pregaram-na no chão... Quando conseguiu, dahi a momentos, suster-se de pé. foi ao quarto, apanhou a filhinha nos braços, e, com a face escorrida de choro, um clarão nos olhos, encaminhou-se outra vez para o banco, onde de novo se deixara tombar o marido.

— Berchió! Não tem piedade nem da Candinha, doido?!

O bêbado, agora, ergueu-se como um damnado... Agarrou a mulher, arrastou-a numa fúria rumo da porta, abriu esta com a esquerda, e empurrou brutalmente Didinha... que estirou no terreiro, de prancha, a creança nos braços, choramingando...

Para cerrar esse lance rápido, a porta se fechou de um arranco.

*
* *

Passaram-se dias.

Berchió andava satisfeito. Apesar de mergulhado constantemente na pinga e coberto de desleixo, vivia agora, em casa, todo dia e toda o dia, tocando viola é cantaido...

O seu desgosto horrível e amargo era então um desgosto gostoso...



Já não tinha mais, felizmente, que vêr sempre, ali o aborrecendo, aquelle molambo de mulher pesteada. Sumira... Por onde andaria bestando c trem indecente?!... Sim. Não passava disso agora. E como fôra linda! Se pudesse dar um concerto, naquillo... No papo, na feiura... Mas qual! O Cardoso, o Itlehor curandeiro do Sapesai, affirmara que não tinha cura... E foram duas consultas: numa vez, levára a camisa; na outra, uma saia de Didinha pra examinar. Não havia geito; não havia remedio... Que desgraça!... Elie tinha razão de sobra em andar afundado na pinga, sem dar confiança á mulher, elle, que fôra sempre apaixonado só pelo que é assim cheio de boniteza. Ora... a Didinha! Está doido?! Nem a Chi-quinha da Siá Tita, com aquelles cavacos de dentes, bafejando máu cheiro, que nem carniça pôdre... Antes essa, com tudo... que, ao menos, era bem feita de corpo e de cára... Ora senhor! Quando havia de esperar que, depois de ter escolhido tanto, fosse arranjar uma mulher que ficasse tão estragada! e em quem apparecesse inda, por mal dos peccados, depois de um anno somente, no pescoço, antes bonito, aquelle papo!, coisa que sempre elle achára horrorosa, desde que se conhecera por gente, e que, agora, como um castigo, revirára sua vida, fizera-o um cachaceiro de marca! aquelle papo que não tinha concerto?! Eh mundo! Havia já um anno, começára a nascer aquillo. Veio a Candinha ao mundo. Pouco depois, brotou-lhe na mãe o papo. E, como este crescera depressa! Era mesmo uma desgraça! Em menos de doze mezes, ficára com aquelle despotismo de volume, que nem cupim de marruaz zebú! Um inferno! Elle, todas as noites, perdia o somno, e, sem querer, como não acreditando em tal, ao ouvir o ronco surdo, passav_a, á maneira de quem fosse apalpar certeza, a mão no pescoço de Didinha, e ahi encontrava o papo intruso, mais encorpado cada dia, cada dia mais carnudo! E Didinha lhe percebera o aborrecimento. Tanto que, no começo da deformação, amarrava um panno no pescoço, a escondi a; isso no começo só, que, depois, crescido o mal, desleixada, cila andava com a posta de carne pendurada, balançando e tremelicando...

A desgraça empurrou-o a embebedar-se de cachaça, não mais cuidar do trabalho, e, dahi por diante, a tomar enjão tão grande da mulher que, ao vel-a, sentia sempre um asco, como quem fica com o estomago embrulhado á vista de qualquer coisa nojenta...

Por isso, tendo em bôa hora, havia dias, jogado pra fôra de casa com um empurrão a Didinha defeituosa, mais a menina, Berchió sentia-se satisfeito, embora mettido, sem parada, no desgosto, e na pinga que o illudia do mal estar da vida...

*
* *

Naquelle sabbado, havia um cateretê cerrado na casa do João Cotia. Berchió, logo que anoiteceu, tendo tido noticia da festa pelo Jeremias, pegou a estrada que ia dar na casa da funeção.

Ah! E' muito acertado, valioso, ter a gente na vida bom tempo, bôas horas, uma especie de felicidade! Foi-lhe muito valioso ao Berchió o ter vivido ali na Figueira, um tempão, admirado por todos, cotejado pelas moças, e sido o mais pintado que os outros!

Foi-lhe muito valioso, na verdade, por isso que agora, quando entrou na casa do Cotia, entrou descansado e a commodo, a não ter quem lhe estendes-se a mão num cumprimento; e, quando se moveu a tirar uma cabócla pra dançar, foi regeitado... Desejavam-lhe grande, extraordinária com-modidade. Mandaram-no sentar-se... lio chão. Deram-lhe quentão e



pinga... Elie aceitou com um sorriso agradecido. Pediu mais, mais. E lhe deram mais, mais... Elie bebeu e bebeu, até ficar a um canto da sala, espichado, babando e resmungando...

Podiam ser tres horas da madrugada quando, dando-lhe na telha zarpar da festa, Berchió deixou o cateretê, onde lhe haviam accumulado de mais agrados..., que outróra, e, tortuando pelos caminhos, tomou o rumo de casa.

Estava um céu claro,, branco... de luar...

Prazeiroso, tonto, Berchió tropeçava aqui, ali, e cantava, á voz aos boléos:

"O mundo, bom numa noite,
é muito ruim noutro dia.
Mulher assim, sempre feia,
é praga, não tem valia!..."

Vinha mesmo vizinhando sua casa, quando, batendo a vista, não muito longe em sua frente, num vulto estirado na estrada, parou malmal, o corpo balanceando, pouco seguro das pernas...

A chuarada de luz clara e macia continuava a cair do céu...

Berchió deu mais dois passos para unhar direito uma certeza...

Ora veja! Quem era! Imagine! A Didinha, a magricela, cahida, abraçada com a menina, e roncando, o papo horrível estufado... Que feiura! E ia decerto, desengonçada daquelle geito, aborrecel-o de novo!

Berchió, perto agora da mulher, mirava, com os olhos vermelhos e como que nadando em cachaça, aquelle corpo ali adormecido, talvez pelo canção e pela fome...

Berchió não pensou. Ou por outra, pensou, no seu pensar de bêbado até os miolos, que, como a sua querida Didinha ia voltar pra sua casa, pra o seu amor, elle precisava concertar aquella "historia", de forma que a sua amada ficasse bem bonita... Se cortasse fóra aquelle papo, Didinha ficaria linda como outróra!...

— Vou curar esta doença... disse para dentro de si proprio, resolutamente.

Em seguida...

\ Arrancou da cintura uma faca larga e afiada. Babando, balançando-se prft.lá e pra cá, agachou o corpo, até pregar os joelhos no chão; e foi descendo, descendo a mão mal firme e resoluta, rumo do despoço de Didinha, <lo qual pendia sobre o chão uma grossa massa de carne muchibenta, o papo enorme e roncador...

Chaffl... Espirrou na areia da estrada uma onda vermelha de sangue..., ao tempo em que se abriu pelos ares um grito desesperado!

Berchió, num rasgo de lucidez de espirito, viu o que tinha feito. Arregalou os olhos ao cadaver de Didinha... E, numa carreira cambaleante, abriu pelo campo aterrorisado!...

Em volta, a madrugada continuava indiferentemente branca...

* »

A manhã ia vivendo clara e alegre... •

Na estrada, junto da casa do Berchió, reunia mais gente.

O cadaver de Didinha estava ainda enfiado numa lama de sangue. A cabeça ficára ligada ao corpo por um farrapo de pescoço. Do lado do corpo degolado havia, jogada, uma posta disforme de carne.



E' o papo!, um dizia. Que papo grande tinha a pobre coitada!, exclamava outro.

Nos braços da compassiva siá Presciliana, a pequena Candinha, com a camisola e a cára manchadas de sangue, gemia, choramingando:

— Mãe!... Mãe!...

Todas as pessoas, que rodeavam o cadaver, tinham semblantes endurecidos de compaixão e estavam mudas, como si a melhor sentirem a dôr que se lhes grudára por amor da assassinada.

Todas as pessoas, é um meio de prosa. Todas as mulheres, sim, pôde dizer-se com verdade.

Porque ali, na roda, havia um homem que parecia estar achando o caso engraçado e razoavel, visto como trazia na cára um ar de calma de mistura com debique...

Era o Chico Petéca, que, montado num Cavallo pedrêz e «squeletico, com o corpo desageitado meio tombado para a direita, a perna esquerda curvada por sobre o pescoço crinado do dito pedrêz de nome "Beija Flôr", conversava alto com a Dita, uma mocinha ingênua, sardenta e zarolha, filha da bondosa siá Presciliana. Chico Petéca não conversava: respondia somente ás perguntas muitas que lhe vinha dirigindo a Dita, como a caçar assumpto, na sua vozinha rçuco-fanhosa, acompanhada de um olhar triste-nho...

— Onde estará o Berchió?!!, continuou a especula.

— Acampou no mundo, nai!, respondeu Chico com pouco caso...

— Porque?! Então foi elle mesmo que matou a Didinha?!

— Ora! si foi!..., tornou a responder, meio aborrecido.

— Mas... si elle gostava tanto delia...

— Gostava... fez com um muchôcho o Petéca.

Dita não comprehendeu a entonação negativa do "gostava", nem a qualidade negativa que ao mesmo "gostava" também trazia o muchôcho; e ajuntou, censurando a semrazão daquelle acto do Berchió:

— Então..., porquê matou a pobre?!

Chico Petéca, nessa hora, já inteirado até o cocuruto da cabeça com a amolação (5) da Dita, que, desde a vespera, no catira (6) do João Cotia, vinha pelejando pra agarrar um namôro com elle, arreganhou-lhe a ella a bocarra desdentada, e lhe respondeu com um bi-intencionado riso sarcastico, como quem mata duas corujas duma chumbada só:

— Pra curar feiura!!!...

ODILON AZEVEDO

(4) molambo =r farrapo.

(5) amolação = aborrecimento

(6) catira = cateretê.





GOYAZ VERSUS MATTO GROSSO

Origens remotas dos dois listados — Relações entre o Araés e as pretensões yoyanas — A falta de demarcação e a sugestão de D. Marcos de Noronha — O termo de accessão de Luic Pinto — Actos de posse — O projecto de 1864 — A sentença da comissão arbitral de 1920 — Goyas contra Matta Grosso — Manobras na fronteira — O chefe Morbêque no scenario — A lucta possível.

A jf Y complicada contenda de limites em que ainda se empenham Goyaz e Matto (iroso, é uma meada ennovelladíssima que tem a sua ponta no anno de 1672, quando a bandeira de Manoel de Campos Bicudo, depoi? de subir o rio Cuyabá, cruzou com Bartholomeu Bueno e sua gente — que vinham da região dominada pelos índios goyás. Junctas, as duas expedições demandaram a collina do; Martyrios, onde se viam "algumas pedras soltas e elevadas, umas configurando columnas, outras escadas e coroaes, de que veio dizerem que aquelle monte continha os instrumentos dos Martyrios de Christo", segundo reza uma tal *Memoria a respeito do descobrimento dos Martyrios*, do padre José Manoel de Siqueira. Ahí, os filhos dos chefes das duas comitivas, á falta de outros mimos, divertiam-se em fazer chocalhos com velhas latas de chá, dentro das quaes collocavám pedaços de ouro, a tilintar...

Cerca de cincoenta annos depois, os dois companheiros de infancia, recordando as opulentas zonas em que haviam brincado, resolvem partir, — em busca dos thesouros que já haviam tido em mão. Antonio Pires de Campos voltou pelo mesmo caminho que percorrera, em creança, com seu pae — Manoel Bicudo — e seguiu o Rio Cuyabá ao arrepio, dando inicio ao povoamento de Matto Grosso. Isto, em 1718. Um anno depois, fundava-se Cuyabá, arraial.

Bartholomeu Bueno — júnior — demandou o rastro do Anhanguéra, chegando, em 1725, ao aldeamento dos goyás — onde, mais tarde, erigiu-se a Villa Bôa.

*

Crearam-se, assim, dois núcleos de colonização que attrahiam, cada um para o seu ponto extremo, os caçadores de fortunas.

Depois de elevadas á categoria de arraial, as duas localidades passavam, decorrido certo tempo, a ser sédes de ouvidorias que tinham por divisa o rio Araguaya, conforme a provisão do Conde de Sarzedas, capitão general de São Paulo (a cuja jurisdição estavam ainda sujeitos os territorios de Goyaz e Matto Grosso).

Essa era a balisa natural.

Quando D. Luiz de Mascarenhas subiu ao governo paulista, fez com que se organizasse forte bandeira, composta de homens de Goyaz, afim de tentar redescobrir as tendarias jazidas dos Martyrios. A empresa era chefiada por Amaro Leite, que, deixando seu auxiliar João da Veiga Bueno no Cayapó, seguiu ao léo do Araguaya, até encontrar o rio das Mortes, estabelecendo A margem esquerda do affluente Santo Antonio o arraial dos Araês (1753).

Isto poderia servir de base para qualquer aspiração goyana á banda esquerda do Araguaya, — se as auctoridades de Villa Boa não tivessem inteiramente desprezado Amaro Leite, que precisou soccorrer-se com a administração de Cuyabá, que lhe prestou auxilios e que ficou na posse de Araês, cujas minas de ouro, aliás, não deram para manter a população, o que deu causa ao abandono do logar.

Emquanto isso, a capitania de São Paulo era desmembrada em duas outras — Goyaz e Matto Grosso — as quaes ficavam, entre si, sem limites determinados, "visto a pouca noticia que ainda ha d'aquelles sertões", segundo a provisão real de 9 de Maio de 1748.

Foi esta falta de delimitação immediata que pretextou a aboierada disputa que até hoje — passados cento e setenta e sete annos — ainda permanece sem solução respeitada.

Havendo provisão régia para que cada um dos chefes das novas capitancias informassem "por onde poderia determinar-se mais commoda e naturalmente a divisão", D. Marcos de Noronha — primeiro governador de Goyaz — respondeu, propondo: o rio das Mortes, que elle erradamente suppunha passar pouco mais ou menos no meio do caminho de Cuyabá a Goyaz; e uma linha que, partindo das cabeceiras daquelle curso, corresse para o Sul, passando pelas nascentes do Taquary, cortando, egualmente, o Coxim e o Camapuan, e descendo afinal o Pardo até a foz no Paraná (1750).

Nesse simples alvitre também se baseam as pretensões goyanas. Mas deve-se notar que tal suggestão de D. Marcos não foi acceita pela Côrte de Lisboa — tanto que (em 1760) Mendonça Furtado, em nome do rei, escrevia ao administrador de Matto Grosso, D. Antonio Rollim de Moura, auctorisando-o a "fazer a divisão d'estas duas capitancias pelos limites que lhe parecem mais proprios dando conta a S. ST para que, sendo servido, possa approvar a divisão".

Rollim de Moura, embora tivesse poderes para apresentar, por si só, uma solução, quiz, por cortezia, ouvir a opinião da suprema auctoridade goyana, (que então já era D. João Manoel de Mello), entabulando negociações que não chegaram a termo.

Em 1769 o governo de Matto Grosso passou para as mãos de Luiz Pinto de Souza Coutinho que, desejoso de se alijar o mais possivel da enorme



carga administrativa, não teve nenhum escrúpulo em assignar o debatido "termo de accessão", datado de 1.º de Abril de 1771, pelo qual cedia a Goyaz toda a zona compreendida entre o rio das Mortes, o Pardo e o Grande (Araguaya), justificando esse seu acto com a "impossibilidade de sustentar a prompta administração da justiça, bem como a sua defesa", naquella capitania "tão vasta e tão inculta", e alludindo á "posse incontestável" em que se achava Goyaz de todo aquelle territorio.

O que ha de mais notável no "termo de accessão de Luiz Pinto" — é que esse acto administrativo não teve a necessaria approvação da Metro-pole.

E manda a verdade se diga que, por essa época, não é possível citar nenhum caso de posse exercida na famosa região — salvo a criação do arraial de Araés, que — conforme já foi explicado — ficou sob a protecção de Cuyabá, de cujo districto passou a fazer parte.

Mais tarde, sim — encontram-se medidas de dominio, mas todas ellas tomadas por Cuyabá, como:

O estabelecimento do Registo da Insua (que ficava entre o Rio Grande e a Serra das Pitombas), transferido em 1813 para a beira do Araguaya;

a estrada do Pequiry, que partia da capital e transpunha o Paranyhyba, dando logar á fundação de Sant'Anna, sob o patrocínio do governo de Matto Grosso (1836);

além de outras.

Em 1864 a Comissão de Estatística da Camara Federal dava parecer favoravel a um projecto que dispunha: "A divisa entre a Província de Goyaz e a de Matto Grosso fica estabelecida pelo rio das Mortes e por uma linha jõe suas cabeceiras até as do Taquary; por este, Coxim e Camapuan até o varadouro de légua e tres quartos que tem o mesmo nome, e, finalmente, pelo rio Pardo, desde suas cabeceiras até sua confluência no rio Grande ou Paraná". Porém, essa lei em elaboração não conseguiu ser approvada, permanecendo definitivamente em archivo.

Nesse mesmo anno era referendado o decreto que estabelecia: "Fica creado no termo de Sant'Anna de Paranyhyba, *tia província de Itutlo Grosso*, um logar de juiz municipal"...

... O que prova o reconhecimento, pelo Império, dos direitos de Cuyabá sobre o cobiçado trecho.

Atravéz as datas e os factos que ahi ficam, todo o territorio litigioso vem permanecendo sob a jurisdicção de Matto Grosso, sem probabilidades de uma solução conciliatória.

Mais modernamente, por occasião do Congresso de Geographia, que se realizou em Bello Horizonte, em 1920, cogitou-se de uma solução, á qual não foi possível chegar devido á intransigência da delegação de Goyaz, que fazia questão fechada de ficar com o município todo de Sant'Anna do Paranyhyba, tendo também manifestado a sua cobiça em relação a um botn bocado do Registro do Araguaya — pois desejava que a linha divisória fosse pelo "Sucuriú até sua foz no Paraná e da mais alta cabeceira do Sucuriú, seguindo o meridiano de 10" até encontrar o rio das Mortes, por este



abaixo até o Araguaya" — coisa com que os representantes mattogrossenses não puderam concordar.

Finalmente, na Conferencia de Limites, convocada em 1920 pelo governo federal, com o fim de resolver as questões de fronteiras entre todas as Unidades da Federação, os dois Estados concordaram em decidir definitivamente a questão — recorrendo a arbitramento, havendo Goyaz prometido, de modo formal, que "não deixaria de acatar respeitosamente qualquer sentença proferida pela comissão arbitral", que se compunha do jurisconsulto Prudente de Moraes Filho (indicado por Matto Grosso), do escriptor Conde de Affonso Celso (por escolha goyana) e do procurador geral da Republica, Pires e Albuquerque, que presidia á reunião e tinha voto de desempate.

A pendencia deveria ter ficado liquidada com esta decisão:

"Os juizes eleitos segundo o compromisso assignado pelos delegados de Goyaz e Matto Grosso á Conferencia de Limites Interestadoaes, para decidir a antiga questão entre os dois Estados, tendo examinado e discutido em repetidas conferencias as memorias e documentos apresentados de uma e de outra parte,

.....
julgam e declaram que os limites entre os dois referidos Estados são: o Rio Araguaya até a sua cabeceira principal na Serra do Cayapó; d'ahi, passando por esta serra, á cabeceira do Rio Aporé e por este abaixo até a sua confluência no Paranyhyba.

.....
Districto Federal, 7 de Dezembro de 1920.

Antonio J. Pires de C. e Albuquerque
Prudente de Moraes Filho
Conde de Affonso Celso."

.....
Entretanto, a desavença continua.

Goyaz, apesar do compromisso tomado, não acceitou a decisão e, já em Julho de 1922, creou, malandramente, uma lei pela qual annexava á sua comarca de Rio Bonito a zona mattogrossense separada por uma linha que corre das cabeceiras do Taquary até o Rio das Garças, seguindo por este abaixo, até a foz; e, por essa mesma decisão, considerava todo o territorio comprehendido entre o Rio das Mortes e o Araguaya, como parte da comarca da Capital. Além d'isso, cobrava imposto de exportação sobre as boiadas de Coxim e de Sant'Anna que atravessavam o Araguaya ou o Paranyhyba, em demanda de Minas ou de São Paulo — como se tal gado fosse goyano!

Taes violências deram causa a que Matto Grosso — "que não quer usar da repulsa pela força, que aliás as leis lhe reconhecem" — por seu advogado Astolpho Vieira de Rezende, pedisse ao Supremo Tribunal Federal um mandado de manutenção de posse contra o Estado de Goyaz que, ao saber da petição, perdeu a compostura e investiu litterariamente contra Cuyabá, afirmando, depois de varias acusações bastante crespas, que "o Estado de Matto Grosso está demente" l...

Comprehende-se muito bem o empenho em ficar com o rico terreno, do qual, ha dez annos atraz, Goyaz não fazia tanta questão: é que nelle estão situados os famosos garimpos — núcleos bem povoados que podem



dar ao Estado rendas polpudas e cuja actividade, sempre descripta com exaggêro, embelêca cada vez rçiais a pasmaceira goyana.

Goyaz chegou mesmo a negociar com uma projectada "Companhia Brasileira Mijieral Extractiva", a concessão de sessenta datas de jazidas diamantíferas no Garça — transacção muito pilhérica porque, além da illegalidade d'esse favor (feito por quem não tem poderes para tal), a projectada empreza mineradora não chegaria, sequer, a tirar uma faísca nem a apanhar uma mão de bajêvê — pois muito antes d'isso a sua gente seria — toda — cortada na bala pela bahianada, que estabeleceu a respeito esta regra golpeante: "Isto aqui não tem dono, é de todo mundo"...

A pendenga está agora quasi a se resolver: tendo Matto Grosso obtido a manutenção de posse, Goyaz embargou-a, e a mais alta representação da justiça brasileira está para decidir, de uma vez por todas, a rixa irritante.

E é bom que o Supremo sentencie logo e logo porque a discordância entre as duas Unidades ameaça passar, do terreno juridico-litterario, para o campo da lucta á mão açmada:

Ainda em meados de Agosto, aproveitando a anormalidade da situação creada pelo movimento revolucionário, um tenente da policia goyana percorreu a zona do Araguaya, tentando alliciar gente — e offerecendo vinte mil réis diários para os que quizessem servir como praças da milicia da antiga Villa Boa... Seiscentos mil réis mensaes, para gente de garimpo, não é dinheiro e — por isso — o emissário não logrou recrutar nem um homem só.

Entretanto, o official conseguiu conferenciar, na villa de Santa Rita, com o caudilho José Maria Morbêque... O que teria sido tratado entre o enviado de Goyaz e o chefe supremo do Rio das Garças? Ao certo, nada transpirou; mas certa noite de conversa, na casa da Avenida do Centenario, José Maria me disse, num impulso:

— Queria saber quantos bahianos poderia arranjar commigo... Disse elle que eram só para defender a legalidade... Mas isso é que eu não sei...

— E arranjou?

— Não, definitivamente!

Morbêque não estava disposto a auxiliar Goyaz... mesmo porque — acreditava que as auctoridades d'esse Estado, uma vez de posse da zona, respeitariam os direitos de um tal Daniel Lima — capangueiro forte que perdêra centre poucos contos por. estar com sua entrada prohibida no Araguaya (devido ás determinações do "governo" da região), avultando entre os seus prejuizos de serviços começados — uma machina para extracção, pequena draga que eu vi, abandonada ao sol e á chuva no garimpo Chapadinha.

Mas ultimamente Morbêque já não sentia a mesma má vontade para com os seus vizinhos da banda direita do Cayapó. Percebi isto quando, a proposito do attricto que tivera, em 1913, com o secretario da Agricultura de Matto Grosso, Morbêque me leu, com entusiasmo, este trecho de um officio seu, publicado numa velha folha cuyabana:

"... o registro da fazenda Araguaya, pertencente ao snr. coronel Antonio da Fonseca Alcantara não está legalmente feito, dando-se embora de barato que esteja esta sesmaria situada no glorioso territorio de Matto Grosso, o que-formalmente contesto..."

E accrescentou, piscando as olhos, maliciosamente:

— "Se o advogado de Goyaz apanha este exemplar... Eu, no governo do bispo d. Aquino, organizei um plebiscito aqui, pelo qual se constatou que a minha gente gostava mais de Matto Grosso do que de Goyaz... Mas agora, as coisas mudaram..."

Eu consegui, mais tarde, esse numero do jornal que poderia se relacionar com a questão de lindeiras. E verifiquei que a publicação, bem examinada, nada tinha com o caso dos limites: tratava apenas do registro de umas terras particulares! Mas, pelo modo porque o intelligentissimo jagunço fizera a leitura, tinha-se a impressão de que naquellas paginas umarelladas havia referencias de sensação...

Se a sentença federal tardar e Goyaz declarar a guerra — Matto Grosso terá que *se* defender, a não ser que as outras potencias brasileiras intervenham, para accomodar...

MARIZ E BARROS

Cuyabá, Novembro de 1924.





CONTO DAS RUAS

— Estavas pensando?

— Estava pensando na minha vida.

Olha, Felix, a gente quando não tem coisas serias a pensar, pensa na vida, no que se foi, no que já aconteceu. A mim o que me consola nos pedaços amargos é lembrar os dias tumultuosos ou alegres. Não calculas como me fazem mal os dias vãos. Sempre o mesmo sol, a mesma gente, o mesmo aborrecimento... E' horrível.

Agora, por exemplo, sentado neste banco, rodeado de vagabundos como eu, pensava naquela epocha que tive de esplendor, quando tu estavas na Europa. Lembras-te?

— Sim; de Paris, uma ocasião, recebi um jornal com o teu retrato envolto em elogios á tua personalidade literaria e até ás tuas virtudes.

— Justo. Bons rapazes aquelles da redacção do "Monitor". Não calculas o que fizeram por mim quando da publicação do meu livro "Caminhos desesperados". Por isso dei-lhes um banquete, onde o Romano, o secretario, saudou em mim, num discurso de adjectivação cerrada, um dos maiores prosadores nacionaes.

— E como appareceste, assim de repente?

— Eu te explico. Quando partiste para a Europa, na primavera de 1916, levando em tua companhia aquella mulher loura que viveu contigo uns tempos, eu andava mettido em transacções, na Bolsa.

— Quando tinhas relações com o Conde?

— Isto. Um grande segredo. O Conde forçou um "corner" no algodão e nelle, como paga do que fiz, e que não vem ao caso relatar, ganhei oitenta contos de reis. Sommados aos



trinta que me sahiram na loteria de S. João, tornei-me nabafx) e fui morar num palacio, com carruagens, cavallos de corrida e mulheres. E que cavallos e que mulheres, meu caro Felix! Se os visses! Cavallos do mais puro sangue e mulheres da mais pura belleza meridional.

Mas, das mulheres, a que mais me interessava era a Consuelo, aquella mundana hespanhola, celebre pelas suas esbornias e pelo numero de apaixonados que contava na alta politica e na alta finança de S. Paulo.

Era muito interessante, a Consuelo! E que coração! Possuía, muito accentuado, o pudor da sua posição. Isso eu corriprehendi bem no dia em que ella me contou que descendia de uma familia nobre lá do seu paiz. Depois da explicação, quando voltavamos uma vez do Club, ella pediu-me, envergonhada, que lhe comprasse umas jóias que vira na montra de um joalheiro. Puz-la, logo, á vontade. Que diabo! uma ninharia de seis contos de réis! O nosso amor valia mais, muito mais... Desde então, ella não teve mais acanhamento. Cada cheque que lhe ^ava valia um beijo, no qual eu sentia todo o amor daquella mulher. Se as mulheres pedem, coitadas! é porque precisam e não têm habilidade para gauhar dinheiro.

Por esse tempo, em S. Paulo, eu andava no apogeu da fama. Os meus camaradas de imprensa gabavam os meus talentos; era conhecido em todos os clubs elegantes da cidade. E, uma vez, em pleno centro, na hora de mais movimento, a "estrella" de uma Companhia deu, por minha causa, um tiro na Consuelo. Felizmente o tiro não pegou. Os amigos acharam aquillo "pôdre de chic" e eu fui assumpto obrigatorio, durante uma semana, nas rodas bohemias da velha Paulicéa.

Tornaram-se notáveis, também, as reuniões, em meu palacete. Lá se reunia a gente brilhante que me rodeava e os Íntimos.

Por esta epocha, é que, talvez por perversão dos sentidos, tive um "beguin" irresistível por uma italianinha fulva e descarada, do Braz. Todos me recriminaram e os amigos me disseram, á puridade, que aquelles amores não ficavam bem a um mundano da minha posição. Mas, a despeito de tudo, a Ida, a tal italianinha, em breve era recebida nos clubs que eu frequentava, embora com certo desagrado das outras.

Foi um despenhar de sensação em sensação, meu caro Felix. Ficou celebre uma festa que realisei pelo carnaval, na qual se foram vinte contos e vieram mais alguns amores.

Pouco escrevia, por falta de tempo; mas esse pouco era disputado pelas revistas de maior prestigio, que — diziam — se honravam sobremodo com a minha collaboração. D'ahi o ter jun-



tado papeis no fundo da gaveta e publicado o livro, de cujo successo tiveste sciencia no **outro** lado do Atlântico.

Na minha vida de ocioso brilhante, não cogitava das finanças. Tu bem •sabes o desprezo que sempre tive pelo dinheiro. Naquella epocha de belleza e esplendor, que me incommodava a mim o "vil metal"? Bem **podes** calcular, portanto, a minha surpresa quando — uma manhã, em que, ao lado da Consuelo, eu lia os jornaes do dia — me entrou pela casa um senhor a me annunciar simplesmente que estava sem dinheiro...

A falar verdade não tive grande emoção. Consuelo, porém, pensando que a noticia me causava desgosto, procurou consolar-me. Beijou-me muito, disse-me umas coisas serenas; mas, não sei porque, eu sentia que os seus beijos não tinham o mesmo calor dos de outrora e as suas palavras de consolo cahiam frias, sem convicção.

Uma semana depois, ella tomava vapor para a Argentina, sem me dizer um adeus. Talvez para não nos tornar dolorosa a separação... Pouco mais tarde, estava residindo em uma pensão de quarta ordem.

Mas a coisa mais interessante de tudo isto foi ter-se espalhado que a Ida, a italianinha fulva e descarnada dó Braz, iria viver commigo, mesmo depois que o que era bom tinha se acabado. Os amigos riram e houve quem dissesse áquella rapariguita que ella, a continuar commigo, perderia o seu prestigio de mulher do grande tom.

Felizmente para ella, não era verdadeira a noticia.

E eram estas coisas, Felix, que eu estava pensando quando chegaste.

— Dá-me um cigarro?

BRENNO PINHEIRO





DOMINGO DOS SÉCULOS

RUBENS DE MORAES é um escriptor moderno. E, como tal, um typo fino, elegante, de uma cortezia palaciana. Altamente cotado em sociedade; vivendo uma vida amavel de gran-duque.

Não distila bilis. Não tem odio a ninguém.

Pouco se lhe dá que o seu vizinho seja um asno. Tenha lá as suas pretenções litterarias. Vise mesmo uma cadeira na Academia de Lettras. Está llo seu direito — que diabo! A Academia não foi feita para isso? Alli não se arranja tudo? Emquanto desvela o desgraçado as suas noitadas, á moda antiga, de cigarro de palha atraz da orelha, chinellas e ceroulas de atilho, daquellas que se amarravam em baixo no tornozelo, muito escanifrado e amarello, de uma amarellidão de sepulcro, estalando palmadas no ar para afugentar os mosquitos — o cerebro em braza, á cata da "chave", ou, antes, da "tranca de ouro" para o soneto — Rubens de Moraes apruma-se; veste o smoking; vae jantar fóra, em excellente companhia.

Ninguém, melhor do que elle, daiça o tango argentino. O fox-trot, o one step, o maxixe. Ninguém melhor do que elle, pois, para nos falar da nossa época. E foi o que fez nesse livro admirável, que acaba de publicar, intitulado — "Domingo dos Séculos".

O leitor, bem se vê, entre-duvidas, fecha um olho, envesga o outro. Põe-se de sabreaviso. Estes, moços de agora com estas suas maluquices! Que nova extravagancia será mais esta, depois das "Memorias sentimentaes de João Miramar" do senhor Oswald de Andrade!...

Eu, porém, sem commentarios supérfluos, refuto-lhe, desde logo, a desconfiança. Offereço-lhe o braço. Levo-o pelo caminho da lógica.

Haverá, por ventura, cousa mais accessivel, mais comprehensivel do que o domingo dos séculos?... Sem duvida! Se as semanas, os mezes os Jnnos têm os seus domingos — por que motivo não os haviam de ter também os séculos?... E foi o que aconteceu. Chegou a sua vez.

Acaso, a época em que vivemos, não equivale a um domingo, e a um domingo de festa?...

Até hontem isto aqui era um valle de lagrimas, Um lugar de uma taciturnidade lugubre, ascética. Os homens andavam de fraque preto, a mente soturna, a cara compungida, á feição do senhor Alvaro Guerra. As mulheres de trança e vestido de cauda. Tanto um sexo como o outro es-



torcogado dos nervos. Se lá do outro lado do Atlântico, Antonio Nobre publicava um livro, que era o mais triste que havia em Portugal, embora a gente aqui nada tivesse com isso, chorava com elle. F. achava-lhe uma maravilha! A' noite, ia-se para o theatro, lamentar a desdita da Dama das Camélias.

Hoje, quem mais admitte isso tudo? Quem haverá ainda que recite ao som da Dalila?... Onde ferve o microbio de Koch, pôde lá haver poesia?... A primeira idéa, que nos acode, é aconselhar a quem soffre do peito, uma cura nas montanhas, em Campos de Jordão, ou, então, em Davos na Suissa. E, para um poeta triste, as pillulas do Abbade Moss, que não ha nada que apoquente mais o espirito do que uma prisão no ventre... Agora, se a localisação da moléstia é outra, então uma intervenção pelo processo do professor Voronoff. Segundo sôam as noticias, é infallivel! Logo depois, tel-o-íamos transfigurado num contentamento ineffavel, a fazer piruetas no *paso doble*!

Concorde o leitor! E' uma linda época esta nossa época! E isto aqui uma Luna Park em que todos se divertem! Então, não tem razão Rubens de Moraes em lhe chamar o domingo dos séculos?...

"Os homens — é elle agora quem fala — são simples expressões de uma civilisação. Shakespeare é tão impossível hoje quanto Einstein no tempo em' que o sol era o carro de Phebo. Os grandes poetas épicos de hoje não são mais Homero nem Camões. São os Hugo Stinnes, os Rockfellers, os Matarazzos. O Cavallo de Troya é uma Bolsa ou uma fabrica. Por isso, si o leitor encontrar num poeta este verso: "*O' Thermopilas! Bolsa de Mercadorias!*..." não se assuste.

Não havia, na antiguidade clássica, quem desconhecesse os versos* de Homero, como não ha hoje quem desconheça o automovel Ford. *Têmpora mutantur...*"

E logo depois :

"E' um erro pensar que os modernos condemnem os clássicos, os românticos e todos os *passaditas*. Bilac, Castro Alves, Gonçalves Dias foram grandes poetas. Escreveram obra romanticas e parnasianas no tempo' do romantismo e do parnasianismo. Fizeram muito bem. *Foram modernos*.

O ridículo é um poeta acreditar em soneto e em alexandrinos neste glorioso anno do Centenario da Independência.

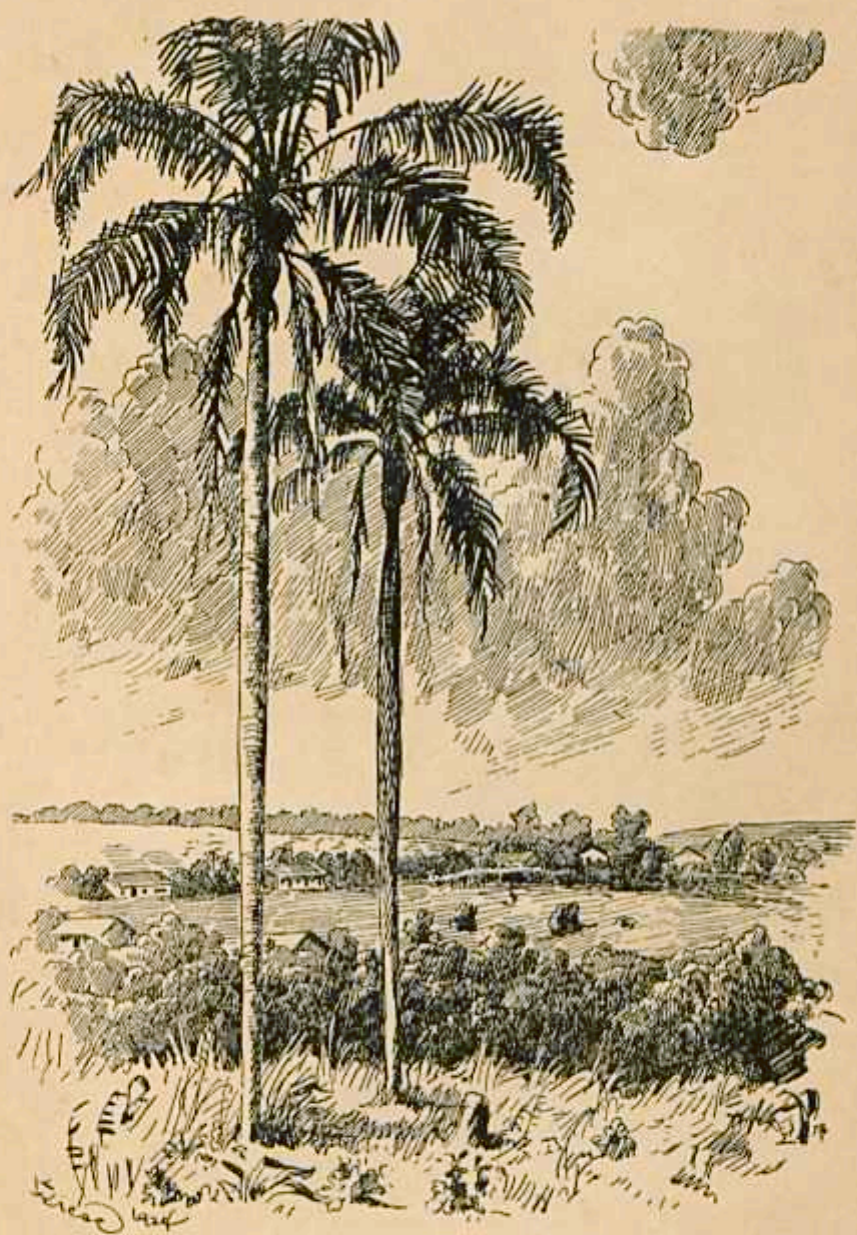
Si um individuo andasse hoje passeando pelas ruas do Triangulo vestido á moda de D. João VI, o sympathico guarda civil da Praça Antonio Prado prenderia o "*louco*", confirmando a fama da nossa Força Publica, a melhor do mundo.

O leitor é com certeza pae de familia. Si não é, já foi, ou será, é fatal. Logo deve possuir esta cousa ridicula e perfeitamente inútil: a experiencia. E, portanto, deve sacudir a cabeça: — "Qual! Tudo isso passa!" Não pense o leitor philosopho que disse uma grande novidade. Isso já foi dito por Victor Hugo que o leitor tanto admira, e muito melhor, em versos: — "*Tout passe, tout casse, tout lasse...*"

Victor Hugo tinha razão. A prova é que elle cançou e passou. Felizmente.

Um dia ha-de vir em que os nossos artistas serão considerados *passadistas*. Assim o quer o destino sublime da humanidade, Phoenix multicolor que morre para renascer mais fulgurante e morrer ainda e renascer sempre. E, quando os artistas de amanhã vencerem todos os artistas de hoje e olharem para estes com a tranquillidade de quem não soffre de reumathismo, estou certo de que elles hão-de respeitar alguns, como expressões perfectas da época em que viveram:





QUADRO DO SERTÃO, de K. WIESE



Ninguém é dono do tempo. O leitor que tem cabellos brancos sabe disso melhor do que eu, que não os tenho graças ao tempo.

O *modernismo existe*, é inútil revoltar-se. E' um facto, como os aeroplanos, o bolchevismo, o fox trot; o jaz-band. Ouço adqui seus gritos de protestos — "*Loucura! Immoralidade!*" Não grite tanto assim por favor atrapalha minhas idéas."

Num outro capitulo:

"O delicioso poeta francez Henri Mugnier, que não sabe saltar de bonde andando, o único homem do mundo que acredita em "espere até o carro parar", disse-me um dia: — "Os brasileiros são tristes, não sabem rir, não comprehendem uma blague. D'ahi a sua repulsão instintiva pela arte moderna".

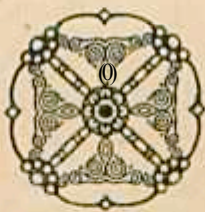
Somos, em verdade, um povo triste, melancolico; simples influencia da nossa natureza e do nosso clima. Em nossa ingenuidade de povo criança, pensamos que a arte é uma cousa carrancuda, ou doentia. Engano. O romantismo manhoso e sentimental já morreu. A arte moderna é alegre, canta a alegria de viver, não acredita em "gênero", mistura a agua com o vinho. Ora, nós brasileiros queremos ou agua ou vinho, mas agua com vinho não. Os modernos bebem *cocktails*. No meio de uma pagina sériissima, salta uma blague... e nós nos indignamos!

A Arte moderna é uma arte de domingo, de quem "digere bem" e vae dar seu passeiosinho, sorrindo, sem preconceitos."

E, a isto, que me diz o leitor?... (Agora quem lhe fala, sou eu). Não quer pronunciar-se, tem receio?... Inclina a cabeça; sorri? Que tolice! Por que é um devoto do Passado?... Mas, se eu também o sou; se nós todos o somos!... Lembre-se, no entanto, de que não é um dyspeptico, não soffre de empachos, tem um bom estomago, e a Arte moderna é uma arte de quem "digere bem", vae dar seu passeiosinho feliz, sem preconceitos...

RÉNÊ THIOLLIER

(Villa Fortunata).





DODÓCA — Dolores Barreto — Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1924.

A senhora Dolores Barreto não é escriptora conhecida. Estréa-se agora. Mas é professora affeita a lidar com creanças. Pelo menos, conhece muito bem a psychologia infantil. Sabe condimentar os ingredientes que levam á factura do livro interessante ao pirralho: muita fantasia, muita simplicidade no dizer, com a usança tanto quanto possível de expressões que lhe sejam familiares e que dêem ao autor ares de velho camarada... "Dodóca" é a prova. Historia de uma boneca que se fez escriptora, prende a attenção do pequeno leitor, que se vê doido enquanto não lhe alcança o desenlace. E, o que é rrjaís, pois prova a maneira intelligente com que se houve, é que adultos mesmo leem-na com prazer. Lemol-a nós, de ponta a ponta, chegando á conclusão de que quem se estréa tão brilhantemente deve continuar na mesma senda. Nossa parca bibliotheca infantil está a exigir a collaboração de quantos se mostram com geito para a coisa. Da autora muito ha que esperar.

O livro para creanças não é, porém, só o texto. Mais que este ás vezes, as gravuras, a capa suggestiva, toda a apresentação material. No caso, tudo se conjuga para tornar "Dodóca" um mimo. O artista admiravel que é Kurt Wiese, dono de uma verve indisfarçável, illustrou-a com figuras muito gaiatas, que completam o pensamento da autora. As personagens que se agitam no romance ganham assim lineamentos marcados na mente do pequeno leitor, que passa a consideral-os vividos no seu microcosmo. A capa e também um bello trabalho graphico, o qual se*completa na impressão nítida, constituindo no todo um volume dos mais bellos que já se publicaram tm S. Paulo.

Nesta época de Natal, é um manjar dos céos que se propicia ás creanças.

MANUAL DE GYMNASICA — Victorino Fabiano — Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1924.

O Sr. Victorino Fabiano compendiou neste volume uma serie de magnificas lições de gymnastica, adaptaveis principalmente aos cursos secundários. A disposição da matéria obedeceu a plano bem delineado, antecedendo os exercícos uma serie de noções de grande alcance para os que querem deveras tirar proveito da pratica. Assim é que trata das qualidades que deve possuir o instrutor, do local da instrucção, da hygiene, da respi-



ração, dos descansos, commandos e vozes, passando depois aos princípios geraes da gyninastica educativa individual e collectiva, cujo effeito e utilidade põe em realce.

Indicada a maneira de proceder para a preparação e formatura da ccola collectiva, a braços livres e com apparatus portáteis, indica as posições iniciaes para os exercícos a braços livres. E, no crescendo da difficuldade, os mais variados exercícos.

E' bem de ver o grande alcance do livro. Não só ao individuo presta serviços. Ao professor é um guia seguro, de tanto mais valia quanto é certo que obras do genero são raras e quasi sempre em desaccordo com as necessidades do ensino, o que não acontece no caso vertente.

*CONVERSAS AO PÉ DO FOGO — Cornélio Pires — Cia.
Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1924.*

Cornélio Pires é um dos escriptores de maior publico em S. Paulo. Seus livros vendem-se aos milhares, sempre reclamados pelo leitor. E isso por um punhado de razões: o humor de que se vestem; a fidelidade da observação dos typos, que sabe medalhar com geito; a maneira desataviada de expressar-se e, mais que tudo, o adoravel sabor regionalista de todas as suas paginas. Uma outra qualidade não somenos: a sinceridade. Cornélio é caipira de facto. Paulista de boa massa, cujos avós são bandeirantes de rija polpa, traz na massa do sangue, essa profunda sympathia pelos pobres de sua terra, aos quaes comprehende e ama.

"Conversas ao pé do fogo" é um dos seus mais valiosos livros. Não apenas o interessante relatar de chistosos casos. Os capítulos iniciaes são uma contribuição preciosa para o estudo do nosso Jêca. Mostram-nos como elle é e os seus diversos typos: o caipira branco, o caipira caboclo, o caipira preto e o caipira mulato, com exclusão do cafuz e caboré, raros em S. Paulo. Perfis muito bem delineados, deixam patente a diversidade de caracteres e usanças de cada qual.

Os "causos" que vêm ao depois não desmentem a verve do autor. São todos de fazer rir a frades de pedra.

Fechando o volume, outra serie de observações atiladas, que áliás pontilham áquelles capítulos. Versam agora a alimentação, as abusões, os assombramentos e as assombrações, a poética caipira, o que tudo se corôa de completo vocabulario.

A presente edição é a segunda de "Conversas ao pé do fogo".

*A COLHEITA NATURAL — J. do Amaral Castro — S. Paulo
— 1924.*

Este volume, sob o titulo — "A colheita natural" — com as epigraphias — "Estudos e observações praticas sobre o café", "Cultura, Colheita, Torrefacção e Commercio", da lavra do sr. João do Amaral Castro, destina-se a larga repercussão entre os cafeicultores do paiz. E' a obra mais seria de quantas se tem publicado — e tão poucas na verdade! — sobre a decantada rubiacea em que se esteia a nossa imança.

O processo da "Colheita natural" é conhecido em seus pontos principaes. Aos que desejem pratical-o, entretanto, os quaes devem ser todos

os lavradores, ao menos por experiencia, é recomtndavel a leitura e o estudo desse livrinho em que se expõe no todo as novas praticas.

"A Colheita natural" conta já com adeptos fervorosos entre os fazendeiros paulistas, muitos dos quaes praticam ao menos em parte, as idéas do sr. Amaral Castro. As sociedades agricolas desta capital têm discutido o novo processo, havendo-o coroado com o seu patrocínio e a Sociedade Nacional de Agricultura se esforça por fazer o mesmo tia capital do paiz.

O volume, nitidamente impresso, é illustrado por varias gravuras.

Em annexo, lê-se o parecer apresentado ao director de agricultura da Secretaria da Agricultura de S. Paulo, pelo sr. José de Gouvêa Giudice, inspector agricola, que, em nome do governo, acompanhou as experiencias officiaes e se manifestou favoravel aos seus resultados.

*LUMLi E CINZA — Alberto Rangel — Sussekinã de Mendonça
& Cia. — Rio — 1924.*

Vivendo fôra do paiz, não se deixa o sr. Alberto Rangel empolgar pelas coisas alienigenas. O meio aguça-lhe o nacionalismo, que se requinta na linguagem escoreita e ornada de neologismos rascantes, curiosa dualidade que a torna um tanto barbara. Por vezes mesmo, chega-se a não reconhecer em suas frases o idioma que se fala nestas cabralias plagas... Mas, si a profusão de matizes novos torna-o aqui e ali incomprehensivel, não lia sinão reconhecer a nossa inópia e a riqueza da lingua.

Medida e joeirada essa linguagem, que de bellas paginas não nos daria o autor do "Inferno verde"! Oxalá tivesse menos olhos para os defeitos que para as galas do estylo de Euclides.

*CONCRETO ARMADO — Theoria e pratica segundo as pres-
cripções allemãs — Raul Gomes Porto — Cia. Graphico-
Editora Monteiro Lobato — S. Paulo — 1928.*

Uni attestado da vitalidade allemã reside, como é sabido, 110 desenvolvimento de seu ensino technico No que toca á engenharia em particular, dtpara-se com o quadro realmente impressionante da producção sempre crescente de obras didacticas. Atravéz de seus volumosos catalogos, constata-se desde logo a pujança e a extensão da bibliographia germanica sempre modernizada em suas successivas edições. Encontra-se em 24.ª edição o celebre Manual Hiitte, que constitue uma estrutura impecavel e homogenea de toda a engenharia allemã, resumida em tres grossos volumes. Como se estuda naquelle paiz!

Nas applicações dos conhecimentos theoricos a certos ramos de engenharia, as obras allemãs sobrelevam a suas similares pelos methodos de exposição. Em livros da mesma especie, as fontes theoricas são sempre as mesmas, claro está, sejam elles francezes, americanos ou allemães. Os methodos de ensino, esses sim, é que divergem em sua essencia. Os engenheiros patricios já se acham habituados áquelles velhos clássicos francezes, em que, no estudo de certas applicações graphicas, são forçados a dispersar a attenção de um modo exhaustivo entre o texto do livVo e o extenso.



atlas que o acompanha. As obras allemãs impõem-se desde a composição typographica — realmente modelar, com seus clichés perfeitos e suggestivos — até ás particularidades do texto, — que são acompanhadas de fartos elementos subsidiarios para a organização dos projectos e execuções decorrentes. Pena é que não possam os nossos engenheiros servir-se da bibliographia allemã, geralmente familiarisados como se encontram apenas com a lingua franceza.

O Sr. Raul Gomes Porto, diplomado pela nossa Escola Polytechnica, veio neste sentido preencher uma lacuna bem sensível em nossos centros de estudo, escrevendo um interessante compendio sobre *Concreto Armado*, todo elle moldado por methodos allemães. O autor imprimiu ao seu trabalho um cunho altamente pessoal, ao distribuir com rara felicidade a matéria, de natureza vasta e complexa, através de onze capítulos. No Capitulo I aborda o exame das *placas e vigas de secção rectangular*, estabelecendo clara e concisamente as bases sobre as quaes assenta o calculo das peças á flexão; passa em seguida á deducção de suas formulas fundamentaes, adaptando convenientemente taes formulas ao emprego de tabellas com o intuito de facilitar as pesquisas praticas. No Capitulo II estuda o autor o *cisalhamento longitudinal*, a *adherencia* e os *esforços inclinados* desenvolvidos nas peças sob flexão, detendo-se em particularidades sobre *barras erguidas e estribos*. Nos Capítulos IV e VI trata o autor das *vigas em T* e das *columnas*, fornecendo relativamente a estas ultimas dados que facilitam praticamente o seu calculo, quer para cargas concêntricas, quer para cargas excêntricas. O Capitulo VIII comprehende uma dissertação sobre o *preparo, assentamento e propriedades do concreto*, de real utilidade para os que desejarem iniciar-se nas applicações praticas. Nos Capítulos X e XI aborda o estudo das *pontes em viga recta* e das *pontes em arco*, apresentando projecto-typos e uma serie de dados práticos interessantissimos, pouco vulgarizados entre nós, como por exemplo o que diz respeito ás *articulações de pedra, concreto e concreto armado das estruturas curvas*. Nos capítulos restantes do compendio, apresenta uma longa serie de exercicios sobre *placas e vigas rectangulares, pavimentos nervurados, columnas, alicerces, muros de arrima, escadas, reservatórios, etc.*, obedecendo todas as soluções ás modernas prescrições allemãs.

O *Concreto Armado* da autoria do Sr. Raul Gomes Porto pode ser definido como um trabalho de synthese, clareza, methodo e precisão.

A cuidadosa impressão do livro attesta o alto grão a que attingimos cm matéria de artes graphicas.

A SALA DOS PASSOS PERDIDOS — Rodrigues de Abreu
— Cia. Graphico-Editora Monteiro Lobato — S. Paulo —
1924.

Da plaquette de estréia de Rodrigues de Abreu para este volume medeia curto espaço de tempo, cm que se operou o mais admiravel processo evolutivo. Publicada aquella em pequeno logar do interior, ahi onde as musas tão frequentemente sóem apresentar-se aos rapazes, que, por mal dos peccados, se encontram quasi sempre embiocados em razão de hostilidade do meio ás manifestações de arte, revelou assim mesmo um temperamento marcado.

Predominante, a nota melancólica e ingênua. A creança que era já se laivava do desencanto singular que reponta agora em toda a plenitude. Mas já agora se justifica. O poeta fez conhecimento com o mundo, viveu a



indiferença dos homens e a falsidade das mulheres; materialisa-se — digamos assim — a dor que lhe jazia no subconsciente e o tornara tristonho sem que o soubesse porquê. Poesia, pois, mais sentida, mais humana.

Percebe-se através dos versos uma alma torturada nos transe de situação dolorosa a que não ha evadir-se e que lhe volta os olhos para os aspectos menos alegres da comedia humana.

Abra-se-lhe o livro. Em todas as paginas, a melancolia e a ternura, como em Antonio Nobre. Não, porém, a obsessão de Augusto dos Anjos. Aliás, o proprio poeta denuncia a sua devoção, em versos que são dos melhores do volume: "Meu santo Antonio Nobre, eu te bemdigo, ingenuissimo triste de alma inquieta!" "A minha alma é da tua irmã ou neta: antes é a tua que anda hoje commigo!" Não se pense, no entanto, em discipulo. Apenas afinidade de idéas, de concepções, ou melhor, de soffrença, que desta dimana aquella. A mesma angustia de Manoel Bandeira e Ribeiro Couto.

A proposito, verifica-se a ancia com que o poeta procura despeiar-se dos moldes feitos. Dando-se ansas quando lavrava animosa a fúria iconoclasta dos destruidores de symbolos, não se deixou levar pelos excessos do pregão; forjou-se uma personalidade, que, se já não é completa, consegue logar seu. Dá-nos assim, de par com sonetos remoçados, composições de metro livre, em que, numas e noutras, se sente muito á vontade.

Não esqueceremos também a originalidade da maior parte dos motivos, que já no titulo se entremostra e que vae expandir-se na poesia inicial e no poema "Dentro da Noite". Nas palavras de apresentação, um rôr de imagens bem apanhadas no cinema: "Hoje, não rimo attitudes nem sou impulsos e actos... Sou aquelle vesgo de Mack Sennett, deformado e triste dentro do seu grande espirito. Para que os outros riam, ando levando socos de um bolchevista, musculoso e idiota..." Como Mutt e Jeff, e Maciste, é este um dos symbolos destinados a ficar. E a verdade é que nelle está toda a vida atribulada do poeta. Ha no fundo o riso amargo do sceptico, do humorista que zomba da própria infelicidade...

"A Tisica", que transcrevemos a seguir, sendo no volume uma das peças de factura mais larga e brilhante, é ao mesmo tempo uma das que melhor dão a medida do temperamento do artista:

"Da minha sala, onde são os meus versos amargos, — quando as janellas estão olhando a rua, — escuto, muita vez, tosses na casa da de frente. — Sinto a piedade egoista, a temer o abandono, — e levanto, e vou levar á vizinha, que é tisica, o consolo da minha miséria perenne. — Ella ri, quando vê o meu perfil chupado, — pois eu conto os quartos de hora pela noite — e pergunta se eu tusso, á noite, em claro... — Eu lhe digo que sim, que também tenho febre... — E vejo-a, consolada, com uma ponta — de maldade e espreitar-me, sorrindo, em seus olhos. —

"Vê, se não fosse esta tossinha, eu estaria bôal" — Olho o seu rosto de boneca: — alguém anda a botar carmim nesse rosto de cera, — pois ella, em breve, vae visitar a outra vida. — Muita vez, ella quer que eu beba l ela borda — do copo pelo qual ella bebe, e eu lhe digo: — "Estou doente.

Talvez seja doença que pegue..." — E ella retira a mão tendida, e me olha fundo, — encolhendo-se mais no seu catre de doente...

Vou para casa, onde fico a pensar nesta vida!

Como a visinha, tainbem minha alma é doente. — Se alguém vier visitar a minha alma, eu desejo — que esse alguém seja doente e muito triste... — A alegria dos outros me aborrece!

Ninguém virá...

Tenho a minha alma doente...

Minha alma estende para os homens, com maldade, — meu livro que está cheio da sua doença...



Como eu sou parecido com a vizinha l"

Por esse diapasão se afina todo o livro. Não livro de versos. Mas de poesia, consoladora poesia.

Rodrigues de Abreu pode, na verdade, aspirar a posição na vanguarda dos nossos poetas jovens. Delle, muito ha que esperar.

A. DE GILBERT — Ruben Dario — (*Biographia de Pedro Balmaceda*) — José Vilacastin — Avila — Hespanha — 1924.

Os srs. Alberto Ghiraldo e Andrés Gonzales Blanco continuam na tarefa piedosa de reunir e publicar a producção dispersa de RubenDario. Este volume é o sexto da serie, e contem as paginas escriptas pelo grande poeta quando da morte do seu amigo Pedro Balmaceda. Escrevem os prefaciadores:

"Eis aqui o livro primogénito de Dario e quijá o mais cordial de todos quantos escreveu. Cheio de juventude e de enthusiasmo, havia chegado ao Chile o poeta quando começou sua peregrinação artistica pelo continente americano e, no famoso paiz do Pacifico, para o qual sempre se voltaram os seus amores, encontrou uma alma irmã: a alma gentil e admiravel de Pedro Balmaceda, o companheiro querido que, em inolvidáveis horas de luta, " lhe dera alento, apollo, apoio, consolo, amor".

"Depois, seguiu o predestinado sua peregrinação inicial e lá em São Salvador, chegou-lhe a infausta noticia da morte do irmão.

Fructo dessa dor foram estas paginas de Dario, as quaes permaneciam absolutamente desconhecidas pára a maior parte de seus leitores, mais, muito mais que as outras de sua primeira época, como *Abrojos* e *Rimas*, como *Epistolas y Poemas*, das quaes se conhecem fragmentos publicados em diários e revistas.

A. de Gilbert, como o proprio *Azul* durante muitos annos, como muitas das obras de Dario, permanencia escondido na sombra, não por menosprezo ou esquecimento, mas por essa vida agitada e tormentosa do autor, que lhe arrebatava as horas de arte, obrigando-o a uma producção febril, sem lhe permittir volver sobre o trabalho feito, para reconstruil-o, pulil-o e reedital-o, como merecia toda sua producção literaria.

Em sua apparencia modesta, este livro encerra, em germen, o espirito critico de Dario, o exegeta admiravel que havia nelle, assim como o homem sentimental profundamente romântico, que vibrava ao rythmo de uma amizade fraternal.

Com a publicação de *A. de Gilbert* temos a segurança de offerecer aos admiradores do grande poeta uma nota interessantíssima de sua vida de escriptor nascente.

Atravez do tempo, mais que um ensaio de biographia e critica, equivallem estas paginas a um documento literário de luminosas e extraordinarias facetas, revelador de um temperamento sensível, preparado, como poucos, para a criação e a harmonia.

Si nenhuma das paginas de Dario é indigna de ser recolhida, como as consideramos nós que nos encarregamos dessa grata empreza, estas de *A. de Gilbert*, em que está pulsando, dolente e enterneceida, sua formosa e heróica alma juvenil, merecem, sob todos os aspectos, juntar-se ás mais preciosas de sua penna".



LA DECLARACION DE GUERRA DE LA REP. DEL PARAGUAY A LA REP. ARGENTINA — A. Rebaudi — Typ. Serantes — B. Aires.

"O interesse com que vem sendo estudada actualmente a declaração de guerra do Paraguay á Republica Argentina por diversos escriptores e a discrepâncias que suscita este thema historico — quasi sempre tratado com ligeireza e superficialidade — me obriga — escreve o autor — a adeantar a publicação de alguns fragmentos, extraídos de um livro em preparação, sem outra finalidade sinão a de contribuir, na medida de minhas forças, e graças á posse de valiosos elementos de julgamento, para orientar e fazer luz em tão intrincada questão".

Bem avisado andou.

As trezentas paginas deste volume, replenam-se de documentos de grande valia para a historia dos povos sul-americanos, em capitulo a que não é estranho a nosso paiz, pois que se trata da guerra que o Império moveu contra Lopes. Os nossos historiadores terão muita vez que se reportar a estas paginas.

A FADA HYGIA — Renato Kehl — Livraria F. Alves — Rio 1924.

O dr. Renato Kehl realiza com este livro um trabalho de são patriotismo, qual o de pôr em linguagem ao alcance de crianças preceitos que levem á conquista da saúde. Só louvores merece.

Quanto á feição didactica, algo poderá arguir-se contra, assim como quanto ás illustrações, que clamam aos céos. Isso tudo, porém, ha de ter remedio em subseqüentes edições.

Antes do texto apparecem, em merecida homenagem, os retratos de Oswaldo Cruz e Belisário Penna.

COMO EL AVE DE ALAS BLANCAS — Elena Rossi Delucchi — Ed. Maximino Garcia — Montevideo — 1924.

Livro dos vinte annos, livro de mulher — livro que se lê com ternura... E' o caso da sra. Elena Rossi. Seus poemas em prosa, repassados de espiritalidade compativel com o sexo e a idade, despertam interesse quasi sempre. A jovem escriptora uruguaya ha de porém, com o tempo, publicar obra de mais valia. Sobram-lhe qualidades para vencer.

ADOLESCÊNCIAS RÓSEAS — Aldilio Tostes Malta — Typ. Rodrigues & Cia. — Rio — 1924.

Bem avisado andou o sr. Luiz Carlos, ao dizer antes dos versos, que o poeta conta apenas 17 annos. Porque assim o leitor lhe irá pondo a credito da idade os defeitos encontrados. E' o que se dá com o noticiarista. Lidos alguns versos, sua impressão foi a de promissora estréa, principalmente nos versos laivados de humorismo.





COMMERCIO E POLITICA

Parece demais insistir na necessidade que tem o commercio, a industria e a lavoura do paiz de terem, nas diversas corporações legislativas, seus representantes mais íntimos. Tanto já se tem falado nisso, taes as tentativas, quasi sempre frustradas, se bem que periodicamente renovadas no seio das diversas corporações de classe, que parece não comportar o assumpto mais nenhuma palavra. Entretanto, cada anno legislativo que se vae desperta nas classes conservadoras a convicção de que devem entrar decisivamente no terreno pratico das realizações; não é, portanto, supérfluo avivar a attenção para elle.

E' certo que estamos muito longe da educação politica européa, onde os problemas sociaes decidem das destinos dos governos; entre nós seria, impossivel a queda de Millerand ou de Mac-Donald, quaesquer que fossem os novos impostos ou a orientação politica internacional. Mas a participação, nos trabalhos governativos, pôde e deve ser tentada e obtida.

Não desconhecemos a inefficacia deliberrante dos representantes genuínos de classes, que se constituíram em unidades isoladas, dentro de corpos collectivos, praticamente absorvidas pela maioria; nem tampouco ignoramos o perigo da generalização do systema — dado que fosse possível — redundando num "sovietismo" desconjuntado e inorgânico, de consequências fatalmente nefastas á ordem conservadora, indispensável á estabilidade social.

Mas de taes extremos a uma partici-

pação mais íntima das principaes classes contribuintes, na direcção dos negocios públicos, vae tão grande espaço como do completo alheimento em que hoje vivem, de facto, os seus principaes collaboradores de tudo quanto directa, inteira e — porque não dizel-o — quasi exclusivamente, ríes interessa.

Já nos chega aos ouvidos o argumento máximo, cem vezes repetido pelos politicos militantes, de que as camaras são sempre constituídas por individuos saídos de todas eu quasi todas as classes chamadas conservadoras, e que conhecem de sobra as suas necessidades. De facto: basta um olhar na lista das profissões dos deputados e senadores federaes ou estaduaes para se ver — talvez com espanto — que os interesses do commercio, da industria, da lavoura, das classes capitalistas e profissionaes devem estar rigorosamente defendidos e amparados nos mínimos detalhes. Cada um pertence, declaradamente, a algumas das classes enumeradas; mas, na verdade, quando já se não alheiou de seu exercicio habitual, tornando-se um quasi estranho ás suas reaes necessidades, para se entregar exclusiva ou, pelo menos, preferencialmente aos interesses da politica, tem sua acção por tal fôrma cerceada por ella que inútil seria qualquer tentativa contra as suas já celebres 'injunções'. . . A qualidade de commerciante, agricultor ou profissionnal entra na sua escolha — quando sim — como a ultima consideração, sobrelevada de muito pelas razões de amizade ou parentesco, ás vezes uma aparente

Não devemos, contudo, exagerar o que ha de elevado, neste processo, que paira acima das modalidades cpmms da arte. Homens ha de pensamento igualmente forte, e de experiencia feita, que penetraram llo mais intimo do homem e da vida, e que são dogmáticos, como, por exemplo, Emerson e Carlyle, para só falar em anglo-saxões.

O temperamento deve entrar por muito na maneira de ser dos humoristas; e é possível que o *spleen* contribua um pouco, ?ntre os ingleses, para as conhecidas preferencias que os pensadores desse povo mostram pelo' *humoir*.

Os latinos são de gênio nrais variavel, e. não se lhes pode exigir que fiquem «empre nessa penumbra do espirito, que traz consigo o humor.

Tão capazes no genero como os anglo-«axões, cultivam-no com intermitencias, e sem caracter permanente, o que torna mais raros, entre nós, os humoristas pu-ros.

Quanto aos allemães, tomam demasiadamente a serio as menores coisas, para se tornarem modelos no genero. Desejaria ampliar estas idéas, para concluir pela these do *spleen*, irmão do *humour*, mas outra vez será.

Por nrais engenhosa' que ache a theoria de Sud Mennucci, que attribue á lingua inglesa uma adaptação especial ao humor, proveniente da sua pobreza, em relação ao estilo, não posso abraçá-la; nem ms convenceram as formas frustes do humor, na linguagem dialectal do povo, linguagem igualmente pobre de atavios e de sonoridades, comparavel, por isso, á inglesa. O humor é a idéa, numa potencialidade maxima; ora, a idéa preexistente á forma, e cria o seu verbo adequado.

O espirito inglês é concentrado e seco; e criou a sua expressão equivalente, no commercio, como na arte. A lingua é, por conseguinte, um producto do seu proprio espirito, e não este da lingua.

Salvo melhor juizo, é claro.

Todas* estas idéas me despertou a leitura do excellente livro do Sr. Sud Alenucci, um livro de pensamento e um livro de critica, llo sentido mais nobre da palavra. Elie é um dos representativos da nova geração; e, por sua cultura e "levado senso esthetico, honra, de modo não vulgar, as letras brasileiras.

J. M. Gomes Ribeiro

('O Paiz", Rio).

A PARTICIPAÇÃO NOS LUCROS DO COMMERCIO E DA INDUSTRIA

S. Paulo — Se apparecesse em nossa terra amanhã qualquer estudioso de civica social, uma das leis que elle descobriria, em nossa mentalidade contemporânea seria esta: nada se estuda; nada se experimenta; e tudo se improvisa no Brasil.

Vivemos sempre a puxar violentamente, ora para a esquerda, qra para a direita, sem nunca achar o justo termo entre as tendencias oppostas. Ou é o dr. Washington Luis, a proclamar que não existe questão social no Brasil; ou são os membros da Comissão de Legislação Social da Camara a agital-a imprudentemente, suscitando problemas para cuja solução nós não amadurecemos ainda.

O projecto do joven parlamentar, filho do proximo Oriente, que é o illustre levantino dr. Agamenon, põe no tablado.

além do dia de 8 horas, a participação dos empregados do commercio nos lucros do negocio.

Outro projecto que está no Senado procura regular idêntica participação nos serviços das sociedades anonymas, explorando de um modo geral o commercio e as industrias.

O que é curioso para notar, no modo por que estão sendo lançadas essas iniciativas, é o ar de novidade de que as procuram cercar os seus peregrinos autores.

Os membros da Comissão de Legislação Social tentam introduzir, como se fossem os Colcmibos das reivindicações trabalhistas no Brasil, velhas e conhecidas experiencias, que já ^oram applicadas sem maiores resultados nos paizes euro-



peus. A França, por exemplo, pôde dizer-se que conheceu a política solidarista da participação dos benefícios desde 1812, quando Napoleão reformou a Comedia Franceza.

Em 1869, Charles Robet annunciou o desfecho das grêves em vista do apparecimento da associação operaria nos lucros da industria.

Waldeck Rousseau suggeriu em 1883 uma comissão extra-parlamentar, a qual trabalhou quatro annos afim de estudar o principio da participação.

Desde 1859 vários estabelecimentos na Europa introduziram-na em suas organizações; e seja na França, seja na Inglaterra, seja na Allemanha, esbarrou-se sempre deante deste obstáculo: que a participação obrigatoria faz com que uns salarizados se aproveitem dos esforços dos outros, estabelecendo-se assim, no proprio seio das mossas trabalhadoras, germens de injustiça, visto que, em lugar de igualdade de esforços, o que temos é a igualdade da partilha dos lucros pelos que trabalham mais e pelos que trabalham menos.

Por outro lado, cumpre reconhecer que o principio da autoridade é a base de toda e qualquer organização industrial, seja privada, seja de serviço publico. Não nos illudamos: da participação obrigatoria dos lucros decorre inevitável a participação obrigatoria na administração. A primeira implica a segunda, porquanto o operário quer fiscalizar a formação dos lucros dos quaes tem elle uma percentagem.

A que anarchia não seríamos levados nos estabelecimentos industriaes e commerciaes, com esta intervenção do "contrôle" trabalhista, que a Europa e a America recusaram, na economia delles?

Pelo menos, emquanto o nivel da mentalidade do nosso operário fôr o que actualmente é, muito mais util para as classes trabalhistas será proporcionar-lhes uma participação indirecta nos beneficios da industria, dando-lhes vantagens equivalentes ao dinheiro. Assim, os beneficios attribuidos aos trabalhadores em "creches", jardins de infancia, institutos profissionaes, hospitaes, em pensões de invalidez e de velhice, em tratamento por accidentes do trabalho — não representam uma participação do operário nos lucros do capital? De onde são tirados os recursos para manter essas obras de previdencia

social? Do salario da trabalhador? Absolutamente não. As despesas geraes com a manutenção da industria não pagam sozinhas esta verba, que é pedida também ao juro do capital.

Ahi está uma fôrma de participação do trabalho nos beneficios auferidos pelo capital.

Ainda hoje pela manhã eu visitava na Moóca a obra a que a sra. Jorge Street ligou, de uma fôrma immorredoura, o seu divino nome. Emquanto o padre Uchôa e as religiosas me mostravam a "creche", com as criancinhas sorridentes e rosadas, os berços brancos, o jardim da infancia, as escolas, a capella, as lagrimas me reventavam dos olhos.

Difficilmente um homem de sensibilidade pôde visitar aquella instituição, sem que unia lagrima importuna, de quando em quando, não lhe venha perturbar a limpidez da vista.

Palacios, o rubro socialista argentino, chorava como uma criança quando, visitando-a em 1908, viu um grupo de criancinhas enxergando de repente a senhora Street agarrar-se-lhe ás saias, fazendo-lhe festas, beijando-lhe as mãos e dando-lhe o celeste nome de mamãe...

Agora, pergunto eu: a Companhia Nacional de Tecidos de Juta não está dando aos seus trabalhadores uma participação nos beneficios delia muito mais util e interessante, com esta e outras obras de assistência social, do que distribuindo annualmente algumas centenas de contos de réis, que em quasi nâda lhes poderiam aproveitar?

E' preciso notar-se que a Companhia de Juta passou vários annos sem pagar dividendo aos seus accionistas; e todavia, máo grado essa situação, os seus directores mantiveram de pé a participação operaria e todas as obras de assistência collectiva.

Pois, não é verdade que a grande massa de trabalhadores recebe em inicitavas desta ordem um beneficio bem maior, bem mais remunerado, do que quotas de dividendo em dinheiro, as quaes moral nem materialmente valem para sua prole o que vale uma "creche", um jardim de infancia, um instituto profissionnal; ou para a sua saúde, um hospital, uni serviço medico; ou uma pensão para a hypothese de invalidez ou a certeza da velhice?

Assis Chateaubriand

("O Jornal" — Rio)

A CULPA DO CATHOLICISMO

Resposta ao sr. Mario Pinto Serva

Ha escriptores que revelam profunda ignorancia nos assumptos versados, esquecendo elles que, comquanto se esteja num paiz de illetrados, os poucos que leem, têm alguma noção de verdade, de lógica e de bom senso. Tivemos esta reflexão depois da leitura de um artigo, sahido da penna do sr. Mario Pinto Serva, sobre a epigraphe supra, atacando o catholicismo como factor máximo do nosso atraso, do nosso analphabetismo e da nossa ruina. "No Brasil, diz o sr. Serva, como em todos paizes da mesma religião, o catholicismo com relação a educação tratou apenas da educação secundaria de filhos de familias abastadas e da catechese dos indigenas, com intuito tão somente de trazer estes para o grêmio da Religião. Foi só isto que fez o catholicismo no Brasil". Para o ineffavel sr. Pinto Serva, de nada vale a catechisação de indios (ouça o General Rondon), de nada vale a memoria de Anchieta, grande nome — synthese de uma época — no dizer insuspeito do insuspeitosissimo Euclides da Cunha. E' falso que o catholicismo tenha tratado somente "da educação de filhos de familias abastadas" e a prova tel-a-á o sr. Serva, no dia em que se dispuser a fazer uma visita ás escolas parochiaes, recentemente fundadas, ou rumar em direcção ao Rio Branco onde a missão salesiana trabalha heroicamente. Quanto ao ensino, é de facto secundário, porque não tem collegios aparelhados para formar engenheiros, como um celebre de São Paulo, embora sabendo elles que Antonio Torres já declarou não passar nunca por uma das pontes construidas pelas tak *sumidades electricas*. . . Continuando diz o articulista: "Como é que os oradores catholicos e os bispos e padres ousam affirmar que o clero brasileiro prestou serviços colossaes a educação do povo brasileiro?" Lembre-se o sr. Pinto Serva, do primeiro período do seu artigo affirmando que a religião influe decisivamente em todas as manifestações da vida intellectual e pratica de um povo! Ora, quando nada tivesse feito o clero brasileiro com re-

lação a educação do povo, bastava a circumstancia de ter propagado, em nosso meio, uma religião que é a synthese da verdade e que affronta impavida o sarcasmo dos Ímpios e a indifferença dos desgraçados! E o trabalho patriotico do clero em pról da nossa independencia? Dirá com certeza, o sr. Serva, que apenas isto fez o catholicismo no Brasil.

Proseguindo, o sr. Pinto Serva depois de acusar a Egreja por não ter em cada parochia uma escola (sabem os Vigários quanto custa organizar-se uma escola moderna, em freguezias paupérrimas); elogia os catholicos da America do Norte, por terem escolas *ttor-maes*, technicas, nocturnas, industriaes, e commerciaes, para mais adeante reconhecer que, "*nunca houve no mundo escolas normaes catholicas*". A contradicção é evidente. E continuando no seu longo aranzel, tocou uma tecla muito empregada nos meios protestantes. Referim-nos a este trecho: "*Ora, quaes são as grandes nações do mundo moderno? São os Estados Unidos, a Inglaterra, a Alemanha, todas tílias protestantes. E porque são as grandes nações? Porque tem o povo mais preparado, adeantado e culto*". Não só. Não se pôde negar que o grande impulso da civilisação foi dado pelas raças allemã e anglosaxonicas, mas, devido ao protestantismo? Enrico Ferri diz: "A causa fundamental desta lei do deslocamento da civilisação consiste, creio, eu, na influencia do clima e do solo sobre a energia humana. A economia de cada povo é constantemente submettida a essa dupla influencia que determina, por conseguinte, todas as manifestações da vida collectiva, moral, jurídica e politica". Eis o segredo da chave enigmatica do protestantismo, o qual, aliás, não foi revelado por nenhum catholico.

A historia é a única que não se deixa levar pelas labias do protestantismo. Ella nos attesta que, nos séculos XIV e XV, o povo allemão desenvolveu um trabalho hercúleo como em nenhuma outra época.

Lamentamos que o estudioso sr. Pinto Serva, que ataca o catholicismo como factor, máximo do analfabetismo, não conheça a obra recente do Jesuita Leonel França, intitulada "A Egreja, a Reforma e a Civilização". Servimo-nos delia, como moderníssima que é, para mostrar a incoherencia do sr. Serva, versando um assumpto, que o jesuita citado, escalpelou com erudição e sinceridade. No seu livro monumental, lemos o conceito do protestante Droysen com relação á Reforma na Alemanha, assim concebido: 'Nunca houve revolução que causasse mais profunda e miserável ruína. Como uma batalha, tudo foi desorganizado e posto em questão, primeiro no campo do pensamento, depois pelas consequências rapidamente deduzidas, em todos os Estados, em todas as disciplinas, e em todas as ordens'.

A grande prova da influencia do clima, solo, etc., temos na observação feita pelo mesmo jesuita, na pag. 353, do livro citado, escrevendo: "A Prússia Oriental — de Berlim a Koenigsberg — é, salvo raras excepções, uma região pobre. A industria não medra nas suas cidades. O solo, de formação quaternaria revestida de camadas de areia, de argila e marga, é imprestável para a agricultura que a uniformidade do clima torna ainda mais difficil. De onde em onde, encontram-se ainda extensões que se assemelham a verdadeiros desertos.

Outro é o espectáculo que nos apresentam as províncias rhenanas. Alegres vinhedos, louros trigaes tapizam as margens ubertosas do grande rio, que offerece em todo o seu percurso uma vida natural e fácil do communição. As riquíssimas bacias do Sarre, do Rhur, do Eschweiber — cubiçado pomo dos vencedores da grande guerra—são reservatórios inexauríveis de hulha. A só bacia do Rhur, pouco antes da conflagração europeá, dava annualmente para cima de 52 milhões de toneladas do precioso combustivel, alimento da industria moderna. Dahi as grandes fabricas de tecidos, as immensas fundições de ferro, as poderosas forjas que se elevam de Elberfeld a Colombia.

Ora, a Prússia Rhenana, com esta brilhante prosperidade, é urna das regiões tirais catholicas do mundo, enquanto a

Prússia Oriental, com a indigência que vemos, é a região mais protestante da Allemanha. Merecimento do catholicismo? Culpa do protestantismo? Evidentemente não. As causas naturaes explicam perfeitamente o caso".

Os Estados Unidos são uma poderosa nação, não pela razão de ser protestante. Existem nos Estados Unidos cerca de 23 milhões de catholicos e estes christãos, não impulsionarão o progresso de sua terra? E os milhões que se declaram sem religião alguma?: "A realidade, diz Oliveira Lima, é que actualmente prosperam nos Estados Unidos dezenas de religiões e mais que todas floresce a catholica". Adeante: "E' cila hoje a mais numerosa de todas".

E as perseguições contra os catholicos? Oliveira Lima relata o caso do sr. Mac Kenna, obrigado a emigrar por ser catholico. Quando se tratou da "sua segunda nomeação no Senado, a *American Protective Association* empregou grandes esforços para annullar-a pelo único e declarado motivo, de ser catholico o nomeado, e como tal réu de prestar fidelidade a um soberano estrangeiro, o Papa".

Continuemos esmiuçando o artigo do sr. Pinto Serva e dando-lhe o necessário abatimento com a historia e com os factos ua mão.

"Para os catholicos, diz elle, não convém que o povo se instrua muito porque se torna livre pensador".

O padre Leonel França refere-se á bibliotheca dos príncipes Barberini, adquirida pela Santa Sé, possuindo 50 mil volumes e uma preciosa collecção de 12 mil manuscritos. 'Leão XIII franqueou aos doutos de todo o mundo os salões da magnifica bibliotheca vaticana que, uma das melhores do mundo, conta actualmente cerca de 60.000 códices e 8.000 incunabulos.

Quem viu no Palacio dos Papas esta pleiade de sábios (mais de 250 que afluem actualmente para estudos prolongados) a enriquecer a sciencia com a investigação dos thezouros da antiguidade, por mais sectário não lhe sobra animo de accusar a Egreja Catholica de hostil ao progresso scientifico". (A Egreja, a Reforma e a civilização, pg. 393).

Mas o autor de "A culpa do catholicismo", descobriu que "catholicismo c



synonymo de analfabetismo" e protestantismo é "synonymo de cultura intensa". "Não se aponta um só paiz protestante em que haj'a analfabetismo — accrescenta. Mr. Lester, citado por Alfredo Young, refere-se ao testemunho de Sydney Smith, tratando das misérias da Inglaterra, em que diz:

"Não ha duvida que o povo baixo de Inglaterra soffre maiores misérias e maiores penalidades que o de nenhuma outra nação. Ha milhares e milhares de seres humanos sem lar sem pão, sem um amigo, nem um consolo, nem esperanças no mundo; e ha milhões *sem instrução*, mal sustentados, arrastados ao crime e a toda classe de vícios, que são o séquito inseparavel dh *ignorancia* e do abandono".

Aliás, Luthero, o pae do protestantismo, considerava as universidades — *"espeluncas de assassinos verdadeiras cidades do diabo na terra"*. Não existe analfabetismo nos paizes protestantes... No entanto, houve quem observasse que os alumnos de certa provincia allemã, "depois de frequentarem por vários annos a única escola da cidade, não conheciam ainda as declinações e conjugações e nem ler bem sabiam".

No tocante á Inglaterra, o historiador W. Cobbett assignada o periodo de 1600 a 1787, fazendo um confronto entre cultos desta nação e os de França e de Italia. Nesta estatística, figuram juristas, mathematicos, médicos e cirurgiões, naturalistas e historiadores, dramaturgos e grammaticos, poetas e pintores. A Inglaterra, a culta Inglaterra tendo a seu lado a Escossia e a Irlanda, apresentou um total de 132 homens, ao passo que, a França deu 676 e a Italia 164. Kay em uma de suas obras fez grandes revelações sobre a mentalidade da Inglaterra e de Calles. Refere-se a 17 milhões de habitantes, dos quaes 8 milhões analfabetos, dizendo mais que 50 % dos meninos não pisam nas escolas. O presbyteriano escossês Mr. Laing, escreveu: "Em

os Estados catholicos da Allemanha, ein França, Italia e ainda na Hespanha, oH conhecimentos de leitura, escripta, arithmetica, musica, religião e moral, são tão estendidos entre o povo baixo como em nosa/a Escossia, e é tão fomentada a cultura e illustração pelo clero papista como pelo nosso". Observa ainda que Roma tem 372 escolas de primeiras letras, com 482 mestres e 14.099 alumnos, quando Berlim tem apenas 264.

Vejamos agora o quadro abaixo de instrução em Roma, quadro official de 1869:

Instrução superior scientifica: — Na Universidade Romana, 1.800 alumnos; Lyceu do S. Pontificio 783; Collegio Romano, 1225; Collegio propaganda, 264; Ginásio Philosophia, 91; Collegio de S. Thomaz, 91; Collegio de S. Boaventura, 12; Instituto de Iconographia, 60. O total é de 3.829.

Instrução elemental: — Em 44 escolas primarias e gratuitas para meninos ha 6.341 alumnos; em escolas municipaes existentes em cada parochia, 1.567; em 61 escolas primarias e gratuitas para meninas, 6.490; em outras, pensionadas, 553; em municipaes para meninas, 2.117. O total é de 17.122.

Resumo geral; em uma cidade de 220.532 almas havia 23.901 estudantes, dos quaes 19.614 recebiam instrução gráti, e os 4.291 restantes pensionada. Isto sem fallar nos outros estabelecimentos de ensino, fundados exclusivamente para estrangeiros. E a Italia é analfabeta, na opinião do sr. Serva.

Com o advento da Reforma, a decadência do ensino fez-se sentir na Suissa, Dinamarca, Suécia, Erfurt, Leipzig, Rostock, Witemberg, e muitos outros lugares.

Passemos a demonstrar ao sr. Serva que "catholicismo não é synonymo de analfabetismo", provando-lhe que nos Estados Unidos o numero de estudantes catholicos, é superior ao dos protestantes.

Eis o quadro demonstrativo, segundo o recenseamento feito em 1890:





Wiese
1872

NO LITORAL SANTISTA, de K. WIESE



ESCOLAS PRIMARIAS E PAROCHIAES-ABERTAS POR INDIVÍDUOS DE DIVERSOS CULTOS

	Mestres	Alti mnos	Branços	Negros
Catholicos	5.907	75.470	75.074	396
Methodistas episcopaes	3.026	58.546	49.103	9.443
Presbyterianos	1.763	37.965	26.358	11.607
Baptistas	1.685	29.869	24.848	5.021
Congregacionistas	1.219	27.453	15.171	12.282
Protestantes episcopaes	1.339	13.265	12.584	681
Lutheranos	532	8.688	8.687	1
Outras denominações	1.963	84.866	32.990	1.896
SOMMA TOTALj	17.414	286.142	244.815	41.327

ESCOLAS PAROCHIAES

	Mestres	Aluwnos	lbrancos	Negros
Culto Catholico.	12.303	626.496	620.174	6.322
Evangélicos lutheranos	2.991	142.963	142.302	661
Evangélicos germanos	386	15.689	15.638	1
Protestantes episcopaes	275	8.385	4.635	3.750
Baptistas	.0	0	0	0
Methodistas	.0	0	0	0
Presbyterianos	.0	0	0	0
Congregacionistas	.0	0	0	0
Outras denominações.	.195	6.119	5.860	259
SOMMA	16.150	799.602	7887609"	10.99:T

Resumo geral das escolas em que se ensina alguma religião:

Catholicos — 18.210 mestres e 701.996 alumnos; diversas seitas protestantes 15.354 mestres e 383.778 alumnos.

Young autor do bello livro que muito nos tem auxiliado nessas pesquisas, refere-se á Exposição Colombiana de Chicago, em 1893, na qual as escolas catholicas que se fizeram representar, obtiveram 700 prêmios e receberam elogios de toda a imprensa sem distincção de crenças religiosas. Emquanto o Velho Mundo conhece todos estes factos, o sr. Pinto Serva lança aos prelos um artigo que representa um insulto aos povos catholicos. O protestantismo com toda a sua cultura intensa fundou na Europa 31 Universidades e o catholicismo 1171 Por fim, diz o articulista que não temamos ne-

nhuma outra religião, porque o "Brasil é catholico e continuará a ser catholico".

Disto sabemos, porque a alma verdadeiramente catholica prefere o suplicio a mudar de crenças, e nesta attitudo manteve-se a nrrartirizada Irlanda, victima do prepotismo, do liberalismo e da intensa cultura do protestantismo. Contra ella armaram-se os "Códigos Penaes", em que, no tocante aos direitos civis, nenhum catholico podia sentar-se no Parlamento, nem ser votado, nem jurado e nem pertencer ao Exercito, Armada, Magistratura ou a qualquer corporação municipal.

Cremos ter demonstrado cabalmente sem sophismas e sem palavras ôcas, que o sr. Serva não foi sincero ou que tratou de uma questão que pouco conhece.

Osorio Lopes

('O Brasil'* — Rio).

O meu amigo esteve um desse» dias a pensar na vida que poderia ter vivido e estar vivendo em vez de sua vida actual <le desejos recalcados; sem flamma; sem

ambiente proprio á liberdade creadora; sem estimulo; sem sympathia.

O meu amigo é desses que se sentem caricaturas de si mesmos. Dessas que são

na vida umas como cartas com o endereço errado; e que vão ter destinos onde seu conteúdo é absurdo e faz rir.

lia homens que são apenas cartas insufficientes no endereço e no conteúdo. Custam a chegar ao destino porém chegam. Custam a ser compreendidos pelo destinatário porém o são afinal. Rimbaud foi assim; Mallarmé foi assim; Nietzsche, Poe, Swinburne, Hearn foram assim.

Mas outras cartas, completas às vezes no conteúdo, não chegam nunca ao destinatário: chegam a destino muito diverso, onde seu conteúdo parece charada ou quebra-cabeça de almanack.

E' uma tristeza, a das cartas extraviadas ou errantes. Eu as vi uma vez, em grande numero, espetadas ao "placard" tristonhamente negro duma agênia de correios. E toda uma tarde passei acinzentado pela melancholia daquellas cartas perdidas, desviadas do seu destino, condemnadas á reclusão. /

E também diante dos homens que são como as cartas de endereço errado eu sinto a mesma dor me acinzentar; e quando penso na muita "libido" recalçada dentro desses enveloppes de carne, confesso que não compreendo as leis que regulam no mundo a economia dos valores espirituais. Mas devem ser leis sabias, porque são de Deus; e Deus é sábio.

Affirma, aliás, a psychanalise que não ha "libido" que se perca dentro de si: a "libido" ou se exalta ou se degrada.

Por isto o sr. Tristão de Athayde, pon-do demasiada fé na psychanalise, quiz por ella explicar a vida de Affonso Arinos: o ter sido "uma existencia relativamente falhada naquillo que mais ambicionava", a existencia de Arinos.

E' que em Arinos, no fino juizo do seu interprete, a "libido" recalçada era dupla: e alternava a repressão. Ora, a recalçada era a ancia " por uma vida mais ampla, mais farta, mais aventurosa, em meios de avançada civilização"; e ora era a ancia pela "pequena patria."

De modo que Arinos não foi na vida carta definitivamente extraviada ou espetada num "placard" de correio com um

endereço que já não existisse: o nome de pessoa morta ou o de cidade desaparecida. Arinos não foi isso: foi carta com o nome do remettente no reverso do envelope. Foi uma carta sempre a ir e a vir; sempre a voltar ao remettente para que este aviasse um endereço pallidamente escripto a lápis. E o remettente era aquella "pequena patria" que o prendia sem o satisfazer de todo.

Lafcadio Hearn, este, sim, foi até o meio da vida carta sem endereço nenhum. Carta num envelope em branco e sem traço sequer de remettente, mesmo sem um sello que fosse u'a nota vaga do ponto de partida. Nenhuma patria o prendia porque a tradição do seu sangue o levava, passadas poucas gerações, a um wagon de ciganos; e degradava-o na indisciplina horrivel dum cahos. Dahi aquella sua volúpia dolorosa de alma a que faltava paizagem — até que a encontrou no Japão. Depois de uma vida toda arrhythmica, achou Lafcadio no Japão o rhythmo para o seu tumulto interior.

Também Augusto dos Anjos foi entre nós carta com o endereço errado: desgarrada num meio que não podia ser o seu destino. Por isto esse meio a rasgou: porque não a comprehendia.

Carta perdida, esse Augusto, que talvez um simples nome de cidade tivesse feito chegar ao destino: Roma. Só podia ser para Roma aquella "S. O. S.", aquelle pedido de soccorro pungente como o dos naufragos, que foram os versos todos de Augusto.

Mas não será carta ou telegramma com o endereço errado toda a alta e pura vocação que surge num Brasil como o de hoje — sem nenhum ambiente clarificado de interesses inferiores ou da concepção juridico-pratica da vida? Não haverá em toda a vocação assim, que surge entre nós, logo ao surgir, logo á manhã da vida, uma como esterilizadora intuição de destino desviado e de desejo falhado?

Cuido, ó leitor, que este mesmer artigo, é um bilhete com o endereço errado...

Gilberto Freyre

("Diário de Pernambuco", Recife).

OLIVEIRA VIANNA

Ao receber o sr. Oliveira Vianna no Instituto Historico e Geographico Brasileiro, o sr. Ramiz Galvão pronunciou o seguinte discurso:

— "Illustre collega, sr. dr. Oliveira Vianna:

Quando o nosso Instituto preparava a organização do seu *Diccionario Historico* para solemnizar o centenário da Independencia, fomos appellar para vosso talento e vos pedimos uma contribuição para o capitulo da Ethnographia. Já conheciamos o valor de vossos trabalhos, o pendor de vosso espirito para este género de lucubrações.

O digno patriota não se fez esperar e escreveu uma memoria substancial e erudita, que deu logo a medida de seu alto merecimento. Ella tem por titulo "O typo ethnico brasileiro".

A esse trabalho succederam outros publicados em 1922, 1923 e 1924: "*Populações Meridionaer*", "*O Idealismo na evolução politica*", "*Evolução do povo brasileiro*", "*Problemas de Anthropologia social*".

Tendes ainda em preparo o importante capitulo VII das *Contribuições*, que também vos solicitámos para o "Estudo biographico sobre D. Pedro II", — a grata homenagem que o Instituto vai prestar em 1925 ao centenário natalício do segundo e immortal imperador.

Tudo que haveis feito com grande applauso estava pois reclamando a vossa admissão ao nosso grémio como precioso elemento para a faina, a que nos dedicamos com amor e entusiasmo. Hoje temos a fortuna de vos dar o abraço fraternal, e, o que é mais, depois de ouvirmos a brilhante oração inaugural, em que acabaes de justificar amplamente a votação unanime que vos acolheu.

Pela minha parte sinto-me altamente penhorado ante as palavras benevolas com que alludistes a algumas phrases proferidas neste mesmo recinto pelo orador do Instituto; mas a gratidão da nossa Companhia ainda é maior pelos conceitos com que a honrastes, encarecendo o modo por que entendemos servir á Patria e defi-

nindo o nosso papel de "centro cultural por excellencia, o nosso maior centro cultural por certo; instituição a mais venerável e mais austera, a mais comprehensiva e menos especializada, pois o estudo da Historia abrange hoje todas as especialidades, pede a collaboração de todas as sciencias: as sciencias da Natureza, a* sciencias do homem, as soiencias da sociedade".

Pois bem, illustrado collega, é por isso mesmo, que se reclama a vossa presença neste Areopago, talento de escol capaz de auxiliar a obra de benemerência, que faz a preocupação desta casa quasi secular, onde, como acertadamente acabastes de dizer, não nos podemos satisfazer com a simples documentação dos archivos, porque estes não apanham todos os aspectos dos acontecimentos do passado, que, devemos e queremos reconstruir.

Este pensamento desenvolvestes com raro brilho na oração-progranima, que acabamos de ouvir com applauso e intima satisfação.

Nessa mesma oração aproveitastes o ensejo para prestar justíssima e eloquente homenagem a um distinctissimo Brasileiro, que foi dos nossos, — o preclaro Aurelino Leal. Estou convosco em toda a linha, e posso assegurar que todos os soldados desta sancta cruzada acceitam *toto corde* o vosso veredictuin.

Viestes, sr. dr. Oliveira Vianna, ocupar a cadeira que elle honrou por alguns annos, e que até agora esteve coberta de lucto.

Não temos dúvida sobre o brilho que restituireis a essa cadeira, digna por todos os titulos de ser occupada por um patricio rico de talento, rico de illustração, opulento de patriotismo.

A velha Companhia carece sempre deste sangue novo, fortemente oxygenado, para continuar as suas tradições. Vós o tendes nas artérias. Sêde benvindo! (*Calorosos applausos*).

O sr. Conde de Affonso Celso diz que é sob a deliciosa impressão dos dous primorosos trabalhos que acabam de encantar o Instituto e tão á altura das gloriosas tradições deste, que levanta a sessão.



DEBATES E PESQUIZAS

NA BAHIA, EM 1717

Notou La Barbinais, viajante francês do século XVIII, quanto perturbava a presença dos escravos a vida dos colonos portugueses da Bahia, em 1717, e lhes viciava a existência. "Ladrões, traidores e capazes dos maiores crimes, embora castigados rigorosamente, raro era o dia em que não provocassem desordens". A subserviência habitual em sua triste condição levavam-nos a se fazerem o instrumento dos attentados imaginados pelos seus senhores, que delles faziam os seus *bravi*, armando-os de espada e adaga.

"Entre elles ha alguns em quem a brutalidade supprime a coragem, pondo-se arduosamente a combater pelos patrões, mesmo quando libertos, em paga de serviços, ou graças ao dinheiro ganho para comprarem a liberdade. Todos estes escravos são perigosos, afiança o viajante, dando a entender que era a Bahia um campo de contínuos assassinatos.

Os portugueses e brasileiros delles se servem para vingarem as injurias recebidas e fazer assassinar os inimigos. Estes desgraçados são fidelísimos em executar as promessas; promptamente, e sem escrúpulo de especie alguma, commettem todos os crimes delles exigidos. Detestável politica esta da concessão de armas aos escravos! Como é que não as utilizavam contra os cruéis amos, sobre quem tinham immensa maioria e acostumados a ver em torno de si a mais absoluta impunidade, como succedia?

"Que vem a ser o Brasil, com effeito, indaga o navegante francez? Um covil de ladrões e assassinos, onde não ha nenhuma subordinação nem obediencia. O artifice, com a adaga e a espada, insulta o homem de posição e trata-o de igual para igual porque ali são todos eguaes na cor do rosto. Faz o actual vice-rei vãos esforços para remediar a taes desordens, mas o uso inveterado prevaleceu sobre as suas boas intenções. Os escravos mineradores são obrigados a fornecer aos imos certa quantidade de ouro. Se o que tiram num dia passa o ajustado, guardam-no para supprir as deficiências. O senhor só dá ao escravo sete libras de farinha de mandioca por semana e o escravo arranja o resto de que necessita quasi sempre pelo latrocínio.

Tratando dos luso brasileiros diz La Barbinais que se dividiam em tres categorias: senhores de engenho de assucar, negociantes portugueses e marítimos. Os primeiros, proprietários de escravos, compravam tantos quantos precisassem, ou para o cultivo da terra ou para o trabalho das minas. Em cada frota enviavam o seu assucar e fumo para no anno seguinte receberem o equivalente em generos europeus. Os negociantes ou commissarios portugueses, estes compravam os generos da terra áquelles que* não os podiam enviar ao Reino por conta própria. Emfim, viviam os marítimos dos lucros, do trafico africano.

Mas havia muitíssima gente da justiça e militares que faziam toda a sorte de traficâncias ou como commissarios de mercadorias ou senhores de engenho. A agricultura é que decaia, sempre e sempre, com a preocupação das minas. Não tardaria tal situação a provocar talvez a fome no Brasil, tal a falta de generos e sua carestia.

Dizer o que eram os bahianos e, em geral, todos os lusos brasileiros, não constituía fácil empreza, pretende o nosso reparador. "Nada mais enganador que a sua physionomia. Cortezes e affaveis apparentemente, não ficavam atraz dos chins em hypocrisia nem na habilidade em esconder o odio que votavam aos francezes".

K por que este odio à França, por que tanto odio aos francezes? Que pretexto invocavam para tanta animadversão?

Uma questão de capricho apenas. Somente a recordação das correrias ultimas nas costas do Brasil e a tomada do Rio de Janeiro, havia seis annos, por Duguay Trouin.

Sanclissima innocentia! Ainda queria o nosso reparador que os bons portuguezes fossem gratos, muito grato?, mas muitissimo gratos a esses mesmos francezes, que se haviam apossado de sua grande cidade do sul e ali praticado, o que haviam feito? Pois, então?

A Corte do vice-rei, prosegue o nosso homem, compõe-se de officiaes que parecem ser a gente mais polida do mundo, tendo como nornia principal imitar as maneiras da cortezia franceza.

"Apenas chegámos, mandaram-nos presentes de frutas, doces e vinhos; estas liberalidades pouco explicáveis causavam-nos desconfiança; não tardámos a descobrir que a consideração do interesse era a única inspiradora de uma generosidade que nelles não era natural. E realmente são parasitas esfaimados que consideram os estrangeiros como tolos que a sorte lhes entregou. Se o forasteiro demora muito em demonstrar o reconhecimento pelos serviços e presentes recebidos, mudam logo de feição, passando a ser seus inimigos. Ha em todo o caso entre este grande numero de patifes e velhacos vários officiaes nascidos em Portugal, que tanto como nós observam os vicios destes americanos e praticam com prazer os deveres das sociedades onde ha policia".

Continuando a sua furibunda diatribe sobre os costumes brasileiros, affirma La Barbinais que desenfreada corrupção reinava no Brasil, onde homens exhibiam rostos que jámais-coravam e onde as mulheres não menos depravadas viviam em publica dissolução.

As mais virtuosas, isto é, aquellas cuja devassidão era menos publica, faziam de suas casas serranhos de escravas.

E os brasileiros, estes preferiam ás mais bellas mulheres brancas as negras e mulatas.

D'onde provinha tal deturpação de sentimentos? inquire La Barbinais. indagando dos brasileiros, elles proprios não tinham sabido deslindar o caso. Para mim, creio que educados e criados pelas escravas por ellas adquiriam esta inclinação com o leite. Sem entrar em maiores pormenores sobre a devassidão desta colonia, direi que em tudo se assemelham os portuguezes do Brasil aos hespanhões do Perú— o mesmo espirito libidinoso e de irreligião, ignorancia, e presumpção, espalhado por toda a America.

"A' noite, ou não ouvia outra coisa senão os tristes accordes de guitarra. Envolto em longos roupões, rosário a tiracollo, espada desembainhada de sob a roupa, e viola ao collo, passeavam os portuguezes sob os balcões de suas namoradas e ali com uma voz ridiculamente terna cantavam melodias que me davam saudade da musica dos clrns ou das nossas gigas da baixa Bretanha".

Desacreditadas as nossas modinhas, ao ver da autoridade do sr. La Barbinais le Gentil!

Gente atrazada, estes portuguezes do Brasil, delicadeza alguma tinham na mesa; viviam quasi só de carnes salgadas e peixe secco. Os viveres, caríssimos na Bahia, faziam com que custasse quatro cruzados ali o que em França valeria meio escudo.

Gastarem os bahianos dinheiro em boa alimentação era coisa que não se via. Preferiam guardai-o para fazer figura em alguma festa, vicio geral a todo aquelle povo. Houvesse alguma festança em honra a algum santo lá se ia a renda de llll anno em comedias, sermões, paramentação de egrejas e touradas. E o resto do anno era arrebear de fome.

Assim no dizer do navegante o 'viva o luxo, padeça o buxo"! constituia a re-



gra do bom viver nas sociedades brasileiras setecentistas.

"Se não fossem os seus Santos e as suas amasias, seriam os, portugueses prodigiosamente ricos. Não pretendo, contudo, censurar o culto dos Santos e apenas tal maneira de o levar a effeito" — accrescenta para suavizar o tão rude conceito generalizador.

Era a Bahia em 1717, no dizer de La Barbinais, uma praça bastante forte. S. Antonio da Barra, os seus quatro reductos e um fortim por baixo delle, com dez canhões de grosso calibre, defendiam-lhe a entrada da barra. Acabara o brigadeiro Mace, o forte de S. Pedro e varias outras fortificações brevemente as terminaria. A fortaleza de Mar estava sendo concertada e ampliada, na época. O arsenal e seus dois reductos dominavam o porto. Entre a cidade e a ponta do Monte Serrat estava construida verdadeira praça forte rodeada de largo e profundo fosso e dispondo de quatro bastiões, esplanada, meia lua e contra escarpas. Na ponta de Monte Serrat um fortim dispunha de doze canhões. Dois outros havia ainda, um na fabrica de polvora, entre a cidade e a ponta de S. Antonio, e outro no paiol da polvora, por traz da cidade, dominando um grande lago ou fosso cavado pelos hollandezes e servindo de ante-mural á cidade. Assim estava o Salvador resguar-

dado de um lado pelo mar, de outro pelo lago. Bôa guarnição nella se alojava: dois regimentos de infantaria, tres de milicias, e um de negros forros. Diariamente se rendiam guardas no palacio Vice-Real e cada guarda era de cem homens. Além da infantaria ainda tinha o vice-rei a seu dispor alguma cavallaria para se oppôr ás incursões dos bandidos que nas colonias do Brasil faziam muitas depredações.

Piratas é que andavam por perto.

A 23 de dezembro de 1717, grande alarma na Bahia. Entrou no porto um navio portuguez, vindo do Rio de Janeiro, escapo á perseguição de um vaso flibusteiro, graças á cerração. Já varias embarcações portuguezas tinham caído ás garras dos piratas, cujo navio trazia 30 canhões e 300 tripulantes de diversas nações, commandadas por um hespanhól da Ilha de S. Domingos.

Ordenou o vice-rei a saída da grande fragata ancorada no porto; mas tanto custou completar-lhe o armamento e reunir a tripulação que o flibusteiro nada soffreu e lá se foi continuar suas piratarias pela costa brasileira. Os navios francezes alarmados com a noticia, tomaram as providencias que o caso pedia, decidindo partir para a Europa, em conserva.

Affonso de E. Taunay,

("O Jornal" — Rio!)

A POESIA EM DECLÍNIO

Informa um chronista parisiense que o Sr. Ernest Prévost acaba de soltar ura grito de alarma: "Vai desaparecer a poesia?" Pensa elle que, "sacrificada aos interesses práticos, numa sociedade baixamente materialista, a poesia, decididamente anachronica, tende a desaparecer".

Trata-se, evidentemente, da poesia franceza. Poder-se-hia soltar o mesmo grito no Brasil?

Penso que não. Todo brasileiro que se ensaia para o "literatismo" começa invariavelmente pela poesia. E' verdade que, passado algum tempo, pouquissimos persistem; ou não mais literatejam, ou trasladam-se para a prosa. O facto é, porém, que o paiz possui sempre, não só uma reserva, quasi dizia um *stock* in-

exaurível de poetas, como uma constante renovação de poetas.

Quantitativamente, não ha perigo, pois, de desaparecer a poesia no Brasil. Não faltam, através do territorio, poetas incipientes, ou recalcitrantes, ou inveterados, ou tenazes, que medem bem ou quebram versos e ficam intransigentemente poetas.

Qualitativamente, abstenho-me de julgar a poesia que temos feito e andamos a fazer. Vejo com a maior indulgência o movimento actual, que preconiza a aposentação do *rhythm* e a disponibilidade da rima.

Entre passadistas, presentistas e futuristas permaneço sem opinião, que, além de nulla, não encontraria apoio em cri-



terio razoável. Penso apenas que não encontramos ainda o nosso caminho...

Se a fôrma parnasiana, implacavelmente combatida pelo schisma das musas, não corresponde mais à vertigem turbilhonante dos nossos tempos, supponho que a fôrma tipicamente extravagante que se inculca como renovação de valores estheticos não se afirmou ainda suficientemente capaz de fixar impressiva e vigorosamente esses valores — ou, então, aos tempos de hoje é que se deve attribuir o característico insolito da nova poesia, indice de transição, como a época é indice de um periodo de transformação formidável no sentimento e no pensamento da humanidade.

Em França — diz-se — a poesia é "boycottada" nos jornaes, nas revistas, nos theatros e pelos editores. Entre nós, o mesmo succede. Os grandes quotidianos, salvo um ou outro em edições dominicaes, não toleram a poesia. Os poetas acolhem-se, é verdade, ás revistas literárias, mas esse acolhimento é proporcionado ao exiguissimo numero de publicações do genero, que possuímos — e o "boycottage" ahi se faz por omissão...

Nos theatros, não ha peças em versos, talvez porque, também, não haja theatro... Quanto aos editores, poeta que logra edição, ou paga do seu bolso, ou, então, pôde reputar-se acima da fama.

Em França, attribue-se ainda o declínio da poesia á conducta dos criticos, que desdenham delia. No Brasil, a poesia é criticada com extrema severidade, mais do que a prosa. Se admittissemos a reciprocidade, fôra o caso de esperar tivessem aqui os poetas melhor sorte.

O Sr. Ernest Prévost parece chegar á conclusão de que em França a poesia, num balanço de receitas com a prosa, fica em posição de penúria. Responde-lhe o chronista parisiense que nisso vai exagero, e cita Banville, para quem ser poeta lyrico e viver desse sonoro officio era problema difficil; mas isto, é claro, não quer dizer que aos poetas seja defeso, mesmo hoje, arredondar as suas receitas com a ajuda da lyra.

E' possível que a moderna poesia esteja, neste momento, em crise de numerário. Nada prova, porém, que a crise resulte de uma repulsa collectiva, de um enfatiamento do publico, disposto a preferir-a definitivamente.

Na maioria dos casos, a poesia não é uma profissão; a prosa pôde ser, e é, nos grandes paizes de cultura intensa, onde o "mentalismo" actuante não prescinde de todas as fôrmas de realização nos dominios da arte.

Naturalmente, a massa do publico leigente prefere a prosa, no conto, na novela, no romance, no theatro, e isto cria «m absorvente profissionalismo, quanto a essa fôrma de composição literaria; ao passo que a poesia, oriunda sempre, apesar do actual transformismo subversivo, de estados psychicos, exige opportunismo de meditação, não comporta continuidade de profissionalista; pôde ser feita no intervalo de occupações materialissimas, na burocracia, entre officios, no campo, entre colheitas.

Parece que ao chronista sobeja razão. Nada impede que o poeta, como Lèconte de Lyisle, seja empregado de bibliotheca. Um romancista de grande nome é que tem de ser romancista, e nada mais.

Além disso, não procede o conceito de boycottagem em detrimento da poesia. O volume dos *Choix de poésies*, de Verlaine, anda por 112.000 exemplares. Baudelaire é vendido "comme des petits pâtés". Victor Hugo, Lamartine, Musset ainda se vendem com abundancia, em successivas reedições. O mesmo em relação a Leconte de Lisle, Vigny, Banville, Coppée, Heredia, Sully Prudhomme.

Anda por 40.000 francos de direitos autoraes, por anno, a renda das obras de Albert Samain, enquanto que Moréas, a condessa de Noailles, Henri de Regnier e Raul Valéry continuam com immensa procura.

No theatro, o *Cyrano*, peça em versos, é sempre um acontecimento de bilheteria e, sem falar nos grandes clássicos, as platéas transbordam sempre que o velho Hugo lhes acena com as rimas de *Hernani* e *Ruy Blas*.

Conclue-se, portanto, que a poesia não anda em crise monetaria. Isto, em França. No Brasil, ao que sei, Castro Alves bate o *récord* dos poetas. Vende-se mais do que Bilac e deixa na eternidade das prateleiras muito prosador afamado, de hontem e de hoje.

Alves de Souza.

("O Paiz", Rio).



NOTAS DO EXTERIOR

WALTHER RATHENAU, REFORMADOR SOCIAL

Walter Rathenau, se não se limita á espera de que chegue á terra "o reino de Deus", também não se desfaz em imprecações de propheta amargurado. Vive no meio de realidades, riqueza, ambição de poder e gratas preemniencias. Com sympatico desinteresse, aspira a corrigir erros que se perpetuam, a propagar verdades novas, a estabelecer a justiça no mundo industrial. Tendo estado, como engenheiro ou director, longos annos em fabricas de vida intensa, manteve-se em estreita e quotidiana relação com operários combalidos. Conheceu a brutal concorrência do desperdício da produção, os males de um regimen social que confere privilégios exorbitantes ao capital.

Também elle é capitalista e crê nos beneficios do ouro aventureiro que conquista e fecunda terras remotas, multiplica energias e annexa continentes, vencendo fronteiras de odios. Novos desejos, novas oportunidades de inversão, territorios de onde surgem promessas de enriquecimento e de aventura agitam o homem activo e se apresentam á imaginação de povos conquistadores. Como impôr, em nosso século, a creaturas curiosas, capazes de frenetica actividade, a reclusão, o abandono de interesses preciosos, a confinada vida ascética? Constitue um bem certo crear riquezas, conserval-as.

O peccado contra a justiça, contra o espirito ex'tá no desperdício, no gasvo in-

fecundo. Como a quantidade de trabalho, de que as sociedades dispõem, tem limites que podem ser fixados scientíficamente, se faltarem homens ou instrumentos de trabalho para a obra humana de alimentar as nações, para defendel-as do frio, crescerá o pauperismo e se transformará em rubra ameaça, em terrível circulo de dor. Os Estados contemporâneos converteram-se em vasta» associações de productores. Urge proteger os bens economicos contra aquelles que, por ignorância ou cobiça, os destroem. Os ">odigos, que defendem a propriedade, castigarão o desperdício, o "jus abutendi".

Creio que ninguém, como este escriptor, condemnou, com maior rudeza, os injustos privilégios da plutocracia em face do Estado soberano. Grande riqueza equivale, em nosso século, a exercicio do poder, a um altaneiro feudalismo tão perigoso para o progresso da democracia como o antigo feudalismo, quando as monarchias se constituíram contra ligas de barões e senhores. As plutocracias influem na opinião por meio dos grandes jornaes. Dirigem as eleições, impõem á intelligencia um estado de servidão, preparam a guerra e estabelecem as bases da paz. No mercado do trabalho, ninguém pode disputar-lhes a supremacia. São obedecidas pela moeda em suas fluctuações, pela industria em suas crises. Olygarchia mais detestável do que outras — escreve

Rathenau — porque nenhum ideal a dirige, a não ser o de manter-se e enriquecer-se, porque se oppõe á liberdade e á dignidade dos homens e se contrapõe ao que o industrialista reformador aguçá — Os impulsos do espirito remoçado, o futuro "reino da alma".

O luxo, em que os plutocratas consomem a riqueza creada, contribue para esse condemnavel exgottamento de forças vivas, de trabalho indispensável para que chegue o bem-estar a novas classes. Foi útil nos primeiros annos da idade industrial, porque, graças a elle, ao estímulo de necessidades artificiaes, o ouro circulava em vez de ser avidamente guardado. Mas, á medida que novas zonas se entregam ao trabalho e que as industrias prosperam, os gastos, que legislação sumptuária corrigir, mantêm em irremediável pobreza as classes inferiores. Cada milheiro de garrafas de "champagne", que vae da França para a Allemanha — explica o iheroico illustre — consome sommas que poderiam ser consagradas á educação de um sábio ou de um technico. A dama elegante, que compra um collar de pérolas, impede que se "applique o capital, tiellas empregado, na exploração de uma propriedade; perpetua o estado de miséria e de tristeza de um grupo de familias. E taes damnos, no mundo que dispõe de forças limitadas, não enfraquecem remotas populações da Africa, e sim também a sociedade circumdante, o Estado que nos protege contra poderes rivaes, as massas obscuras em cuja prosperidade se estriba nossa propria força.

•Se Rathenau reconhece a excellencia da riqueza dentro de limites estreitos — porque se nutriu com a Bíblia e leu os prophetas — recorda-se, sem duvida, de que o senhor é força do pobre, força do débil, segundo Isaías, o rabino. Em face da desordem de vidas sumptuosas, faz elle interrogações decisivas. Quem é rico — exclama — e com que direito?

Em virtude de que privilegio, pode um homem accumular thesouros, indefinidamente, e pretender que possa ser sua a renda e de seus descendentes, de geração em geração, sem activa collaboração na obra social, dez ou cem vezes maior do que aquella que desfruta a parte media da humanidade? Em verdade lhes digo que o rico não entrará no reino dos ceus. Tampouco será seu o "reino da alma",

que o plutocrata reformador offerece ás nações que o seguirem, renovando-se, afirmando-se. «Ha um "que" de immoral — insiste elle — nos lucros illimitados". Se examinarmos como se formam as grandes fortunas, observaremos que os monopolios concedidos pelo Estado, o progresso das cidades e os trabalhos de utilidade commum contribuem, em alto grau, para fecundar os primeiros proveitos do industrialista, do banqueiro, do negociante, do proprietário de immoveis ou de terras. Entregamos a um individuo o que foi creado por agrupações inteiras, creamos uma casta de parasitas que se arrogam a exploração de idos.

Impõem-se transformações immediatas. Sem revolução, sem cataclysmo — quizera Rathenau, espirito generoso, nras também pensador lúcido — organizar-se-ia a nova ordem juridica. Propõe reformas interessanties: impostos dourados contra o luxo, contra todo excesso no consumo: restrições á herança. Alem de certo nivel de riqueza, todo excesso irá — não para os herdeiros e sim para o Estado, supremo proprietário. Sem a consciência de deveres precisos, sem a obrigação de servir, as grandes riquezas, transrtidas de paes a filhos, conferem perpetua supremacia a uma classe, impõem ao proprietário dependencia atravez das idades. Se a fortuna individual ultrapassar certos limites fixados por leis previsoras, o Estado converter-se-á em "co-associado" » «Os multimillionarios, exigirá parte de suas rendas, como representante dos direitos da collectividade. Assim já acontece em o regimen actual, no que se refere aos proventos obtidos pelas sociedades anonyms. O Poder converte-se em ministro de medida e de justiça contra o azar, corrige erros, evita os effeitos de um escandalo permanente sobre gentes miserandas e restabece, com impostos elevados, o equilibrio roto. No commercio, o intermediário eleva o preço das mercadorias, exige singulares beneficios por um serviço secundário ou inútil. O "novo Estado" limitará ou annullará essa intervenção.

Rathenau critica como os escriptores socialistas. Não innova: repete, de modo pessoal, accusações antigas. Mas, com que aspera indignação, com que sincero tom de rebeldia!

Quando Carnegie ensina á Nação norte-americana ter a riqueza deveres, quando



saúda a democracia triunphante, condena o regimen que lhe permittiu fundar, sobre crises e ruínas, em brutal luta zoológica, sua fortuna immensa. Antes de morrer, transforma a crueldade em amor. O grande industrialista tedesco renuncia a privilégios herdados, soffre porque o capitalismo degenerou em tyrannia. O bem das multidões sacrifica-se á vida ociosa de uma casta. Enquanto milhões de homens se lamentam, entre a dôr de nascer e a de morrer, ninguém tem direito a encerrar-se em refugio doirado. "E' culpado — escreve Rathenau — todo aquelle que para si e seus descendentes reserva e utiliza uma somma maior de bens materiaes que a estrictamente necessária para as exigencias de uma vida moderada".

Afundar-se-ia a ordem de nossas sociedades burguezas, se lhe applicassemos um tal critério. Quem desperdiça trabalho humano rouba a collectividade. A quantos espiritos firmes e confiados se dirige esta grave accusação?! Em summa, só a mediocridade nos redime de inquietações. Amamos os tapetes de luxo, e com este amor contribuimos para que o mal se extenda sobre a terra. Se os annos, que a elles dedicam operários de extrema habilidade, fossem empregados em trabalhos úteis, salvar-se-iam multidões que clamam por vestes e soffrem frio em grandes cidades indifferentes.

Uma entidade sómente pode ser immensamente rica em sociedades bem organisadas. Sobre todas as fortunas sujeitas a exame, a estímulo ou redução, se . entronisa a do Estado, ilLimitada, porque representa interesses communs. Em virtude de sua constante intervenção, desapparecerá a miséria, o quarto estado libertar-se-á de sua condição de eterna servidão. Sem, com perigoso espirito nivelador, destruir differenças naturaes entre os cidadãos, oppor-se-á a que sejam excessivas essas differenças e a que se estabeleça, em relação a ellas, um funesto desequilibrio no exercicio do poder.

O critico allemão põe sua esperança no Estado, arbitro das classes sociaes. Pensa em sua acção, augmentada durante os annos da grande guerra quando o premiam dolorosas realidades. Se elle intervier, vencerão' considerações de justiça. Optimismo contra o qual se erguem re-

centes experiencias. Nas democracias mais avançadas, o poder se inclina a conservar a preeminencia de uma classe social. Renunciará esta a privilégios seculares ou a uma situação creada em sangrenta luta civil; firmará, sem combater, as clausulas de um oneroso tratado de paz? O typo capitalista parece-se com o typo guerreiro — dizia Georges Sorel — e elogiava a franca violência que se substitue ao flaccido abandono ou á doce predicação de um illusorio concerto social.

Na Historia, não se deu o caso de um grupo humano, de uma corporação, de uma classe abandonar, espontaneamente, posições conquistadas com esforço. Quando, na França, se vão levantar o terceiro estado e o povo, quando a catastrophe - se aproxima, em face da grave crise do reino e de suas finanças, os notáveis repellam os impostos. Da nobreza e do clero nada obtém Necker, Colonne Loménie de Brienne, conselheiro de um monarcha desmoralizado, ambos ministros que põem seu recurso em salvar o regimen por meio de uma politica radical. A aristocracia franceza prefere a ruina commun ao pagamento de novas contribuições.

Quizemos para o mundo sublunar transformações sem violências, uma revolução que concilie tradições e esperanças, reivindicações e privilégios. No cyclo historico que se abre, não adivinhamos a realização dessa utopia. O governo defende as paixões e os interesses do proletário ou da plutocracia, revigora um ou outro grupo por meio de leis adequadas, exerce pressão sobre a burguezia ou sobre o quarto estado, para que a desigualdade perdure e a nova sociedade assente em solidas bases de injustiça. Na Rússia, os proprietários são despojados, soffre eclipse o antigo direito civil. Na Italia, para defender o principio de herança e robustecer as classes superiores, são diminuidos os impostos que gravam as successões. Implantam-se reformas: o quarto estado, que soffre miséria, destróe a civificação com o frenesi dos theoricos moscovitas, annfquila a burguezia e vence a injustiça com a injustiça 'summa injuria". Se a plutocracia defende suas posições ameaçadas, subsiste a ordem presente, os reformadores sentem-se vencidos. Toda cousa, emquanto fôr capaz disso, se esforça por perseverar em seu ser, "in



suo esse perseverare conatur" — escrevia com fria lucidez, o philosopho Spinoza.

Só esperemos, portanto, abandono ou reconciliação na obra de espiritos nobres e obstinados, como Walther Rathenau. O velho idealismo democrático e o liberalismo sofrem mingua, e a politica oscilla entre dois pontos extremos: nacionalismo — ultra-nacionalismo, segundo o gosto alemão — e communismo: regressão ao

antigo regimen e dictadura do proletariado. As reformas, o equilibrio, o optimismo das concessões e dos accórdos parecem improprios a tempos que preferem a opposição tragica, o dilemma que conduz á violência e á guerra.

Garcia Calderon

("Correio do Povo", Porto Alegre).

DISCORRENDO

Sobre a Allemanha, vencida e pobre, abateram-se os curiosos, os especuladores e os gozadores de todo o mundo. Acudiam uns, a curiosar pelo paiz que tantos odios e ladmirações concitára; outros fais-cavam ganhos inverosímeis com o marco e os inventos prodigiosos da sciencia e da industria allemã, não prevendo que outras formas de guerra continuariam no paiz; muitos outros ainda cediam á sêde do prazer fácil num paiz, em que a matança da guerra determinára um de-sequilibrio entre os sexos e impellira os sobreviventes para um materialismo ávi-do de gozos actuaes e descrente das co-acções ethicas. Poucos foram os antigos amigos e discipulos da cultura allemã, que a ella regressaram commodamente para visitar os seus mestres," para pro-seguir o seu apprendizado e estreitar ve-lhas relações de dependencia espiritual, porque certa timidez os impedia de ir ver ora miséria o que haviam conhecido em summo e inequalado esplendor — sentimento venial e comprehensível — e porque também uma cobardia inhibitiva a levava a calar, perante a moda e a paixão germanophoba, as suas antigas affinidades — sentimento esse em ver-dade pouco honroso.

Eu fui, logo em 1914, intervencionista, não pelo prurido leviano de belligerancias gloriosas, não porque a essa inter-venção estivesse logicamente ligado o in-teresse nacional, que deve ser o único pensamento de quem procura orientar-se na Babel da politica, mas porque essa in-tervenção era lógica e fatal consequência do nosso tradicional systema de politica diplomatica. Entendo que numa era de

reconstrução terá de ser considerado o problema da transformação desse systema, que teremos de nos valorizar perante o mundo, mais pelo proprio esforço, que pelos apoios carissimos de ordem exter-na, embora no momento proprio não dei-xemos de diligenciar enquadrar com os povos para quem nos attraia a reciprocidade dos interesses, a communhão do pe-rigo e um certo parallelismo historico.

Alas em 1914, ao explodir a grande guerra, era tarde para modificar o nosso systema politico externo, talvez o único ponto em quẽ a monarchia constitucional e a republica jacobina plenamente con-cordem.

Esse systema é verdadeiramente um triangulo de preconceitos: o da alliança ingleza, que nenhum tratado em vigor es-tabelece, "embora muitos a estatuíssem pa-rra emergencias que passaram; o da imi-tação franceza, nos processos politicos e nas attitudes espirituaes; e o da suspi-cacia malévola contra a Hespanha.

No fim da monarchia, por concepção republicana principalmente, um quarto prejuizo nascera, o da alliança, confede-ração ou mais intimo entendimento com o Brasil, e cresceu e avolumou em certos meios, de modo que poderemos dizer que sobre um quadriangulo de illusões se fun-damenta hoje toda a politica exterior de Portugal.

Ulusões lhes chtimo, porque ellas estão em conflicto com a realidade nesses casos ou mascaram males, que é preciso des-entravar, cauterizar e atacar, com ener-gia e coragem; perque só traduzem po-breza, fraqueza, deficiencia de originali-dade criadora e falta de consciência da



própria personalidade, — males- que todos se remedeiam com um forte querer colectivo, guiado por governos que governem.

Em 1914, mais expliquei o inevitável da nossa intervenção como espirito formado na leitura da historia do que a defendi como homem de sentimentos políticos; mas já como cidadão e victima condemnei, voz dum coro quasi unanime, a fôrma que revestiu essa intervenção.

Era isto num tempo ainda não muito recuado, mas que já se afigura longínquo, tanto se accumularam e precipitaram os acontecimentos neste periodo contemporâneo, verdadeiramente catastrophico. Era num tempo, em que eu ainda cria que, aos homens de estudo, corria o dever de intervir na politica e nella exercer uma acção ponderadora e esclarecedora, de modo a não favorecerem com o seu retrahimento na torre de marfim de um mal entendido orgulho o triumpho dos peores, dos aventureiros, « dos lisonjeadores da multidão.

Mas hoje reconheço, com mais realismo, que a todas as formas de actividade corresponde uma diferenciação de methodo e que o espirito do homem pode adaptar-se habilmente a essa differenciação, mas não quando ella requeira que as melhores modalidades, as mais laboriosamente adquiridas, se invertam e a si mesmas se condemnem. Ora, em politica, que não é a arte de governar, mas de dominar, de attingir ao poder e o, conservar, para tal áhegando-fre ás vezes ao extremo de bem governar, em politica tudo é matéria politica, como em poesia tudo é thema de imagens e de symbolos, no commercio tudo é pretexto de troca e de ganho; a politica, politico torna quanto abeira, até a moral ou a religião. E isto é uma fatalidade de methodo, não ha que estranhar, para não fazer de incomprehendido ou ingênuo, calão esquecido no mundo de hoje.

Assim mesmo ia pensando, guiado pelas admiraveis lições de philosophia politica, que dia a dia recebo da simples inspecção do mundo, quando li estas linhas claras e assertivas de Benedetto Croce:

"... os homens com que temos de obrar são inicialmente o que são; os seus conceitos, os seus preconceitos, as suas boas ou más disposições, as suas virtudes e os seus defeitos constituem o material so-

bre o qual e com o qual ha que actuar, e não ha modo de trocal-o por outro, que nos agrade mais. Se é mister, para concertar-se com elles em uma acção comum, para movel-os ao consentimento, de acariciar as suas illusões, lisongear a sua vaidade, fazer um chamamento ás suas crenças mais superticiosas e mais pueris, no milagre de S. Januario ou da egualdade* liberdade e fraternidade e nos demais chamados "principios de 89" (nullidades theoricas, mas avultadas realidades passionaes), convirá valer-se destes meios. E não ha por que escandalizar-se. Toda a forma de actividade humana, lio momento em que se desenvolve, robustece-se com as demais e submete a si mesma e faz seu o producto de todas as outras".

Embalde, dialecticamente, Benedetto Croce se cansa a demonstrar que a politica, emquanto actua como pura politica, não é inimiga da moral e pode até engendral-a e requintal-a, se se considerar o Estado como "forma elemental e apertada da vida praticá, da qual a vida moral flue por todos os costados e se escapa, espargindo-se em arroios copiosos e fecundos".

Croce defende a capacidade innegavel, que o Estado tem, de exercer suggestões ethicas, mas não logra convencer que ellas sejam sempre de alta moralidade, daquella elevada moralidade, congénita ao homem ou adquirida pela experiencia, em que se fundem todas as religiões, todas as philosophias "humanas" e todos os systemas.

O espirito rectilíneo, no raciocínio e na moral, o amor da verdade, que a cada passo se cansa em exhumar a da ganga dos prejuizos ignaros e dos interesses passageiros, a busca das altas finalidades da vida, que se ganha ou pôde ganhar no remanso do estudo, não se sentem como em sua casa na actuação politica — embora haja quem se reclame até da politica mentirosa de S. Bernardo, santo de tacto politico...

Mais liberto estou agora, sem compromissos politicos, sem deveres de supportar coherencias, para defender, de um ponto de vista puramente especulativo, a necessidade, que o meu paiz tem, de renovar a sua vida espirital ao contacta de novas fontes, da cultura hespanhola italiana e allemã. E á> Hespanha e a Itália, são talvez os paizes latinos que com



mais imparcial ardor buscam comprehender e importar o germanismo, não como tutella espiritual, desnacionalizadora, mas como seiva nova, que elaboremos e com que tonifiquemos o nosso nacionalismo.

Refiro-me principalmente á conquista de progressos novos nas sciencias e nas artes e menos á assimilação, sem defesa, do movimento critico e philosophico em

que poderão passar elementos protestantes e judaicos, que são fortemente dissolventes para a nossa constituição mental christã, de typo catholico.

Fidelina de Figueiredo

("O Jornal", Rio).



ÀS CARICATURAS DO MEZ



—Felizmente, este anno, a falta d'agua, lá em casa, está por poucos dias.

—A Repartição de Aguas tomou alguma providencia ?

—Não. E' que o anno vae se acabar.

NEGOCIO SÉRIO



—Isso não se faz ! Comprei 12 pulseirinhas de vidro e o senhor só me entregou dez.

—E' que eu não conto rodela....



"Menina, suspende a saia,
Não deixa a renda encencá,
A renda agora é dinheiro
Que tem imposto a pagá..."

AINDA BEM

Verificou-se outro terremoto na Batavia (Dos jornaes)



—O que vale é que o logar se chama Batavia ; se fosse Batatavia seria pior.

—Que influencia poderia ter uma syliaba ?

—Muita. Aqui aumentaria o preço da batata.

INDICE DO VOLUME XXVI

A emancipação politica do Brasil, Haddock Lobo	3
Oswald de Andrade, Mario de Andrade	26
Yeux verts, Emmanuel Sondorf	34
A língua basca e o portuguez, Friedrich Sommer	36
A proposito das olympiadas, Sergio Milliet	45
Fogos, Correia Junior	48
No jardim das lendas, Silveira Bueno	49
Certamen Scietitifico-Literario Ibero-Americano	53
Bibliographia	55
Resenha do mez	61
Debates e Pesquisas	86
Notas do Exterior	90
As caricaturas do mez	95
Anatole France, René Thiollie	97
Classificação psychologica do homem, Villar Belmonte	99
Poesia "pau-brasil", Paulo Prado	108
Pau-brasil, Oswald de Andrade	112
Vindicta brába, Othon d'Eça	115
A Historia Literaria do Rio Grande do Sul, Cyro Nobre	147
O rosto e a caveira, Saul de Navarro	155
Bibliographia	159
Resenha do mez	168
Debates e Pesquisas	178
Notas do Exterior	183
As caricaturas do mez	190
Historia das minhas leituras, Gilberto Amado	193
O marechal Labatut na Grã-Colombia, Argeu Guimarães	206
Manoel Bandeira, Mario de Andrade	214
Mau humor, Julio Scheibel	225
Mealhas etymologicas, Francisco Luiz Pereira	230
Facundo Quiroga, Roque Callage	234
O Senado Federal, Eduardo Limpo de Abreu	239
Capitulos de uma biographia perdida de Caxias, Eudoro Berlinck	242
"O vigia da casa grande", Oliveira Vianna	246
Bibliographia	248
Resenha do mez	254
Debates e Pesquisas	274
Notas do Exterior	281
As caricaturas do mez	286
O valor pragmático do estudo do passado, Oliveira Vianna	289
Ao tranco..., Vieira Pires	307
A necessidade de esquecer, Miguel Ozorio de Almeida	311
A beleza passageira dos meus olhos, Rodrigues de Abreu	326
Fratita que eu perdi, Martins de Almeida	329
P'ra curar feiura..., Odilon Azevedo	334
Goyaz versus Matto Grosso, Mariz e Barros	342
Conto das ruas, Brenno Pinheiro	348
Domingo dos séculos, René Thiollie	351
Bibliographia	354
Resenha do mez	361
Debates e Pesquisas	372
Notas do Exterior	376
As caricaturas do mez	382





Nutrition

E' O ELIXIR DA NUTRIÇÃO

O "Nutrion" combate a Fraqueza, a Magreza e o Fastio. Restaura as Forças e estimula a Energia. - E* o Remedio dos Fracos, dos Debeis, dos Exgottados, dos Convalescentes.

A Revista da Sociedade de Educação

*deve ser lida por todos quantos se
interessam pelos assumptos didácticos.*

Rodaotore»

Dr. A. Almeida Júnior

Dr. Haddock Lobo Filho

Prof. Pedro de Alcantara Machado

Prof. Branca do Canto e Mello

Prof. José Ribeiro Escobar

Editora: CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

Aos assignantes serão enviados os números já publicados.

A s s l g n a t u r o i m i i i i i i l l i i i j j i O O O

VS

CIDADES VIVAS

DE BRBNNO FERRAZ

**Paginas admiraveis de sociologia, em que
se tem nitida impressão da vida de tra-
balho das cidades papistas que se es-
tendem pelo Paranapanema e pelo Tietê.**

PREÇO: 5S000

Pedidos á CIA. GRAPHICO-EDITORA MONTEIRO LOBATO

PRAÇA DA SÉ, 34

SÃO PAPLO



P A R A B R E V E

A Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato
tem no prélo as seguintes obras jurídicas:

Dr. Martinho Garcez

MANUAL PRATICO DAS ACÇÕES CÍVEIS E COMMERCIAES CODIGO CIVIL EXPLICADO

Dr. Eduardo Espindola

DIREITO DE FAMÍLIA PARECERES

Dr. Alfredo Bernardes da Silva

PARECERES

Dr. Waldemar Ferreira

DAS SOCIEDADES POR QUOTAS

Dr. Diogo Carlos de Menezes

DICCIONARIO JURÍDICO

Dr. Azevedo Marques

DA HYPOTHECA

Melchisedecf Jehovah de Brito

MANUAL DE JURISPRUDÊNCIA MILITAR

Ingenieros (Traducção de Haeckel de Lemos)

PSYCHOLOGIA DOS CIÚMES A PERSONALIDADE SENTIMENTAL COMO NASCE O AMOR

Instituto dos Advogados Brasileiros

LIVRO DO CENTENARIO

Henry George

PROBLEMAS SOCIAES

Podido» 4

Companhia Graphico-Editora Monteiro Lobato
Praça da Sé, 34 — Caixa, 2-B — S. PAULO

LIVROS PARA CRIANÇAS

DE MONTEIRO LOBATO

Jéca Tafuzinho, <i>álbum colorido</i> . . .	5\$000
A Menina do Narizinho Arrebitado <i>álbum colorido.</i>	58500
Narizinho Arrebitado (<i>escolar</i>) . . .	2\$500
O Marquez de Rabcó, <i>colorido.</i> . .	2i>000
O Sacy, <i>desenhos de VoHoüno</i> . . .	28500
Fabulas de Narizinho.	3S000
A Caçada da Onça.	3S000

DE D. DOLORES BARRETO

Dodóca, <i>memorias de uma boneca</i> . .	5\$000
---	--------

DE G. A. BÜRGER

Aventuras do Barão de Münchhausen	63000
--	-------



A' venda em ^JJr todas as Livrarias

EDITORA

Companhia Graphico - Editora Monteiro Lobato

PRAÇA DA SÉ, 34 — CAIXA, 2-B — SÃO PAULO